
NOSSO
ETERNO
VERÃO
DA MESMA AUTORA DE UM POUCO DEMAIS
LIZ FERRER

NOSSO ETERNO VERÃO

DA MESMA AUTORA DE UM POUCO DEMAIS

LIZ FERRER

Copyright © 2022

Liz Ferrer

NOSSO ETERNO VERÃO

Capa: Larissa Chagas

Revisão: Rafaela Horn

Leitura Crítica: Danielly Cardoso

Diagramação: April Kroes

Esta é uma obra literária de ficção. Todos os nomes, personagens, lugares e acontecimentos retratados aqui são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência. Todos os direitos são reservados à autora. São expressamente proibidas a distribuição ou reprodução de toda e qualquer parte desta obra por qualquer forma, meio eletrônico ou mecânico sem a prévia permissão da autora.

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

sumário

SUMÁRIO
NOTAS DA AUTORA
EPÍGRAFE
PLAYLIST
PRÓLOGO
CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15
CAPÍTULO 16
CAPÍTULO 17
CAPÍTULO 18
CAPÍTULO 19
CAPÍTULO 20
CAPÍTULO 21
CAPÍTULO 22
CAPÍTULO 23
CAPÍTULO 24
CAPÍTULO 25
CAPÍTULO 26

CAPÍTULO 27
CAPÍTULO 28
EPÍLOGO
UMA DAS CARTAS QUE GRAYSON ESCREVEU

notas da autora

Antes de tudo, é importante deixar claro que NOSSO ETERNO VERÃO se trata de uma novela. No Word, ele contém apenas 206 páginas, e realmente espero que a Amazon não tenha aumentado tanto. Por isso, quero pedir que *não* reclame dos acontecimentos corriqueiros. NEV foi feito para ser lido numa tarde, apenas para, quem sabe, tirar de uma ressaca. Não há acontecimentos surpreendentes nem aprofundamento de personagens secundários. O livro é focado única e exclusivamente no >casal<, tudo bem?

O livro também apresenta conteúdo sensível, como: ***neurose de abandono, crise de ansiedade e automutilação (cenas gráficas), uso de álcool, abuso sexual (apenas menção) e câncer.***

Nossa protagonista, Veneza, é uma personagem complicada. Ela comete erros e faz coisas não tão legais, mas, mesmo assim, espero que consiga entender o seu lado e simpatizar com ela, ainda que um pouquinho. <3

Ah, e faça terapia, hein? Não é por que Veneza não é adepta ao tratamento, que você deve seguir o exemplo dela. Meu intuito foi criar uma personagem real, com pensamentos reais, mas deixo aqui um adendo para quão importante é a terapia! Se tiver a oportunidade e, claro, quiser, não deixe de fazer.

No mais, isso é só.

Uma boa leitura!

Liz Ferrer.

Para todos aqueles que, em algum momento,
tiveram medo de se entregar.



O amor feio se torna você.

Consome você.

Faz você odiar tudo.

Faz você perceber que nem todas as partes bonitas valem a pena.

Sem o belo, você nunca correrá o risco de sentir o feio.

Então, você desiste de tudo.

Você desiste de tudo.

Você nunca mais quer o amor, não importa de que tipo seja, porque nenhum tipo de amor valerá a pena viver através do amor feio novamente.

— O Lado Feio Do Amor, Colleen Hoover.

playlist

Ouça no Spotify, clicando aqui.



Veneza Thronicke

passado

— Você é a coisa mais especial que já me aconteceu, vampirinha.

Soltei uma risadinha nasalada, me aconchegando no peito do meu namorado, enquanto assistíamos ao sol se pôr, sentados na areia da praia.

O céu ganhava tonalidades desde o laranja mais forte até o rosa mais claro conforme a estrela se perdia na maré, quase como se estivesse se despedindo.

Eu amava isso. Amava estar com Grayson todas as tardes naquele mesmo lugar. Era o nosso cantinho, nosso refúgio. Enquanto os turistas e os moradores da região aproveitavam o fim do verão de outra forma, nós ficávamos ali, aproveitando a companhia um do outro. Nós havíamos nos conhecido no início do período mais quente

do ano, há três meses, e, depois, quase no término, a paixonite da qual minha vó jurava se tratar nunca passou.

Na verdade, se transformou em algo muito maior.

— Você não vai esquecer desse apelido nunca, não é? — Revirei os olhos, segurando o riso.

— Nunca! — Ele fez cócegas na minha barriga desnuda e estalou beijos no meu pescoço. Contorci-me e comecei a gargalhar, tentando me livrar do seu toque. — Nem que se passem mil anos, Veneza.

Droga, ele tinha que parar de falar aquelas coisas.

Virando-me para Grayson — ou apenas Gray para os íntimos —, encarei seus intensos olhos castanhos e puxados, característica derivada de sua ascendência coreana. Eles costumavam me acalentar em tempos de aflição, e era por isso que eu sempre buscava por eles quando o resultado não era o que eu esperava em uma competição do meu time de voleibol ou quando acontecia algo em casa. Eles me confortavam sem precisar dizer uma única palavra.

Uma pena que esses mesmos olhos tenham se transformado no meu maior tormento.

— Eu amo esse seu romantismo, sabia? — Beijei rapidamente seus lábios formidáveis.

— E eu amo você — soltou baixinho, enroscando uma mecha do meu cabelo castanho para trás da orelha.

Ele nunca tinha dito algo do tipo naqueles meses todos, então não consegui esconder o choque que tomou meu rosto, mesmo que parte de mim já suspeitasse.

— Sério? — sussurrei, aturdida.

— Uhum. — Selou os lábios em minha testa com carinho. — Nunca se esqueça ou duvide disso, leoa valente, porque eu vou te amar mesmo quando me odiar, até o meu último suspiro de vida nesta terra.

— Eu nunca vou te odiar, Gray... — Fiz um biquinho, decepcionada por ele achar aquilo.

Meu namorado abriu o sorriso mais triste que já presenciei vindo dele. Logo dele, que costumava sorrir com todos os dentes e raramente ficava chateado.

— Não tenho tanta certeza disso.

— Pois eu tenho! — exclamei. — E sabe por quê? Porque eu também te amo. Muito mesmo.

Eu poderia jurar que culpa nublou as íris escuras.

E, na época, eu me senti mal ao vê-lo daquele jeito.

Agora? Eu só quero que ele se afunde no próprio remorso.

— E irá me amar independentemente de qualquer circunstância?

— Sem dúvidas.

— Promete?

— De dedinho. — Estendi meu dedo mindinho para ele, sorrindo. Gray também sorriu, um sorriso que não chegou aos olhos, e imitou meu gesto, entrelaçando nossos dedos. — Se algum de nós descumprir essa promessa, o mindinho terá que ser decepado.

Ele gargalhou alto, me abraçando e beijando no processo.

— Meu Deus, o que será da minha vida sem você, Veneza?

— “O que seria da minha vida sem você”, você quis dizer. Já que nunca vamos ficar longe um do outro.

Ele apenas assentiu, nenhuma única palavra saiu de sua boca.

Ele apenas assentiu e tomou meus lábios com os dele. Como se isso, de alguma forma, fosse servir para reparar meu coração eventualmente machucado.

— Quer jogar vôlei comigo? — convidei, me preparando para levantar, mas parei assim que ele negou com a cabeça.

— Estou cansado. — Suspirou. — Quero deitar.

— Você anda muito cansado esses dias... — murmurei, preocupada. — Está acontecendo alguma coisa que eu não sei?

Não era a primeira vez que ele reclamava da falta de disposição para mim. Nos últimos dias, era o que mais andava acontecendo. Eu até mesmo tinha a impressão de que ele estava um pouco mais magro do que o normal.

— Não é nada, vampirinha. É só que... passamos o dia fora. Estou com saudade de uma caminha quente — tranquilizou-me, se levantando com certo esforço e limpando a areia da bermuda. — Vem comigo?

— Para o que der e vier. — Eu o abracei de lado, recebendo um selinho casto no topo da minha cabeça. — Sabe o que eu notei? Pelos meus cálculos, o verão vai acabar amanhã!

— Jura? Uau... Eu, com certeza, estou te amando mais agora.

Belas palavras.

O único problema era que não passavam de uma mentira.

Se ele me amasse de verdade, teria sido honesto comigo desde o começo.

Se ele me amasse de verdade, não teria brincado com os meus sentimentos como brincou.

Se ele me amasse de verdade..., não teria dito que me amava horas antes de ir embora. Horas antes de partir para o outro lado do mundo e me deixar sozinha, sem qualquer explicação.



Veneza Thronicke

presente

Meu time não sairá daqui sem a droga daquelas medalhas de ouro no pescoço de cada uma. Não passamos meses nos preparando intensivamente para este dia para sairmos daqui com uma maldita medalha de prata.

1 ponto, apenas 1 decisivo ponto e o Lions League será oficialmente o campeão do campeonato mais importante de vôlei de toda a Califórnia. Vencemos as duas primeiras partidas, não vamos desandar agora e permitir que o Bruins tenha esse gostinho.

E, como atacante do time, essa missão é minha.

Recebo a bola de Cassie, a levantadora do Lions e, para quem vê de fora, minha grande amiga, e me posiciono ao fundo da quadra. Respiro fundo, observando todos na expectativa, todos das

arquibancadas (ou quase todos) torcendo por nós. Não vou decepcioná-los. Não me permito correr esse risco.

Com um salto, coloco toda a força que consigo na bola, garantindo que ela baterá diretamente no chão do Bruins. Mas, para o meu azar, elas conseguem rebater a bola para nós novamente, e, se não fosse pela agilidade de Emy, nós teríamos perdido.

Os segundos seguintes se resumem às jogadoras desesperadas em busca dos seus sonhos. Perco a conta de quantas vezes devolvo a bola para elas com toda a raiva que consigo. Elas são boas, não é à toa que ganharam quatro dos cinco últimos jogos dos quais participaram.

Certo... Elas são boas, porém, nem mesmo uma das equipes femininas mais famosas do mundo é párea para nós que, mesmo ingressando no mercado há tão pouco tempo, já temos um futuro promissor no ramo.

Derrotamos o Chelsea, que se considerou imbatível incontáveis vezes, e é óbvio que agora não será diferente.

Porque, com uma sacada de mestre, eu dou o xeque-mate.

As garotas do Lions League, vencedoras em todos os *sets,* são as mais novas campeãs do *Volei Champions.*

Mais uma para a conta!

O time inteiro se abraça, junto à nossa técnica e os demais envolvidos na vitória. De soslaio, enxergo algumas garotas do Bruins chorando, decepcionadas. Eu até poderia sentir pena, mas foi exatamente por isso que batalhamos incansavelmente.

Viramos para a torcida e fazemos uma reverência, agradecendo por todo o apoio, e, em seguida, por puro protocolo, cumprimentamos as adversárias, que mal tocam nossas mãos. Acabando com a simpatia forçada, somos guiadas ao vestiário, onde a verdadeira festa irá acontecer.

Mal toco os pés no piso polido para a gritaria começar. Sorrio de canto e balanço a cabeça, abrindo o armário para pegar minha toalha.

— Ah, qual é! Não vai comemorar com a gente, Vê? — Cassie reclama, desamarrando os cabelos loiros.

— Depois de tomar um bom banho. — Penduro a toalha nos ombros com dificuldade, reprimindo um gemido de dor.

— Nada disso, mocinha! — Ela vem até mim. — Depois do banho, a adrenalina vai sair toda do seu corpo. Aí, não vai ter mais graça.

— Cass, n... *PORRA!* — Libero um grito esganiçado de dor quando Cassie puxa meu braço com brusquidão, torcendo meu ombro já machucado.

— Puta merda, o que eu fiz?! — Solta-me imediatamente, se sobressaltando.

— N-nada — sussurro, massageando a região atingida. — Só está meio machucado.

Cassie abre a boca para falar, mas a treinadora Lindsay aparece à porta de braços cruzados, me lançando um olhar de reprovação. Xingo baixinho quando ela desencosta do concreto e caminha na minha direção.

— Me deixe ver.

— Treinadora, é só um machucado, não prec...

— Veneza Thronicke, não me faça repetir. — Sua voz dura e autoritária me faz engolir em seco. — Me mostre seu machucado agora ou eu deixo você sem jogar por 1 ano.

— Lindsay! — protesto, indignada.

— *Agora.*

Eu sou bem destemida na maior parte do tempo, não tenho medo de muita coisa e quase nada consegue realmente me atingir. Entretanto, existem duas situações que me fazem tremer na base:

1. O olhar furioso de Lindsay;

2. A ideia de *vê-lo* outra vez.

Fora isso? Os anos me moldaram para ser uma ganhadora, sempre, em todas as etapas da minha vida.

- Sempre sair por cima em alguma discussão;
- Nunca chorar por homens, eles não valem a pena;
- Se colocar em primeiro lugar e não se importar nem um pouco se estiver sendo egoísta;
- Não entregar seu coração para mais ninguém;
- Diversão? Apenas sexo sem compromisso com um estranho qualquer;
- Vitórias, vitórias, vitórias e vitórias. Nunca perdas;
- Ser fria. A sensibilidade acabará sendo a causa da minha ruína;
- Nunca mostrar fraqueza.

Revirando os olhos e, por dentro, temendo a bronca que irei levar, puxo o ar para dentro dos pulmões e ergo os braços a fim de tirar a camisa, contudo, não consigo. Antes que meus cotovelos atinjam metade do caminho, meu rosto está se retorcendo em agonia. Lindsay percebe e, soltando uma lufada de ar profunda, pega uma tesoura em um dos armários. Sem cerimônia, ela corta o tecido localizado na parte do meu ombro esquerdo.

— Cacete! Era minha camisa fav...

— Me diga que você não jogou hoje sabendo do estado do seu ombro, Veneza. — Ela me interrompe, rígida, a voz assassina. Minha treinadora me encara, os olhos crepitando de raiva. Ou de preocupação, vai saber. — *Me responda.*

Engulo em seco, soltando um chiado por entre os dentes ao visualizar, através do espelho, o inchaço evidente e a vermelhidão se espalhando até o meu pescoço.

Droga, droga, droga.

— Eu venho tomando analgésico há alguns dias e...

— *Há alguns dias?!* — grita, e eu me encolho. — Há quanto tempo isso está assim?

— Hum... Uns 7 dias?

— *VENEZA!* — Um coro surpreso e aflito reverbera no pequeno lugar.

Lindsay nega com a cabeça, sem acreditar no que está ouvindo.

— Você ficou completamente louca. Completamente louca! — repete sem parar. — Tem noção da merda que fez, Veneza? *Você*

tem a merda da noção?!

Um bolo amargo se forma na minha garganta. Por instinto, baixo a cabeça. Quero pedir para que não grite, porque passei a vida ouvindo meus pais e avós gritarem ao pé do meu ouvido e não tenho boas lembranças disso. No entanto, em vez disso, somente busco, baixinho, me justificar:

— Era a grande final, eu não queria que...

— Você acha que é a única jogadora boa aqui, Veneza? Acha que, sem você, a equipe está perdida? O que passou pela sua cabeça ao ver a porra desse inchaço? “Ah, não importa, eu *preciso* participar, já que, sem mim, a gente não tem a mínima chance de vencer”? Por favor, você é como todas as outras! Não há nada de especial em você, entenda isso.

Não chore.

Não demonstre fraqueza.

Erga a cabeça e mostre a ela que você é, sim, a porra da melhor, mesmo que isso te faça parecer uma idiota mesquinha.

Levanto a cabeça.

Faz muito tempo desde a última vez que deixei alguém me humilhar e sair como certo.

— Não foi o que o nosso jogo da semana retrasada disse, treinadora Lindsay. Só bastou que eu saísse da partida, para que as coisas começassem a desandar, hum? Uma competição importante, mas a qual perdemos vergonhosamente, e você passou horas se martirizando por ter me trocado por uma que, sequer, sabe o que está fazendo aqui.

Estou acostumada a declarar coisas do gênero, a ser babaca, mas isso não quer dizer que doa menos. Essa não sou eu. Sinto-me mais como uma bonequinha que deixa o medo de ser machucada controlar suas atitudes. E me odeio por ter falado de Jane. É verdade que ela ainda é inexperiente e que, talvez, *só talvez,* tenha atrapalhado o jogo, porém, isso não me dá o direito de ofendê-la de maneira tão baixa e ridícula.

Lindsay ri, descrente.

— Você irá se consultar com um ortopedista hoje e irá fazer *tudo* o que ele indicar, está ouvindo? Ou isso ou eu tiro você do time.

Ao mesmo tempo em que quero acreditar que ela nunca faria algo do tipo, conheço-a o suficiente para saber que Lindsay não blefa. Ela cumpre suas palavras sem um pingo de remorso, e eu definitivamente não quero ser alvo de sua ira.

— Como quiser, treinadora.



Veneza Thronicke

Se Deus não me der autocontrole, eu, sem dúvidas, irei arrancar a droga dessa tipoia e arremessá-la no oceano. Sou completamente dependente dos meus dois braços e não ter um deles à disposição está me tirando do sério.

Segundo o ortopedista, terei que ficar mais duas semanas com esse negócio irritante enquanto faço uso de medicamentos para dores e inchaço. E, como se não bastasse, sessões de fisioterapia depois, já que negligenciei a lesão e isso virou algo relativamente mais grave do que deveria.

"É o que a teimosia faz com as pessoas", foi o que o Dr. Olav disse, risonho.

Ele é um senhor muito simpático, daqueles que te fazem querer ir ao hospital só para passar horas conversando sobre algo completamente aleatório. Conheço-o desde que ingressei nesse mundo, e, sinceramente, Olav é a única pessoa com quem eu ainda partilho sorrisos.

Fitando o calendário colado à parede, sou invadida por uma onda de sensações ruins. Nostálgicas.

Dia 21 de junho.

É verão.

A época em que eu... o vi pela primeira vez.

E a época em que tudo acabou tão rápido quanto começou.

9 anos. Malditos 9 anos se passaram, e ele ainda ronda meus pensamentos. Principalmente, em dias como este. Principalmente, no verão.

Levanto-me da cama, diligente em não forçar meu ombro, tomo banho e visto roupas praianas. Sem ajuda, o processo demorou o triplo do tempo, mas, quando finalmente meus pés entram em contato com o solo arenoso, a brisa fresca do mar bagunçando meus cabelos, esqueço de todos os problemas.

Estendo uma toalha no chão próxima a umas garotas praticando vôlei de praia, todas sujas de areia. Sorrio, me deixando ser levada para quando não doía tanto ver jovens se divertindo com a modalidade do esporte que *nós dois* gostávamos.

Tudo me lembra Grayson Caine. Tudo me faz lembrar o único homem que amei e o único que partiu meu coração da pior maneira possível.

Faz 9 anos que não tenho notícias dele, que sequer sei o seu paradeiro. A última vez que tive conhecimento de algo a seu respeito foi quando Flora, sua mãe, disse que ele tinha retornado para Nova Iorque com o pai.

Eu poderia criar uma lei, imputando crime a todos aqueles que ainda sentem falta dos responsáveis por encharcar seu travesseiro de lágrimas às 3h da manhã e que fazem seu coração doer como o inferno.

A pena? 20 anos de prisão. Ou mais. Acho que a cadeia seria uma boa distração. Por exemplo, eu estaria mais ocupada reclamando das celas sujas do que relembrando dos seus beijos. Beijos esses que eu não tenho mais certeza da textura ou do sabor. Seu cheiro já é uma realidade distante, e não lembro mais do tom exato da sua voz.

Porém lembro claramente dos seus olhos. Da sensação de casa que eles me traziam.

Pisco várias vezes, impedindo que as lágrimas caiam. Não vou chorar por um cara que me traiu, que achou vantagem em brincar com meu coração até ele se estilhaçar.

Sinto uma movimentação ao meu lado e, pelo canto do olho, avisto os chinelos bregas de dinossauro que só uma única pessoa que eu conheço usa.

Meneio a cabeça para o lado e vejo Cassie andando até mim. Seus fios loiros estão presos em um coque e ela não veste mais nada além de um par de biquínis rosa, apenas com uma embalagem de protetor solar nas mãos. Procuro abrir meu melhor sorriso forçado, varrendo qualquer vestígio de uma fraqueza momentânea, e dou espaço na toalha para que ela se sente comigo.

— Não imaginei que estivesse aqui. Como você consegue se vestir sozinha? — Ela indaga em forma de cumprimento, se assentando.

Rolo os olhos.

— Estou com um ombro luxado, Cassie, não inválida.

— Mesmo assim... Quer? — Ela me oferece o protetor solar, mas eu nego, avisando que já passei. — Na minha cabeça, você não iria fazer tanto esforço só para sentar na areia e ficar olhando o mar.

Tem mais significado do que isso, Cassie.

Dou de ombros, fazendo pouco caso.

— Eu gosto do verão.

— Sério? Não parece. Já perdi as contas de quantas vezes te chamei em outros anos para sair de casa e jogar um vôlei na praia, e você sempre recusou.

Bufo, afastando meu cabelo do rosto com o braço bom.

— Gosto do verão, da praia, não do vôlei.

— Isso não faz o menor sentido, principalmente vindo de uma *jogadora de vôlei.*

Paz. Era só isso que eu queria quando planejei vir para cá.

— Cassie, por favor, você pode fazer silêncio? Eu realmente não tenho que ficar te dando explicações das decisões que tomo e nem *quero* fazer isso.

A loira morde o cantinho do lábio e dá uma risada curta e irônica. Não preciso conhecê-la há séculos para saber que irá continuar falando e que o teor da conversa não será nada agradável.

Não somos o retrato de uma amizade saudável, não chegamos nem perto disso. Chega a ser hilário ver *edits* de nós duas feitos por fãs viralizando nas redes sociais, como se fôssemos as melhores amigas do mundo e estivéssemos ali uma pela outra para a vida toda. São trechos retirados de entrevistas nas quais eu a elogio, trechos de campeonatos, em que nos abraçamos fortemente e parabenizamos uma à outra, trechos de *posts,* trocando comentários carinhosos em nossas fotos publicadas...

Acontece que eles estão longe de saberem como o mundo da fama, de fato, funciona. Longe de descobrirem o que um bom marketing pode fazer. Se descobrissem que minha amizade com Cassie gira em torno de ofensas e que não há nada de verdadeiro entre nós, nossa imagem e a do time seria manchada, e não queremos isso.

Somos boas em fingir, de qualquer forma.

— Eu tenho tentado há anos ser uma pessoa digna de ser sua amiga, Veneza. — Ela me encara. — Mas não importa o que eu faça, *você* sempre irá me enxergar como um monstro.

Eu gargalho, balançando a cabeça, desacreditada do quanto Cassie consegue se fazer de dissimulada quando lhe convém.

— Eu já faço muito por você fingindo esquecer o que fez e não deixando a mídia sujar sua imagem.

Seus olhos se arregalam.

— Eu já pedi desculpas por aquilo, Veneza!

— Pelo que, exatamente? — Faço uma pausa, esperando que ela diga algo. Minha garganta queimando. Como nada sai de sua boca, continuo: — Por ter deixado seu amigo me estuprar

enquanto eu estava bêbada ou por não ter oferecido ajuda? Vocês dois deveriam agradecer por eu não levá-los à polícia, Cassie. Sabe que sua carreira iria para o ralo em questão de segundos, não sabe?

Minhas palavras surtem o efeito desejado, pois o oxigênio parece ser roubado de seus pulmões e sua garganta convulsiona pelo nervosismo. Seus dedos das mãos começando a tremer, os quais ela tenta conter.

— Eu pensei que... que ele fosse só te beijar, Veneza. Você sabe que o Andrew sempre nutriu uma paixonite por você, mas você nunca correspondeu, então...

— Então, ele se aproveitou da minha vulnerabilidade e fez o que fez. — Rio, amarga. — Andrew sabia que nunca tocaria em um centímetro meu, se eu estivesse consciente, certo? Que se foda, nunca esperei nada vindo dele. O que me revolta mesmo é saber que você tinha ciência de tudo e, mesmo assim, permitiu que isso acontecesse.

Uma mentira.

Posso nunca ter esperado nada vindo de Andrew, mas ter sido violentada não apenas me deixou revoltada, como, sobretudo, abriu uma ferida que nunca foi cicatrizada. Uma das centenas que tenho. Posso me fazer de forte a maior parte do tempo, dizer que superei e que isso não me afetou tanto, mas só Deus sabe o quanto de mim morre todos os dias.

— Eu não sei mais o que fazer para receber o seu perdão — admite, quase inaudível. — Cansei desse seu descaso comigo.

Estalo a língua no céu da boca, desdenhosa.

— Não precisa fazer mais nada, eu não valho a pena. — Ponho meus óculos de sol e deito na toalha, apoiando o braço imobilizado sobre a barriga e o outro sobre a testa. — E você nunca irá tê-lo, de qualquer forma.

De soslaio, capturo o momento certo em que o semblante de Cassie se modifica para uma carranca intensa. Raiva contornando suas feições delicadas e inflamando os olhos azuis.

Ela é a princesinha do Lions League, a que mais tem fã-clubes e seguidores no *Instagram,* a modelo da equipe, eu diria. Cassie tem uma simpatia que encanta a todos e é a mais carismática com os fãs. Se, um dia, eu a denunciasse, não tenho certeza se acreditariam em mim porque, ao contrário dela, sou a mais odiada entre as garotas.

Outro peso que ainda tenho que carregar.

— Quer saber? Você tem razão. — Ela levanta, limpando o pouco de areia que grudou na sua pele. — Não sei como te suport... aliás, esquece. — Dá risada. — Ninguém te suporta, na verdade. Cuidado, Vê. Assim, você vai acabar morrendo sozinha. Ninguém nunca vai se prestar ao papel de te aturar.

E assim, deixando suas palavras cheias de veneno pairando na atmosfera que ameaça me sufocar, ela sai, rebolando o quadril, dando um tchauzinho animado e fazendo pose para a paparazzi que a fotografa, que deve estar fazendo o mesmo comigo sem o meu consentimento.

Não deixe se afetar por pouca coisa, Veneza. Ela não sabe o que fala, meu subconsciente tenta me dar uma forcinha, mas não dou ouvidos. Não *consigo* dar ouvidos. Não quando meu coração

dói e se enche de tristeza de tal modo que sinto como se estivesse matando mais uma parte da minha alma.



Veneza Thronicke

Verão de 2013

Melbourne

Eu odeio esse garoto na mesma intensidade que sou caidinha por ele.

— Assim não vale, Grayson! — grito, cruzando os braços.

— O quê? Não aceita que a jogadora profissional está perdendo para o novato? — Ele provoca, ficando em posição de ataque.

A prefeitura, depois de tanto apelo, finalmente arrumou a área destinada ao vôlei de praia. Quando fiquei sabendo, não perdi tempo e chamei Gray para jogar comigo.

Decisão péssima, porque eu perdi os dois *sets* vergonhosamente.

E ele nem sabia como se jogava!

— Você está fazendo errado! — reclamo. — Está colocando muita força e jogando muito longe de onde estou.

— Não lembro de ter dito nada sobre isso. — Ele ergue uma sobrancelha, se preparando para jogar a bola outra vez, mas, quando percebe minha birra, endireita a postura e a põe debaixo do braço, abrindo aquele sorriso que me deixa toda sem jeito. — O que aconteceu, vampirinha?

— Nada — resmungo, meus pelos se arrepiando com uma facilidade odiosa quando Grayson se aproxima. — Sai daqui.

Empenho-me para empurrá-lo, porém, ele é duas vezes maior e mais forte do que eu.

Sua risada gostosa atinge meus ouvidos.

— Você fica linda toda bravinha assim. — Larga a bola na areia e puxa minha cintura, colando meu torso no dele, mas me recuso a olhar nos seus olhos. — Me perdoa?

— Hum.

Grayson gargalha alto diante da minha relutância e assalta minha boca com um beijo. Meus lábios coçam para o lado em um sorriso bobo e idiota, finalmente levando minhas írises às dele.

— Juro que vou jogar direito — alega, acariciando minha cintura.

— Se você estivesse numa competição de verdade, iria ser desclassificado na hora.

— Bom, sorte que eu não estou e que minha namorada linda irá deixar isso passar, né? — Choca os cílios um no outro, fazendo sua melhor atuação inocente.

Seguro a risada, cutucando seus gominhos duros.

— *Só* dessa vez. — Não resisto e beijo sua bochecha. — Agora, vai! Estou toda suada e fedendo.

Grayson se inclina e fareja próximo ao meu pescoço, manifestando uma careta logo em seguida.

Eu já disse que o odeio?!

— Realmente, você está fedendo. Não tomou banho antes de vir, não?

— Eu não suporto você! — retruco, batendo no seu peito e indo para longe, sentando em uma das cadeiras vazias. Meu namorado não se aguenta e começa a rir, caminhando na minha direção. — Nosso namoro de verão está acabado, já pode ir atrás de outra menina que consegue ser cheirosa depois de duas horas debaixo do sol tinindo!

— Para de falar besteira. — Ele me pega no colo, assim, como se eu fosse uma boneca de pano, e me coloca sentada em suas pernas. — Não quero outra pessoa que não seja você.

— Bom, não é o que parece, já que...

Grayson me cala com um beijo demorado.

Eu suspiro, entregue, encaixando minhas palmas no seu rosto e entreabrindo os lábios para a passagem da sua língua.

É incrível pensar que o carinha por quem eu estava doida assim que cheguei para passar férias na Austrália, depois de uma viagem intensa desde o nosso lar, na Califórnia, na melhor fase do ano, me deu bola e retribuiu meus sentimentos com tanta intensidade.

Não sei o que o futuro nos reserva, mas quero estar com ele em cada situação. Ser para Grayson um pontinho de calmaria assim como ele é para mim.

— Vamos ser acusados de tentado ao pudor daqui a pouco, Veneza — diz, meio sem fôlego, e eu sorrio, largando-o com dificuldade. — Quer terminar os *sets* e… banhar comigo depois?

Prendo o lábio inferior entre os dentes, pensativa, embora a resposta seja óbvia.

Faz 1 semana que Grayson e eu... hum... fizemos *aquilo*, mas, devido às tarefas acumuladas que ele tem da escola e dos meus treinos intensivos de vôlei, já que cada vez mais um campeonato se aproxima, não tivemos mais tempo para repetir.

— Seus pais não estão em casa?

— Ambos no trabalho — responde, esperançoso.

Abro um sorriso pequeno.

— Tá bom. — Fico de pé, espalmando as mãos na cintura. — E, então, podemos fazer aquele doce diferente, o brigadeiro, e maratonar *The Vampire Diaries*?

Ele revira os olhos, beija minha testa ao passar por mim e pega a bola, rodando-a em um único dedo.

— Depois não pergunte o porquê de eu te chamar de “vampirinha.”

— Eu carrego esse apelido com muito orgulho, ok? Todo mundo sabe que essa série é a melhor do mundo! Até você está rendido por ela.

— Eu estou rendido por *você,* Veneza. Suporto qualquer coisa, até mesmo uma série com lobos, vampiros, bruxas, seres híbridos e umas histórias estranhas, contanto que esteja comigo.

Fico vermelha.

— Estou em dúvida entre te beijar e te bater agora — murmuro.

— Eu, com certeza, sou a favor da primeira opção. — Ele segura minha mão e me puxa para a quadra. — Agora, vem. Vou te mostrar como consigo ser bom, mesmo sem trapacear.

— Ah, então você admite! — exclamo, indo atrás dele.

Quando paramos um de cada lado da área, vejo seu sorriso através dos grandes furos quadrados da rede que nos separa. Não posso impedir o meu coração de dar um salto louco dentro do peito.

Estou apaixonada por esse garoto desde que eu o conheci, sem dúvidas, mas passei a *amá-lo* com o passar dos dias, à medida que fomos construindo nosso relacionamento de bloquinho em bloquinho, até ser o que é hoje.

— Posso te falar uma coisa antes de começar? — Gray pergunta.

— Lá vem.

Ele ri.

— Você fica toda deliciosa com essas roupas apertadas.

Meu corpo esquenta violentamente, e nem é pelo sol queimando minha pele.

— E você é um pervertido! — Posiciono-me estrategicamente no meio da quadra, aterrissando as mãos nos joelhos. — Vamos,

para de graça e joga logo.

— Uh, tão mandona... Gosto disso.

Antes que eu perca a paciência e procure outro parceiro — não que isso fosse, de fato, acontecer —, Grayson pega impulso e bate na bola, arremessando para onde estou numa distância justa. Lanço-me ao chão a tempo de pegá-la e invisto de volta para ele. Uma pena que, ao contrário da namorada, Grayson não possui um reflexo tão bom, deixando que a bola bata no chão de areia.

— Isso! — comemoro.

— Não cante vitória antes do tempo, leoa — cantarola.

Mostro o dedo do meio para ele, que, sorridente, recomeça a jogada.

Ficamos nessa até a lua tomar o lugar do sol. Grito com ele, gargalhamos, nos beijamos um pouquinho para dar trégua às brigas e comemoramos nossas vitórias. Apenas quando as pessoas começam a ir embora e o mar começa a ficar humildemente assustador, decidimos parar.

Em casa, fazemos exatamente aquilo que dissemos mais cedo.

Ele faz amor comigo com a água do chuveiro caindo sobre nossas cabeças.

Eu entrego a ele mais um pedacinho de mim, confiando a ele mais um cantinho do meu ser.

Em seguida, nos embalamos nas toalhas, e Grayson me empresta uma de suas camisetas. Quase botamos fogo na cozinha ao tentarmos fazer o famoso brigadeiro — o que saiu mais como

uma réplica mal feita —, coloco um episódio de TVD para rolar e deitamos na cama, abraçadinhos enquanto comemos brigadeiro queimado e duro.

No entanto, em todos os esses momentos, um único pensamento predomina em minha mente.

Sei que é muita ingenuidade pensar isso, fazer tal pergunta, até para uma garota de 16 anos, mas...

Seria pedir demais que o meu romance de verão fosse eterno?



Veneza Thronicke

Duas semanas sem pisar em uma quadra.

Duas semanas sem sentir a textura macia da bola leve de vôlei contra minhas palmas.

Duas semanas sem coletivas de imprensas — isso, entretanto, por decisão minha. Recuso-me a aparecer nesse estado deplorável em frente aos *flashes* e às enormes lentes fotográficas. Conheço a internet o suficiente para saber que demoraria pouco para se voltarem contra mim quando descobrissem que o dano causado no meu ombro foi fruto de pura irresponsabilidade.

Neste momento, estou a caminho do centro esportivo. Segundo meu ortopedista, começarei as sessões de fisioterapia até garantir que problemas como esse não ocorram mais — algo em torno de 4 a 6 semanas —, o que, levando em consideração a minha experiência, sei que é impossível. Lesões ou coisas mais graves no ombro acontecem a todo instante, principalmente para nós, jogadores de vôlei, que precisam justo dessa parte do corpo mais do que qualquer outra.

Ao chegar, encontro a treinadora e as garotas sentadas no chão, fazendo alongamentos e jogando conversa fora. Com o braço livre da

faixa, aceno, sentindo um leve incômodo.

De má vontade, elas retribuem, voltando aos seus afazeres.

Regra número 110 do meu Guia de Sobrevivência: Não ligue para a rejeição. Foi você quem a escolheu.

— O fisioterapeuta já chegou. — Lindsay anuncia. — Faz mais de meia hora, aliás.

Franzo o cenho, ignorando a indireta.

— “O”? Mas...

— Violet está de licença por conta da gravidez, lembra? O filho dela nasceu na semana passada. — Antonella, uma das poucas que considero aqui, diz, com um sorriso terno. — Mas não se preocupe, o novo é um gatinho e muito legal.

Desconfortável, troco o peso das pernas.

— Vocês contrataram um *homem?* — Umedeço os lábios secos com a língua, evitando fazer alarde. — Não é perigoso e...

— Ele é um homem competente, Thronicke, filho de pais respeitáveis e alguém que se esforçou muito para chegar onde chegou. Vimos seu histórico em outros hospitais e relatos de pacientes, e não há, sequer, uma reclamação acerca dele. — Lindsay corta, sem paciência. — Agora, por favor, pare com essas desconfianças bestas e vá ao consultório.

— Trein...

— *Agora, Veneza!* — berra. Aperto a barra da minha blusa, sobressaltada. — Ele já deve estar perdendo a paciência com o seu atraso.

Retorcendo os dedos, mais aflita do que nunca, ofereço uma expressão que deixa claro que, se algo acontecer lá dentro, descarregarei a culpa toda em cima dela.

Não é algo correto a se fazer, sei disso. Lindsay não teria culpa de nada, mas, droga... Ela *sabe* o que aconteceu comigo. Sabe sobre Cassie, sobre Andrew, sobre como a minha confiança em homens se resumiu a menos do que 0 depois daquilo. Há 8 meses, estou transando apenas com um colega da área do futebol e, mesmo que eu já tenha enjoado da mesmice do nosso sexo — já que não confio mais em outros homens e em como eles podem agir —, preciso dele — *disso* — para tirar o peso das confusões dos meus ombros por, pelo menos, uma noite.

E não, não estou sendo babaca. Jonathan sabe disso, das minhas necessidades, do porquê aceitei esse acordo casual. Eu não o estou iludindo e muito menos sendo uma megera.

Dirigindo meus passos pelo corredor parcialmente vazio — com exceção de alguns funcionários e outros jogadores —, encontro a sala de porta marrom ao fim do trajeto. Com as mãos molhadas, enxugo-as no meu short folgado, que eu escolhi justamente por achar que Violet continuaria sendo minha fisioterapeuta. Agora, porém, eu só consigo sentir repulsa.

Tremendo, obrigo meu cérebro a parar de me sabotar. Convenço-o de que já passei por coisas piores e saí por cima. Não vai ser diferente agora. Seja lá o que aconteça, aprendi a lutar com 8 anos e há objetos cortantes no consultório. Posso usar ambos a meu favor.

Limpo a garganta, respiro fundo e, quando acho que estou pronta, alcanço a maçaneta e a giro.

A rajada de ar frio atinge meu rosto, se assemelhando muito àqueles filmes de romance nos quais a mocinha faz uma entrada triunfal no ambiente em que seu par romântico trabalha.

Sem a parte do par romântico, claro.

De primeira, não o vejo, mas basta uma olhada rápida para o lado para que os ombros largos e a altura que deixa meus 1.80m no chinelo

entre no meu campo de visão. Os cabelos pretos estão desgrenhados, deixando-o completamente sexy — ainda que eu não tenha visto seu rosto —, e as mãos ágeis e repletas de veias estão anotando algo em sua prancheta.

— Pode entrar.

Sua voz grave e rouca faz meu coração inchar. Ouço o sangue coagulando em meus ouvidos, bloqueando minha audição para qualquer som que não seja... sua voz.

Penso se tratar de uma paranoia minha, um sentimento sem qualquer fundamento. *Ele* não era o único dono de uma voz que arrepiava minha espinha, certo? Outros milhares de homens possuem o mesmo tom e..., posso estar ficando louca, escutando e vendo coisas onde não tem.

Entretanto, quando o homem vira, meus joelhos amolecem e o ar foge por inteiro, impedindo que eu respire como uma pessoa normalmente faria em situações como essa.

É ele.

O homem que amei feito uma idiota aos 16.

O homem que me abandonou depois de ter dito que me amava.

O homem para quem enviei cartas e liguei todos os dias durante 1 ano, mas que nunca me deu uma resposta.

Grayson Caine.

O homem que destruiu meu coração e que, agora, será meu fisioterapeuta.



Veneza Thronicke

Tenho medo de piscar e isso não passar de uma alucinação, de uma travessura inventada pela minha mente. *Pior*, pelo meu coração, que sinto como se trincasse sempre que seu rosto aparece em minha memória ou quando tenho flashbacks do período em que estivemos juntos.

Sua imagem me conforta e me destrói na mesma intensidade.

Estou tão entorpecida que sequer percebo a trilha que meus olhos fazem por seu rosto, por seu corpo, por cada centímetro dele.

Afirmo, com plena convicção, que ele não mudou nada. Continua sendo o garoto dos lábios grossos que eu amava beijar, da mandíbula marcada que eu era viciada em tocar, tirando o amadurecimento de certas partes, como dos seus músculos, que estão mil vezes maiores a ponto de ameaçarem explodir seu jaleco branco.

E esses olhos... Eles continuam de uma coloração bem marrom, minha cor favorita por alguns anos só por me lembrar de Grayson. São os mesmos olhos que eu considerava minha casa e que, agora, estão nublados de remorso. Um misto de emoções se apodera das lindas íris brilhantes ao me ver e fazer comigo o mesmo que estou fazendo com ele, como dois velhos amantes que acreditavam nunca mais se encontrarem.

Daí, caio na real.

Ele apareceu mesmo. Não se trata de uma alucinação do meu cérebro, de uma doideira inventada por meu coração ferido.

Grayson apareceu. Depois de malditos 9 anos, ele apareceu.

No meu estado, na minha cidade, no meu time.

Na minha vida, cacete.

— Veneza... — Meu nome sai como um sussurro dos seus lábios.

A surpresa que eu sentia antes? É toda revertida no mais puro e sublime ódio.

— O que você está fazendo aqui?! — Amargura e desprezo são o que predominam no meu timbre, no entanto, não chegam nem perto da fúria latente que corre pelas minhas veias.

Ele passa as mãos nos cabelos que eu adorava tocar, nenhuma resposta saindo de sua boca.

— Eu perguntei o que você está fazendo aqui, porra! — repito, dura, e quase sorrio ao notar seu semblante atordoado e, se prestar muita atenção, assustado.

Claro, a mulher que está à sua frente não tem nada a ver com a menina que abandonou, Grayson.

— E-eu... — Ele se embola com as palavras, e não é normal o jeito que meu peito se contrai ao ouvir sua voz. — E-eu fui contratado para...

— Para ser o fisioterapeuta da nossa equipe. — Eu completo, gargalhando. — E você aceitou, caralho! Como você teve coragem? — Sem perceber, eu estou atravessando a sala a passos pequenos e diminuindo cada vez mais a distância entre nós.

— Venez...

— Não diga o meu nome — ordeno, entredentes. — Não diga a porra do meu nome, cacete! Você não merece. Não depois de tudo o que fez. Não depois de ter tido a cara de pau de aparecer após todos esses anos — cuspo, visualizando-o engolir em seco. Meu corpo ferve em ira, e sequer ligo para o meu ombro latejando. Eu paro quando percebo que estamos mais próximos do que minha sanidade permite. Ergo o olhar, odiando o leve tremor que sinto no meu corpo. — Peça demissão. Me recuso a trabalhar com você.

Preparo-me para dar meia volta, bater a porta e ir conversar com Lindsay, porém, sua mão quente agarra meu pulso em um ímpeto. O toque envia um choque elétrico para toda minha corrente sanguínea, formigando.

Odeio a mim tanto quanto odeio Grayson por ter a sensação de como se várias estrelas estivessem explodindo com esse mísero toque.

— Me solta.

— Veneza, por favor, me deixa...

— Eu mandei você me soltar! — Trinco a mandíbula com tanta força que dói, os dentes esmagados um contra o outro fazendo pressão na veia que deve estar prestes a explodir na minha têmpora.

Grayson suspira, afrouxando o aperto no meu braço, mas ainda sem soltar.

Minha paciência chega ao limite, tal como o autocontrole e, sem pensar, deixo que a raiva tome as rédeas das minhas ações.

Desvencilho meu braço do seu alcance com brutalidade para, logo em seguida, desferir um tapa forte contra seu rosto. O estalo, com certeza, foi ouvido por todo o centro, pois até eu me assustei com o barulho. Por um segundo, cogito me desculpar, percebendo a confusão e a mágoa estampadas nas suas sobrancelhas arqueadas, porém... Se ele não se importou comigo para dar, pelo menos, uma explicação ao ir embora, eu não irei fazer o mesmo.

— Eu mandei você ficar longe de mim, Grayson. Não quero ver seu rosto, não quero você nesse time, não quero ser obrigada a viver com você todo dia! — grito. — Você teve suas chances de se explicar durante anos, Grayson. *Anos!* Não apareça agora como se nada tivesse acontecido tentando consertar seus erros. Se demita, vá para outro lugar, mas não ouse permanecer aqui.

Desconfiando que ele não dirá nada, atravesso a porta e a bato com força atrás de mim.

Como ele pôde...?

Ele sabia que o Lions era o meu time, a minha equipe e, *mesmo assim,* se candidatou à vaga. Como eu poderia conviver

com Grayson lembrando de tudo? Como eu poderia, se o simples contato da sua mão no meu pulso foi capaz de me desestabilizar?

Com os pensamentos longe, não me dou conta quando já estou próxima à quadra, com algumas garotas treinando e a treinadora jogada em uma cadeira qualquer. Assim que me fita, meus braços agitados, sua sobrancelha direita se ergue, desconfiada.

— O que aconteceu?

— N-não quero aquele fisioterapeuta.

— Por que não?

Porque ele destruiu minha confiança quando foi tão difícil dá-la a alguém.

— Porque... — Coço a garganta. — Porque eu só... não gostei dele.

Ela dá risada, pouco se importando com a minha opinião, aparentemente.

— Bom, você é a primeira a dizer isso. Todas aqui elogiaram muito o doutor Caine.

Detenho a forte revirada de olhos.

Dr. Caine. Ugh.

— Mas *eu* não me senti confortável com ele, Lindsay — argumento. — Não poderíamos... ir atrás de outro?

— Um só para você?

— Aceito dividir.

Lindsay ri.

— Já falei que você não é o centro do universo, Thronicke.

— Mas sou uma jogadora que merece ter seu bem-estar levado em conta, não?

— Não quando isso me parece ser fruto de um problema inventado por sua cabeça.

Ah, se ela soubesse...

— Posso garantir que não é.

— E eu posso garantir que você deixará seu orgulho de lado, dará meia volta, pedirá desculpas pelo inconveniente e aceitará ser tratada. — Sorri. — Ou isso ou você não participará de mais nenhum jogo.

Regra número 90 do meu Guia de Sobrevivência: Nunca conte seus pontos fracos a alguém. Eles sempre usarão isso, em algum momento, contra você.

— Você poderia, pelo menos, ter um pouco de empatia? — tento novamente, mesmo sabendo que será em vão.

— Empatia com o quê? Até agora, você não explicou o motivo de tanta relutância.

Bufo alto, agoniada e sufocada.

Não acredito que serei obrigada a aguentá-lo, a aturá-lo, a tê-lo perto. O oxigênio fica escasso só com a ideia de dividir um espaço tão pequeno com *ele.* Só nós dois.

Deus, isso parece inadmissível para minha mente de 25 anos. Mas, para a de 17, que ia incontáveis vezes checar se havia chegado alguma carta para ela e sempre saía frustrada, parece a ideia mais genial do mundo.

Contudo, ela não existe faz muito tempo. E se Grayson se dispôs a isso achando que poderia fazer tudo diferente, estarei mais do que disposta a mostrar para ele que não se deve usar o coração de uma mulher como passatempo.

— Certo, treinadora. *Obrigada* por me ouvir — ironizo, torcendo o nariz. — Quando serão os próximos jogos?

— Um na semana que vem e o outro... na semana depois dessa — responde, perfurando os olhos em mim. — Mas você não irá participar de nenhum deles, vale lembrar.

Vôlei tem, para mim, a mesma importância de respirar. Não consigo viver sem ambos. E estar sendo obrigada a abrir mão dele por algumas semanas me entristece porque não há mais nada no mundo que eu ame tanto como a sensação de adrenalina e de liberdade que me acometem sempre que estou em quadra.

Sem falar mais nada, esgotada até o limite, percorro o caminho de volta ao... meu inferninho particular, por assim dizer, já que não tem outra maneira de me referir ao ambiente que terei que dividir com Grayson Caine durante 4 a 6 semanas.

Entro no consultório depois de bater uma única vez, encontrando-o sentado em sua cadeira com a cabeça enterrada em suas mãos, em um gesto... desesperado, eu diria. Pensativo, talvez.

Deve estar se martirizando por ter perdido um mulherão.

— Você não será demitido — digo, fria. — Mas quero impor algumas regras, doutor Caine.

Ele ergue a cabeça rapidamente e me encara.

— E quais seriam? — indaga, baixo.

Nãoseafetenãoseafetenãoseafetenãoseafete.

— Não dirija a palavra a mim. Não me toque mais do que o necessário. Não mantenha contato comigo fora deste cubículo. Não... Não ouse abrir a boca sobre nós para qualquer pessoa, ouviu bem? Quando isso acabar, não quero mais ter que olhar na sua cara.

Grayson me observa, minuciosamente atento. Busco não transparecer que estou afetada, mas, droga... Não sei o que fazer sob seu escrutínio intenso.

Lentamente, um sorriso se abre no canto dos seus lábios, e ele se recosta na cadeira, girando uma caneta entre os dedos.

— Vamos impor mais algumas regras, senhorita Thronicke? — Meu peito infla. — Dentro deste consultório, você é a minha paciente e eu sou o seu fisioterapeuta, hum? Não minha ex, não a garota que eu deixei. Neste consultório, sou eu que mando e, quando *eu* achar que *falar* seja necessário, falarei. — Ele levanta, apontando com o queixo para a... maca, eu acho. — Deite de bruços.

Dou um riso anasalado, querendo tanto voar no pescoço desse desgraçado que meus órgãos tremem de ansiedade. No entanto, lutando contra meus instintos, obedeço, me arrastando no tecido pegajoso e ficando de bruços.

— Eu te odeio — murmuro.

— Não posso dizer o mesmo — devolve. — Estique os braços.

Acatando a ordem, solto uma risada.

— Claro que não pode, a única coisa que fiz e que pode ter levado você a me odiar, foi sua caixa postal cheia de mensagens e ligações. — Olho para ele sobre o ombro. — Tenho certeza de que atrapalhei sua paz inúmeras vezes. Eu também te odiaria por isso, mas... hum... Como eu posso dizer? Ah, é! Você *nunca* me mandou mensagem.

O silêncio de Grayson é tudo o que eu preciso para saber que ele se abala.

Ótimo, então.

— Eu voltei com um propósito, senhorita Thronicke.

— Ah, eu sei. O de tirar minha paz, com certeza.

Grayson ri, e não sei se meu estômago embrulha pelo som nostálgico e tão igual ou se pelo seus dedos tocando a região do meu ombro ao esticar meu braço.

— Não, Veneza... — quase sussurra. Preparo-me para rebater e ordenar pela décima vez que não cite meu nome, porém, o que vem a seguir tira qualquer domínio que eu tinha sobre minhas cordas vocais. — Foi o de te ter de volta.



Grayson Caine

A mulher que está sob as minhas mãos, respondendo contra sua vontade às ordenanças que dou, não tem mais nada da antiga Veneza. Da *minha* Veneza.

E não digo isso só pela aparência, pois, mesmo que ela tenha mudado em vários aspectos, sumindo com qualquer característica adolescente, eu ainda a reconheceria a milhões de quilômetros. O grande problema, entretanto, se deve à sua personalidade.

A meiguice, os sorrisos fáceis, a doçura que ela carregava em cada íris esverdeada... Tudo, tudo se foi. Por *minha* causa. Porque, se Veneza virou uma mulher fria e amarga, a grande parcela deve ser posta na minha conta por ter quebrado sua confiança, sabendo que ela não a dava para qualquer pessoa. Não depois de ser abandonada pelos pais aos 10 anos, ter pesadelos com seus gritos e ser obrigada a conviver com os avós, que igualmente nunca deram a ela a devida atenção.

Eu sabia de toda a sua história e, mesmo assim, fiz o que fiz, achando que, dessa maneira, a protegeria de algum jeito.

Arrependo-me da decisão que tomei todo santo dia. Se eu pudesse voltar no tempo, contaria a verdade à Veneza e permitiria que ela participasse da luta comigo. Minha garota era a verdadeira guerreira da relação, desde sempre, e o que me mata a todo o instante é saber que, talvez, eu tenha percebido isso tarde demais.

Mas eu espero que não tanto.

Sei que demorei. Sei que 9 anos é muito tempo. Contudo, eu precisei desses anos para saber que estaria pronto, para me recompor e me tornar um Grayson melhor do que ela conheceu. Não houve um só dia em que não pensei no nosso reencontro. Foi tudo planejado, desde minha vinda à Califórnia justamente no verão até minha inscrição para ser o fisioterapeuta temporário da sua equipe.

Fiquei sabendo que a fixa está de resguardo, cuidando da filha recém-nascida, e que irá voltar daqui a 4 meses, e eu provavelmente serei mandado para outro lugar. Porém não importa. Eu preciso de apenas 3 meses para fazê-la se apaixonar por mim de novo.

Prometi a mim mesmo que tornaria Veneza minha outra vez até o fim do verão, que a faria entender que o lugar dela é ao meu lado. E não importa quão difícil seja porque, se ela se tornou alguém rancorosa, eu me tornei alguém com determinação o bastante para passar por cima disso, para entrar em seu coração mais uma vez.

Apalpo seus dois ombros, sentindo-os tensos, mas realizando o exercício de levantá-los e empurrá-los para baixo repetidas vezes

com calma.

— Repita os movimentos sozinha — ordeno, e, como uma criança birrenta, ela obedece. Não consigo deixar de sorrir, achando graça. — Isso.

— Por quantas vezes eu tenho que fazer isso? — pergunta, cansada.

— Por quantas vezes eu achar necessário, senhorita.

Ouço a lufada alta de ar que escapa de sua boca, inconformada com a situação. Ainda é difícil acreditar que ela está aqui, tão perto.

Aproveito que ela não pode me ver para observá-la por mais tempo. Passo os olhos por suas costas, a cintura fina que eu amava encaixar meus braços, os quadris largos... Desço mais um pouquinho, engolindo em seco com a visão da... do seu belo traseiro. Tenho tantas memórias de quando ele estava encaixado nas minhas mãos enquanto Veneza ficava por cima que se torna difícil não agir como a porra de um tarado.

— Se você continuar olhando para a minha bunda, eu juro que arranco seus olhos com minhas unhas.

A ameaça de Veneza me arranca do vórtice de pensamentos impuros e, em vez de ficar envergonhado, libero uma risada baixa.

— O espírito de leoa nunca foi embora — provoco, mas eu mesmo sinto uma dor aguda ao lembrar do seu apelido.

Veneza, compartilhando da mesma saudade infernal que eu sei que sente, não diz nada, apenas questiona, baixinho, se já pode parar com o exercício. Perturbado, eu somente sussurro que sim.

Não queria que nosso reencontro ocorresse dessa maneira. Sei que é pedir muito, mas, cacete, eu daria tudo para abraçá-la e matar a saudade dos seus lábios, sentir seu perfume, adentrar meus dedos nos seus cabelos e acariciá-los, sussurrar no seu ouvido que ainda a amo e que nunca houve uma mulher depois dela.

Contudo, por conta de um maldito erro, é como se fôssemos dois estranhos de novo.

A diferença é que, dessa vez, dois estranhos com memórias.

— Fique sentada — instruo. — De costas para mim.

Ainda que contrária à ideia, claro, Veneza se assenta, com as pernas para fora da maca. Mesmo sendo uma mulher alta, eu ainda consigo ser uns bons centímetros maior, e isso foi algo que sempre a atraiu. Ela costumava dizer que sempre sonhou em ter um namorado alto, já que, na sua escola, todos eram indiscutivelmente mais baixos.

Por um tempo, eu fui tudo o que ela sempre desejou e lutarei para continuar sendo esse cara.

Miro os pelos da nuca de Veneza se arrepiarem ao me aproximar, massageando a região dos seus ombros. Não importa o quanto ela diga que me odeie ou demonstre isso, ficou explícito no jeito que seus olhos se perderam ao me ver e na sua respiração irregular quando chegou perto demais, que ainda há uma partícula dentro dela que me deseja como eu ainda a desejo intensamente.

Ela tem um sobressalto assim que afasto seus fios castanhos para o lado, mas, para a minha surpresa, não reclama, possibilitando meu acesso ao local. Meu coração retumba forte no

peito, e resisto à tentação de colar meus lábios ali, no seu pescoço, para ouvi-la gemer baixinho no meu ouvido, implorando por mais.

40 minutos depois, com exercícios que testaram todo o meu autocontrole — como o que a levou a ficar praticamente de quatro na minha frente para fortalecer os músculos periescapulares e eu tive que fingir plenitude —, a primeira sessão chega ao fim. Não trocamos uma só palavra, a não ser o necessário, deixando o clima tenso inevitável nos rondar. Não dá para pedir normalidade depois do que aconteceu, entretanto... Se as farpas que Veneza me lança são a única forma de ouvir sua voz, eu as aceitarei sem pestanejar.

— Nos encontramos de novo depois de amanhã, no mesmo horário — chamo sua atenção, que já estava abrindo a porta para ir embora. — Não falte.

— Eu honro com meus compromissos, doutor Caine. — Ela me fita de relance. — E ficar sem jogar é pior do que conviver no mesmo ambiente que você.

Anuo, suas palavras me acertando como um soco no estômago.

Feliz por ter causado exatamente o que queria, Veneza sai, deixando para trás a droga do seu aroma de avelã.

Eu desabo na cadeira, olhando para o relógio e pensando seriamente em desmarcar a sessão de 17h. Faltam apenas 30 minutos, e creio que só 30 minutos não sejam suficientes para me recuperar do baque que aquela mulher causou.

Prestes a fazer besteira e ir contra minha índole de profissional competente, a tela do *WhatsApp* aberto no meu

notebook é substituída por uma chamada de vídeo. É Faran, meu melhor amigo.

Atendo, transparecendo uma careta de tédio que não se assemelha em nada ao amplo sorriso do homem que, neste instante, está do outro lado do mundo. Mais precisamente em Burundi, um pequeno país da África Ocidental, o qual carece de inúmeros cuidados em relação à população, junto à sua esposa. A iniciativa partiu de Faran que, determinado a, desde pequeno, oferecer apoio aos países postos à margem da sociedade por conta de um ideal racista a ponto de, muitas vezes, serem negligenciados pela sociedade, ultrapassou todas as barreiras cujo racismo nos EUA impôs, se formou no curso dos sonhos — medicina —, juntou dinheiro e partiu daqui com Mare, sua mulher, que embarcou na missão do marido com toda determinação e apoio.

Eles são o típico casal que ameaça me matar de inveja a todo o tempo.

— *Que cara feia é essa? E que... Cacete, não me diz que essa marca no rosto foi um tapa que Veneza te deu!* — Bota as mãos sobre a boca, perplexo.

Toco minha bochecha ardida com a ponta dos dedos, fazendo uma careta de dor.

— Bingo. — Suspiro. — Eu te disse que ela não reagiria bem a isso.

— *Bem, as chances eram de 99,9%, né, cara? Mas, poxa, pensei que fosse rolar, pelo menos, um beijinho.*

Dou risada. Faran é o cara mais emocionado que eu conheço, ganhando até mesmo de mim porque, enquanto sou um

emocionado pé no chão, ele é um emocionado iludido.

— Veneza está mudada, cara... Mudada pra caramba. Não estava preparado para isso — confesso, melancólico. — Imaginei que ela fosse estar com raiva, mas um tapa, Faran? Um tapa?!

Ele gargalha.

— *Sim... Agora, você vai ter que mostrar que, de fato, a ama, Grayson. Amá-la nos momentos bons, quando ela estava bem, feliz e receptiva, era fácil. Quero ver nos momentos ruins, difíceis e delicados.* — Pousa o queixo na mão. — *Seu amor será posto à prova, irmão. Veneza não facilitará para você, então passe por esse teste brilhando! Caso contrário, minha esposa sairá daqui só para te dar uns bons murros.*

Dou uma gargalhada alta, refletindo sobre o que disse.

— E você vai deixar?

— *Eu vou incentivar!* — Rio mais ainda, e ele me acompanha. — *Estou falando sério, cara. Não tive a oportunidade de conhecer a Veneza, mas, pelo pouco que me contou, tenho certeza de que você machucou essa garota pra caralho. Então, mesmo que o processo doa, vá até o fim para provar a ela que está verdadeiramente arrependido. Ela merece isso. Merece que alguém lute por ela.*

Mordo os lábios, aquiescendo.

Veneza merece que alguém lute por ela, e eu estou mais do que pronto a ser essa pessoa. A ser a pessoa que irá mostrar a ela que há chance para nós, que ainda não fomos derrotados.

— O que aconteceu para ficar tão esperto assim, Faran Williams?

— *Mare Brown Williams apareceu e me mostrou a face mais bonita do amor, brother* — responde, todo emotivo. — *Mostre à Veneza esse lado também.*



Veneza Thronicke

Grayson Caine é o filho da puta maior de toda a comunidade de filhos da puta. Certeza de que foi ele quem criou e ainda assumiu o cargo da presidência dos FDPs. Pelo menos, isso é a única coisa que explica o ódio corroendo minhas entranhas enquanto me dirijo, furiosa, pelo corredor depois de malditos 40 minutos dentro de uma sala com aquele homem, tendo que suportar sua presença indesejada e as lembranças inoportunas que me invadiam sempre que aquele desgraçado chegava perto demais.

Nossa, acho que vou desmaiar de raiva a qualquer instante.

E de saudade.

Uau... Como odeio admitir isso, embora admita de qualquer maneira.

Assim que entro no campo de visão da treinadora e de algumas garotas — poucas delas, pois a maioria já foi embora —, Lindsay abre um sorriso irônico, me olhando de cima a baixo com aquele olhar de deboche que me assombra todo o tempo.

— Pelo visto, você está inteira — comenta. — Não foi tão ruim assim, foi?

Se contenha, Veneza.

Ignorando seu comentário ardiloso, forço os cantos da minha boca a se elevarem e caminho até a portaria, parando a tempo de ver Joyce, uma garota da nossa equipe, ir animadamente para o consultório de Grayson. Nem sei como ela está conseguindo saltitar, sinceramente, já que sofreu uma lesão das feias no tornozelo há algum tempo.

Fecho as mãos em punhos, com nojo de mim mesma pelo gosto amargo de ciúmes que se alastra pela minha boca e agita meu coração de uma maneira totalmente deturpada.

Não, não é ciúmes, tento me convencer. Só estou com pena da mulher que cairá feito patinho na lábia dele e furiosa com ele por não hesitar antes de entrar na minha vida de novo.

Reconquistar-me? Que papo é esse?! Até parece que eu ainda quero alguma coisa com aquele homem. Até parece que algum dia eu vou *confiar* nele de novo para *pensar* em lhe dar uma segunda chance. Mas isso não é uma possibilidade por que não foi só minha confiança que ele quebrou. Eu deveria desconfiar de alguém que teve tantas oportunidades para voltar, mas que resolveu fazer isso quase uma década depois. Ele deve ter enjoado da vida monótona em Nova Iorque e vindo atrás de mim em busca de diversão.

Bom... Se depender de mim, a vida dele *continuará* monótona.

Dou boa tarde para dois funcionários que encontro no caminho e saio do estabelecimento, andando para o meu carro estacionado a poucos metros. Meus lábios formam um sorriso quando meu celular apita, anunciando uma notificação de John — meu amigo colorido, por assim dizer. Entro no veículo e clico no ícone de mensagens.

[Jonathan]

Disponível hoje à noite, gatinha?

[Eu]

Hum... Depende.

Para qual ocasião?

[Jonathan]

Uma que envolve eu e vocês nus e ofegantes a noite inteira na minha cama.

Umedeço os lábios com a língua, puxando-os entre os dentes. Animada com a proposta quente que, por Deus, só ele sabe oferecer, cruzo as pernas, pensando bem no que irei digitar.

[Eu]

Uh... Promissor.

Me espere às 20h.

[Jonathan]

Cacete, sim.

Até lá, gata.

Quando a conversa acaba e eu guardo meu celular no porta-luvas, toda a excitação também acaba. De uma hora para outra, meu corpo é tomado por um mal-estar e minha mente pesa. É sempre assim. Eu finjo não ser uma mulher cheia de problemas durante os minutos de flertes ou durante as transas noturnas, que nem costumam durar tanto assim. Começo a me perguntar em que momento deixei o sexo ser minha válvula de escape. Algo que, antes, era tão sagrado para mim, se tornou tão banal que o mero assunto me traz uma sensação de insignificância.

Estou *tão* cansada de não sentir nada, de não partilhar conexão com mais ninguém, de não ser capaz de sentir almas se conectando no ato ou passar horas conversando sobre assuntos bobos após... fazer amor.

Já me disseram para ir atrás de um psicólogo, porém nunca fui. E, sendo sincera, não pretendo ir nunca. Até porque, não sou obrigada a passar 1 hora na frente de uma pessoa ditando o que devo fazer ou falando o que devo melhorar.

Foda-se se eu tenho traumas, inseguranças e se eles moldaram uma mulher horrível. Foda-se as sessões de terapia para ter uma consciência mais leve e conseguir ser um ser humano normal. Tudo isso foi o que me trouxe até aqui, e não pretendo abrir mão de nada, nem que isso signifique minha destruição lenta e dolorosa.

Minhas escolhas irão me levar à ruína antes do imaginado, é o que dizem, mas todos, um dia, irão morrer, não é? Mais cedo ou mais tarde, todos irão respirar pela última vez. E em que vai adiantar

eu ter tentado ser alguém melhor em vida se o meu destino será o mesmo... de todos?

Dirijo pelas ruas e avenidas movimentadas, repletas de carros desgovernados e alguns humanos que não têm conhecimento das leis de trânsito. Exausta e com a garganta dolorida de xingar três ou quatro motoristas no processo, chego em casa.

E, se eu estava pensando que o dia não podia piorar e que finalmente iria me jogar na cama e aproveitar minha solidão, esse achismo vai por água abaixo quando vejo meus avós na sala, sentados no sofá com toda elegância e olhando seus relógios de pulso, impacientes.

Mas que porra?

— Quem deixou vocês entrarem?! — questiono, parada à porta aberta, exibindo um semblante que demonstra bem minha insatisfação com a presença deles.

— Boa tarde para você também, Veneza. — Susan suspira e revira os olhos, como se não pudesse tolerar meu comportamento, como se eu não tivesse motivos para agir assim. — O segurança na portaria permitiu a nossa entrada depois que Phillip e eu nos identificamos como seus avós.

Nota mental: avisar, pela décima vez, que ele não deve aceitar ninguém na minha casa sem antes me comunicar.

Desgastada com esse dia de merda, esfrego a testa e fecho a porta atrás de mim, me jogando no sofá logo em seguida. Não ligo nem um pingo para a informalidade da minha posição e o quanto pareço mal-educada agora.

— O que vieram fazer aqui?

— Se você puder se assentar como alguém nor...

— Não, eu não posso — interrompo Susan. — Essa é a *minha* casa e a presença de vocês não é bem-vinda. Logo, não acho que sejam necessários tais fingimentos.

— Nós somos seus *avós.* — Phillip frisa. — Nos trate com mais respeito.

— Que irônico. — Dou risada, balançando os pés. — Desde que me entendo por gente, não lembro de um único momento em que tenham me tratado como *neta* e me respeitado como uma.

O que digo surte o peso desejado, pois eles me fitam com culpa e trocam olhares que estou com muita preguiça para tentar decifrar.

Subitamente desconfortáveis, eles aprumam suas colunas, cada um em uma poltrona, e limpam a garganta. A sincronia dos dois me dá ânsia de vômito.

— Viemos saber como você está. — Minha vó conta, cruzando as mãos em cima da saia que deve ter custado um rim.

Reviro os olhos.

— As notícias nas redes sociais não foram o suficiente?

— Veneza... — Susan tenta outra vez.

— Não, é sério. Por que vieram até aqui? Para me infernizar? Porque, de verdade, vocês já fizeram isso a vida toda. Finalmente estou vivendo do jeito que tanto queriam, colocando minha carreira em primeiro lugar, fechando o coração para o mundo, não criando vínculos com ninguém para não correr o risco de demonstrar

fragilidade, me fazendo de forte o tempo todo, sendo *infeliz*! — grito, detestando minha falta de controle. — Não foi assim que me criaram para ser? Renegando afeto por toda a minha infância para me fazer mais *forte*? Para formar alguém resiliente e pé no chão que nunca espera nada de ninguém? Pois bem, vocês conseguiram. Sou exatamente do jeitinho que sempre sonharam. Talvez, até pior.

Levanto do sofá e vou até a porta antes que eles possam ver meus olhos marejados e meu rosto assumindo tons avermelhados em pontos específicos. Colérica, amargurada, entristecida e, mais que tudo, quebrada, dou espaço para o lado, dando sinal para que saiam, sem encará-los.

Toda força tem um limite, e o meu é esse.

— Saiam.

— Querida... — Phillip intervém, caminhando até mim. Mas eu me afasto, enojada. — Não faça assim. Estávamos com saudades de você, apenas isso.

— Eu mandei saírem — repito, irredutível.

Ouço uma expirada profunda de ar vindo de Susan, mas ignoro, continuando onde estou e cada vez mais inquieta, agitada.

— Você não está sendo sábia, Veneza. — Ela justifica, pegando sua bolsa da Chanel e pendurando-a no ombro. — Irá se arrepender de seus atos.

Solto um riso debochado.

— Não me venha falar sobre sabedoria, Susan. Foi a coisa que mais lhe faltou nesses 25 anos.

Como se o gato tivesse comido sua língua, ela desiste de discutir. Simplesmente lança uma olhada para o meu avô e, sem dizer mais nada, sai.

Aliviada, fecho a porta com força, externando nela o furacão de sentimentos que mais vêm me atormentando. Sou obrigada a engolir o choro ao olhar ao redor e ver um apartamento tão grande, mas tão vazio. Se eu deixar a antiga Veneza se libertar dentro de mim, a primeira coisa que ela vai dizer é que precisa de um abraço. E, para o azar de uma menina tão nova, a Veneza atual irá dizer que não há ninguém para oferecê-la isso.

Sobrecarregada, ando até o meu quarto, enfrentando degraus indesejados e me questionando se eu não poderia simplesmente me jogar na escada e dormir ali mesmo. Balanço a cabeça. Estou cansada, mas não tanto.

Ao chegar ao cômodo, eu não perco tempo em me lançar no colchão fofinho e macio, meu ombro gritando em protesto por meio de uma fisgada. Descarto o programa da noite e, esticando um pouquinho o braço, consigo alcançar meu remédio para dormir. Engolindo-o com a ajuda da saliva, afundo o rosto no travesseiro, transbordando.

Não sei mais quanto disso irei suportar.



Veneza Thronicke

Verão de 2013

Melbourne

Desenhar é o meu passatempo favorito, principalmente naqueles dias em que me sinto feliz e especialmente inspirada.

É o caso de hoje.

Grayson me pediu oficialmente em namoro há algumas horas, e me sinto tão exultante de alegria que faz minutos que estou desenhando coisas aleatórias no meu caderno. Aproveitei que meus avós estão no trabalho e que Gray foi para casa ajudar os pais nas tarefas domésticas para me aquietar um pouco e deixar minha imaginação fluir.

Já desenhei nas últimas três folhas um cachorrinho brincando de bola; uma paisagem florida e predominantemente rosa; e um mar revolto. E agora, na ilustração que pretendo ser a última do dia e

que está exigindo mais de mim, estou delineando delicadamente e com todo o amor que ainda tenho reservado para eles, meus avós. Susan e Phillip. Ambos se divertindo com uma garotinha pequena, uma criança, que, no caso, sou eu.

Sei que essa é uma cena que nunca aconteceria na vida real, mas estou alegre o suficiente para inventar cenários que só existirão na minha cabeça por um período muito e muito longo. Talvez, eterno.

Quase no fim, ouço uma movimentação do lado de fora do meu quarto, anunciando a chegada deles. Rapidamente, pois não quero que eles vejam o que estou fazendo, fecho o caderno e meu estojo, jogando todos os meus materiais de qualquer jeito nele, sendo o mais rápida que posso.

Infelizmente, não consigo obter êxito no desafio, pois, se há uma pessoa que está a todo o tempo com os olhos de águia atentos em mim, essa pessoa é Susan Thronicke. A primeira coisa que ela faz sempre que chega em casa é ir atrás do que estou ou não fazendo. E, desconfiada e conservadora do jeito que é, sua reação repentina de vir até mim a passos longos e pegar meu caderno de debaixo do travesseiro é bem explicada.

Sequer contesto, praguejando baixinho com as mãos geladas enquanto a vejo folhear e a carranca no seu rosto aumentar. Não é que eu esconda algo dela — os desenhos inapropriados estão em outro caderno, naquele que reservei apenas para os meus momentos com Grayson e que, de jeito nenhum, está ao alcance dela —, mas Susan sempre foi contra a ideia de eu me dedicar a outra coisa que não fosse o vôlei.

Quando a mulher chega à última, naquela que contém seu desenho com o marido e a neta, sua expressão muda.

Por um pouco de tempo, penso ter amolecido seu coração de pedra, mas eu sinto como se o *meu* estivesse rachando assim que Susan me lança um olhar furioso e, num ímpeto, não rasga apenas a folha que está olhando, como também meu caderno.

Ele. Inteiro. Todas as páginas rasgadas.

— Não faz isso! — grito, tentando roubar o caderno de suas mãos, porém já é tarde. — Vó... — sussurro, a voz quebrada enquanto a observo jogar o resto do que sobrou das folhas rasgadas no chão.

— Eu já disse a você para parar com essas idiotices sentimentais! — cospe, como se eu tivesse cometido algum crime gravíssimo simplesmente por desenhá-los. — Isso não vai te levar a lugar nenhum, só irá servir para deixá-la fraca, vulnerável. — Ela passa o dedo nas minhas bochechas molhadas com brusquidão. — Engula o choro, Veneza. Não seja uma menininha frágil. É ridículo.

— Não precisava ter feito isso... — Encolho-me, lutando tanto para não parecer vulnerável, como Susan tanto diz.

— Você tem que aprender a lidar com frustrações, garota, e não ficar triste só porque a “vovózinha” rasgou os desenhos dos quais gostava tanto. O mundo aí fora é cruel, Veneza. Ninguém terá dó de pisar em você quantas vezes forem necessárias. — Afasta-se, já perto da porta. — No futuro, irá me agradecer. Agora, limpe tudo isso e vá dormir. Ah, e caso não tenha ficado claro, está proibida de desenhar ou fazer qualquer coisa que não tenha a ver com o vôlei,

ouviu? Se eu descobrir que algo assim está acontecendo de novo, farei pior.

Engulo em seco, forçando minha cabeça a aquiescer.

Ao sair, dou dois tapinhas no meu rosto para cessar a vontade de chorar.

Não posso me dar ao luxo.

Mas... As palavras que ela disse, a forma como disse, o que ela fez...

Olho para os meus desenhos, que já não passam de páginas rasgadas.

Respiro fundo.

Uma, duas, três vezes.

Se Susan ou Phillip soubessem que eu *nunca* quis aprender sobre como me portar no futuro, só que eles me amassem e demonstrassem, eles o fariam só por pena.

Terminando de catar as folhas e me segurando para não surtar ao jogá-las no lixo, vou para a janela, recebendo o vento suave do mar atingir meu rosto. Virou meio que costume eu vir aqui neste horário, pertinho das 21h, pois sei que irei encontrar minha metade bem ali, do outro lado.

E nem dois minutos se passam da hora em que ele finalmente aparece, na janela de sua casa, que fica, graças a Deus, rente à minha, possibilitando nossos encontrinhos rápidos quando meus avós estão por perto.

Ele abre um sorriso enorme, e, mesmo que meu dia esteja um porre de ruim, fica impossível não retribuir.

— Oi, namorada — sibila, sorridente.

— Oi, namorado — sibilo de volta, toda besta.

— Quer passar aqui em casa? Terminei de ajudar meus pais. — Ele dá espaço e mostra o quarto todo arrumado. — E a gente também pode assistir àquela sua série ruim.

Reviro os olhos, risonha, e mostro o dedo do meio para ele, negando com a cabeça.

— Um: você é um tremendo idiota; dois: não vai dar. Meus avós estão em casa e as coisas não estão muito boas. — Abaixo o volume da voz ao ouvir Susan gritar com Phillip. Esfrego o braço, envergonhada. — Nada novo, na verdade.

O peito desnudo de Grayson sobe e demora uns segundos para descer, indicando que suspirou.

— O que foi dessa vez?

— Nada de mais.

— Vampirinha...

— É sério, Grayson. Não aconteceu nada de mais.

— Sei quando está mentindo, minha linda, mas também sei que odeia mostrar fraqueza, e eu entendo. — *Touché.* Eu poderia falar isso para Susan, certeza de que ela se orgulharia de mim. — Por isso, não vou insistir, mas saiba que pode contar comigo para tudo. Tudinho mesmo.

Sorrio, um nó se formando na minha garganta.

Ah, Deus... Eu só queria ter passe livre para desmoronar e não me sentir culpada por isso, por estar colocando tudo para fora,

por que só o Senhor sabe o quanto estou cansada e sobrecarregada.

— Eu sei, Super Saiyajin — brinco, tampando a risada quando ele coloca a mão sobre o peito, ofendido, e arruma o cabelo. — Ah, não! Estava lindo. — Faço biquinho.

— Você gosta de brincar com a minha cara, isso sim. — Cruza os braços, evidenciando os músculos que me deixam totalmente fraca.

— Isso é jogo sujo, Grayson.

— Não é, não — rebate. — O que eu posso fazer se você é louca por mim?

— Não sou louca por você — minto.

Ele cerra as pálpebras.

— Jura? Porque eu posso apostar que a forma como você — ele bota as mãos ao redor da boca em forma de concha — *geme* o meu nome quer dizer exatamente isso.

Fico vermelha igual a um tomate e mando ele ir se ferrar.

— Sinceramente, não quero mais namorar você. — Ameaço tirar a aliança fina do meu dedo, mas sou surpreendida com uma bala de *Nerf* acertando meu braço. Quando olho para cima, dou a risada mais alta da minha vida ao avistar Grayson com o brinquedo pequeno apontado para mim. — Vou chamar a polícia para você, seu abusivo!

— O único crime cometido aqui foi ameaçar terminar comigo. — Ele desembainha a “arma”. — Já falei que somos para sempre. Não aceito nada menos do que ficar caindo os dentes ao seu lado.

Escondo o quanto derreti com sua declaração, fazendo uma careta de deboche.

— Quer dizer que não posso tomar a decisão de ficar solteira em algum momento?

— Você aprende rápido, linda.

Bufo uma risada.

— Nós pod...

Mas, então, minha fala é cortada.

— *O que você ainda está fazendo acordada, Veneza?!* — Meu avô grita estridentemente do outro lado da porta.

Assustada, dou apenas uma olhada rápida para Grayson e sequer me despeço antes de pular de volta para minha cama, me cobrindo com o lençol. Como o esperado, cerca de 30 segundos depois, Susan e Phillip aparecem no quarto, só para se certificarem de que estou fazendo o que mandaram.

Balançando o pé para pegar no sono mais rápido e aliviada por eles terem saído, levo um pequeno susto quando um aviãozinho de papel invade o cômodo pela janela, caindo bem no meu rosto. Animada por imaginar de quem se trata, apanho o papel e abro, sendo pega de surpresa ao ver o momento em que Grayson me pediu em namoro desenhado na folha.

Abafo a risada com a mão, por que não poderia existir desenho mais mal feito do que esse, mas que, de uma maneira miraculosa, consegue se tornar o mais lindo que já vi.

Um Grayson feito de palitinho está ajoelhado diante de uma Veneza feita de palitinho, com uma mão maior do que a outra ao

oferecer um anel de pedrinha rosa desproporcional ao aro de prata.

Dane-se, é a coisa mais especial que já recebi.

No cantinho da imagem, há uma setinha apontando para o verso, e, quando viro, dou de cara com um pequeno texto, mas que significa o mundo para mim.

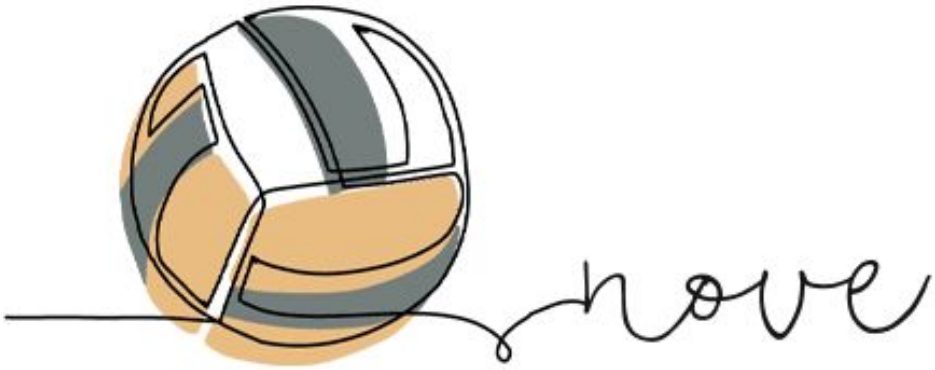
“Costumam dizer que nada dura para sempre, mas eu simplesmente não consigo aceitar isso, porque você é a melhor coisa que já me aconteceu, vampirinha. Então…, aceita ser o meu 'nada'?"

Eu rio baixinho, cobrindo a boca com a cartinha. É bem a cara dele mandar essas cantadas ruins.

Mas…, droga.

A resposta é sim, Grayson.

Sim, sim, sim.



Veneza Thronicke

A parte ruim de frequentar o House's Cafe é que o dono do lugar parece nutrir algum tipo de amor platônico por mim e sempre faz questão de me atender — mesmo não sendo essa sua função — quando decido separar um tempinho do meu dia para socializar, embora eu seja completamente hater dessa ideia.

Marcus e eu tivemos um casinho passageiro há três anos, mas dei um basta quando a imprensa estava ficando cada vez mais tóxica, inventando *fake news* sobre uma possível gravidez e a narrativa de que eu iria fisgar Marcus por meio disso. Na época, eu ainda era nova no ramo, não muito conhecida e nem rica como sou hoje, então é claro que estar me envolvendo com o herdeiro de uma das empresas mais famosas de café do país só poderia dizer uma coisa.

O que eles não sabiam naquele tempo — porque, agora, têm plena consciência —, é que eu nunca precisei usar de medidas extremas para ter um homem na minha cola, para, como costumam dizer, “fisgá-lo”. Sequer faço esforço para consegui-los enroscados nos meus lençóis, o que funciona de uma maneira completamente diferente quando se inverte as situações. Já perdi as contas de quantas vezes tive que ser grossa para deixar claro que eu não queria mais nada ou estava zero interessada.

Bom, isso a mídia não faz questão de mostrar, é claro. Ela prefere fazer matérias nas quais deixa subtendido que eu sou uma grandíssima puta a admitir que nunca precisei de homem para nada.

Machistas do caralho.

— Ouviu o que eu disse, sweetheart?

Resistindo à careta, pois tenho quase certeza de que já deixei claro que *não* gosto desse apelido ou de qualquer coisa que traga à tona um pouquinho do que aconteceu entre nós no passado, abro um sorriso ladino, me acomodando melhor na banqueta enquanto levo o café aos lábios, bebericando. Uma onda de satisfação me varre ao captar seus olhos acompanhando minha língua ao limpar o cantinho da minha boca.

— Não, não ouvi. Pode repetir?

— Claro! — Ele diz, depois de alguns segundos calado. Coçando a garganta, repete: — Queria saber se... hum... podemos sair para tomar um drink.

Lá vem.

Suspirando, afasto meus cabelos para o lado, pensando que já tínhamos passado dessa fase.

— Marcus, eu não deixei claro que não quero me comprometer com ninguém?

— Deixou, sim. Deixou, mas...

— Então, por que continua insistindo? — indago, sendo a mais paciente que consigo. — Olha, eu não me arrependo de ter me envolvido com você, beleza? Nosso sexo era perfeito e você sempre foi um cara muito legal, é só que...

— Só que não o suficiente para você me querer na sua vida — interrompe, me encarando como se estivesse decepcionado.

Odeio essa merda. Odeio sair sempre como a sem-coração da história.

— O problema não é com você... — sussurro, arrependida por ter vindo até aqui.

— Então, o que é, Veneza? Porque, de verdade, estou exausto de tentar te conquistar, de chamar sua atenção, de, sei lá, simplesmente ter você comigo. — Marcus passa a mão nos fios loiros, esbanjando frustração. — Tem outro cara na jogada, é isso?

Dou um riso de escárnio.

— Não, Marcus, não tem nenhum cara na jogada.

— Porra, linda, então me diz qual a droga do problema! O que eu preciso fazer para ganhar seu coração, hum?

Eu tenho um coração quebrado, Marcus. Um coração em frangalhos, cheio de rachaduras. Ninguém gosta de ganhar algo com tantos defeitos.

— Absolutamente nada. — Engulo em seco. — Não posso te oferecer mais que minha amizade. E, se isso não está sendo o suficiente, me desculpa..., mas, talvez, seja melhor pararmos de nos encontrar.

— Não! — Ele praticamente grita, atraindo o olhar de todos. — Certo, certo, já entendi... Só amigos, certo? Só amigos.

Anuo, fazendo de tudo para não me sentir mal por isso.

Minha vida seria tão mais fácil se eu simplesmente conseguisse me apaixonar por qualquer cara que corresse atrás de mim, se eu não enjoasse tão facilmente, se eu não tivesse *tanto* medo de me entregar, se todo cara que aparecesse, eu não o comparasse imediatamente com o único que teve meu coração em mãos...

— Mas, ei... — Ouço outra vez a voz de Marcus. Ele dá de ombros e sorri. — Alguém já disse que você está linda hoje?

Balanço a cabeça, me rendendo à risada, e ele me acompanha.

— Todos os dias, querido.

O homem revira os olhos ante minha prepotência, achando graça. Volto a ficar confortável na sua presença, e até mesmo conversamos sobre assuntos aleatórios, porém, eu já deveria esperar que seus flertes não acabariam nunca. E, para ser sincera, tudo bem. Consigo lidar com seus elogios descarados o tempo todo.

Contudo, em algum momento entre nossas risadas e clientes me fuzilando com o olhar por estar roubando toda a atenção de Marcus, um homem superdisputado, vale ressaltar, o dever o chama e ele é substituído por uma mulher, a qual não deve ser muito mais nova do que eu e que não vai muito com a minha cara.

Não é como se isso fosse algo raro, aliás.

Faço o pagamento do meu café e salto da banqueta, prendendo minhas madeixas castanhas em um rabo de cavalo, e dou tchauzinho para um bebê fofo que está mirando os orbes enormes para mim com um sorriso gigante no rosto.

E, o que era pra ser apenas uma despedida rápida para uma criança que eu nunca tinha visto na vida, acaba se tornando um verdadeiro show de caretas pelo simples fato de eu estar viciada no som da sua gargalhada, que parece dar vida a algo dentro de mim.

— Ora, ora, quem diria que eu a encontraria tão bem-humorada?

Minha postura enrijece e meu sorriso morre quase no mesmo instante em que percebo o dono dessa voz. Viro para o lado, encontrando o maldito parado a poucos metros com as mãos nos bolsos e um sorriso ínfimo moldando seus lábios totalmente beijáv... odiosos. Isso, odiosos. Foi o que eu pensei.

O bebê deve ter percebido minha mudança de humor, assim como sua mãe, que explica algo baixinho para a criança. Quero morrer ao presenciar sua expressão murchando e o sorrisinho sem dentes sendo substituído por um bico choroso. Não me importando nenhum pouco em deixar Grayson falando sozinho, ando até a criança e me agacho ao lado do seu carrinho.

— Sabe aquele homem feio ali? — Aponto para Grayson sem pudor algum, que cruza os braços e me fita com um semblante brincalhão. — É por causa dele que estou louquinha para cometer um assassinato. — Percebo que falei demais quando a mãe da criança arregala os olhos. — Opa, desculpa! Paz e amor, nada de ódio. Esquece o que eu falei, tá bom?

O bebê ri, balançando as perninhas e babando todos os dedos ao pô-los na boca.

Útero, pare de coçar!

— Enfim, voltando ao assunto, é por causa *dele* que, neste exato momento, estou muito, muuuito chateada. Não tem nada a ver com você, tá bom?

Ele não responde, como o esperado, mas o bico triste não tem previsão de volta, visto que já está sorrindo abertamente. Na minha direção, vale constar. Grayson é apenas um coadjuvante aqui que não consegue atrair a atenção nem de um bebê.

— Se meu marido me olhasse como esse homem te olha, eu seria uma mulher feita. — A mãe da criança diz, se levantando.

— Ah, é? — Rio, desdenhosa. — E como ele me olha?

A moça não entende que há um mar de confissões cruas e amargas na minha risada, pois sorri ainda mais.

— Como se você fosse o mundo dele, na verdade. É lindo.

Tenho vontade de gargalhar. Em alto e bom som.

Era só o que me faltava.

— Ele não soube cuidar do *mundo* dele quando teve a oportunidade — sussurro, ficando de pé.

A mulher gruda as íris negras no meu rosto, tentando decifrar o que quero dizer sem parecer intrometida, imagino. Com medo de parecer óbvia demais, desvio o rosto do seu e me despeço do bebê, que balança as mãozinhas babadas de volta. Eles saem da cafeteria e, assim, me deixam sozinha com Grayson. Quer dizer, não *sozinha,* considerando que o ambiente está lotado, mas... Sozinha porque é como se não existisse mais ninguém ao nosso redor quando estou com ele.

— O que veio fazer aqui?

— Hum... — Ele ri, irônico. — Comprar carne, eu acho.

Fecho os olhos, respirando fundo para não surtar.

— Para quem está numa missão de me reconquistar, você está indo bem mal.

— Ah, não me insulte. — Grayson estala a língua no céu da boca. — Eu já te conquistei há 9 anos. Agora, minha missão é voltada única e exclusivamente para te ter de volta.

— Muita coisa mudou em 9 anos, Grayson.

— Mas não o seu coração. — Ele se aproxima. Quase posso sentir sua respiração tocar minha pele. — E ele continua batendo por mim, leoa valente, não queira negar o óbvio.

Controle a respiração, Veneza. Não deixe tão claro que o que ele está dizendo é verdade. Que ele ainda te afeta tanto e que, talvez, você nunca irá amar mais ninguém como o amou.

— O tempo longe te deixou mais ingênuo do que eu me lembrava, Grayson. — Tombo a cabeça para o lado. — Se acha que alguma parte de mim ainda o deseja, com certeza algo lhe aconteceu nesses 9 anos. O que foi? Bateu a cabeça e esqueceu do que me fez? Alguém quebrou seu coração e você sentiu na pele como é ser enganado por quem ama? Ou, vamos ver...

— Eu nunca fiquei com ninguém depois de você.

Manipuladorzinho do caralho. Odeio que meu coração queira tanto acreditar nisso.

— E você espera que eu acredite nisso?

— Deveria. É a verdade.

Um casal de idosos entra na cafeteria e só quando eles pedem espaço para passar, é que eu noto que estamos atrapalhando a via dos clientes. Sem comunicar ao Grayson, até porque, espero que ele não me siga, saio do estabelecimento, abraçando meu próprio corpo para me proteger do frio noturno.

Bufo furiosamente quando o sininho da cafeteria toca e ouço os passos pesados do homem atrás de mim. Viro na sua direção, exausta dessa insistência, e, antes que ele abra a merda da boca, digo a primeira coisa que penso:

— Quer saber, Grayson? Eu realmente sinto muito por você ter feito esse voto de celibatarismo depois de ter me deixado, imagino que a culpa deve ter sido enorme a ponto de fazer tal coisa — destilo, furiosa com seu cinismo. — Uma pena que eu não posso dizer o mesmo.

Abaixo o tom de voz, quase sussurrando, e me aproximo. Ele permanece imóvel.

— Transei com tantos homens quanto se é possível nesses últimos anos. Muitos deles continuam atrás de mim por que têm noção de que nenhuma outra mulher sabe fazer o que *eu* faço na cama, entre quatro paredes. — Sorrio, ardilosa. — Por isso, Grayson…

— Cala a boca, Veneza. — Seu timbre trêmulo de raiva me arranca uma risadinha de deboche.

— O quê, Grayson…? — ronrono. — Está irritado por eu não ser mais a garotinha inocente da qual você tirou a virgindade e por ter me tornado alguém inalcançável?

Mal termino de falar quando a coisa pela qual mais senti falta e imaginei milhares de vezes em momentos específicos do meu dia acontece: Grayson agarra meu pescoço, levando meu rosto perigosamente para perto do seu, enviando um choque de excitação para o meio das minhas coxas.

Ainda que arrebatada, umedeço os lábios com a língua, vagarosamente, pois sei o quanto ele ficava louco quando eu fazia isso. E, pelo visto, nada mudou, porque o homem à minha frente acompanha o rastro da minha língua quase como se salivasse, sedento para provar.

— Eu mandei você calar a porra da boca... — volta a falar, rouco, odioso de sexy. Ergo a cabeça com a impressão de que, não importa quanto tempo passe, essa química do caralho sempre irá existir entre a gente. — Para de falar essas merdas.

— Só estou tentando deixar claro que não há volta para nós, Grayson. — Resfolego ao sentir seu polegar passeando por minha garganta. — Nossa história acabou, e isso faz muito tempo.

— Nós ainda não tivemos um fim, Veneza. — Suas íris vão em busca das minhas. — Nossa página está incompleta. Em branco, cacete, mas não finalizada.

Solto uma risada sem humor.

— Você teve tempo de sobra para voltar atrás na sua decisão de me abandonar. — Engulo em seco e me afasto, com medo de que eu acabe perdendo o controle se continuar tão perto dele. — Por favor, só… Para, ok? Para. Não faz sentido se empenhar tanto em algo que não vale a pena.

— *Você* vale a pena.

Rio com escárnio.

— Não, eu não valho.

— Porra, como você é difícil!

Emito um estalo no céu da boca.

— Desistiu?

Ele dá um sorrisinho de deboche, erguendo uma sobrancelha.

— Jamais, vampirinha. Vou até o fim por você, até o inferno, se for preciso. Não pretendo te deixar ir tão fácil, Veneza. Não quando rodei a porra do mundo todo só para te encontrar.

— Uh, que lisonja. — Afasto alguns fios que se soltaram do meu rabo de cavalo do rosto. — Deve ter custado caro, espero que não tenha te prejudicado.

— E você se importa com o quanto eu gasto?

— Nah, claro que não. — Finjo limpar as unhas, indiferente. — Mas eu odiaria que ficasse sem dinheiro e acabasse ficando impossibilitado de voltar para de onde saiu.

Grayson pisca, surpreso, e depois gargalha. Em alto e bom som.

Meu Deus, eu lembro de esse ser o som que fazia meus dias mais felizes. E meu coração também, pois estremece em resposta.

— Filha da puta... — sopra. — Uma filha da puta gostosa pra cacete.

Não. Aperte. As. Pernas, faço uma nota mental.

— Certas coisas nunca mudam, Grayson. Aposto que sentiu falta de me ter aquecendo seus lençóis.

— Todos os dias.

Anuo em concordância. *Disso,* eu não duvido.

— Bem, já deu de conversa. Extrapolei meu limite de palavras com você. — Começo a andar para o lado oposto. — Espero ter que te ver só nas nossas sessões a partir de hoje.

Eu giro sobre os calcanhares, obrigando meu corpo a sair de perto dele. Seu cheiro, sua voz, sua risada, o calor da sua pele... Tudo, tudo é perigoso. Meu pescoço queima com seu recente toque, com as memórias que isso trouxe.

— Ainda temos uma chance, Veneza! E eu vou lutar por ela! — Fico estática no lugar quando ouço seu grito. Não viro para trás, tentando não demonstrar qualquer reação, mas só Deus sabe como eu estou. — Pode fugir o quanto quiser, eu não vou desistir de nós.

As pessoas que passam na rua estão tão surpresas quanto eu, soltando exclamações baixinhas e paradas para apreciar mais do show. Certeza de que amanhã estará em todas as manchetes e minha DM estará lotada de gente perguntando quem é esse homem, ou melhor, já até saberão quem é.

Para evitar que isso tome uma proporção muito maior, simplesmente continuo andando, deixando Grayson e toda sua plateia para trás. Não sei se tenho saúde mental para lidar com isso. Ao chegar em casa, eu me jogo na cama, boto a série mais engraçada que encontro na minha lista de reassistidos e me entupo com um pote de sorvete.

Que se foda Grayson Caine por ter voltado para me atormentar! Que se fodam suas palavras que me afetam tanto! Que se fodam as vezes incontáveis que sonhei com ele por não aguentar de saudade!

Que se foda meu coração maldito por ainda amá-lo.



Grayson Caine

Verão de 2013

Melbourne

Sou fascinado por Veneza Thronicke desde o dia em que pisei na praia australiana e ela foi a primeira coisa que meus olhos capturaram.

Posso dizer que sua destreza no vôlei e o quanto ela estava linda executando os arremessos foram as primeiras coisas que me deixaram vidrados na garota.

Os cabelos longos e cor de chocolate amarrados em um rabo de cavalo voando de um lado para o outro enquanto ela parecia lutar com unhas e dentes pela vitória; as comemorações seguidas de pulinhos e os olhos brilhando quando fazia ponto; o modo como apoiava as mãos nos joelhos e ficava toda concentrada... Tudo isso me endoideceu por ela, deixou minhas mãos suando e o coração

acelerado dentro do peito, mas uma coisa em específico me fez perceber que Veneza seria minha perdição.

O sorriso.

A merda daquele sorriso pelo qual eu sou tão fodidamente apaixonado.

No momento em que ela virou para trás e percebeu que tinha plateia — eu —, suas bochechas assumiram uma coloração carmesim e lentamente um sorriso tímido se abriu em seus lábios, que descobri serem tão bons de beijar. Na hora, eu não sabia muito bem o que fazer, já que parecíamos tão afetados na presença um do outro, então apenas acenei e fiz um sinal de positivo com as mãos, insinuando que ela estava indo bem.

Veneza riu de maneira sem graça e agradeceu, voltando ao jogo.

Depois dali, outras garotas perderam totalmente o encanto. Eu só tinha olhos para *ela.* Foda-se que todo mundo estava rindo de mim por eu ter largado minha vida beijando várias bocas e louco apenas por uma, tenho certeza de que a situação pioraria se eu contasse a eles que já havia imaginado minha vida todinha com Veneza apenas com uma encarada.

Se eu sou emocionado? Com certeza sou, mas não ligo. Minha garota está neste exato momento deitada no meu peito e fazendo círculos distraídos no meu abdômen enquanto fala sobre a mais nova fofoca do mundo dos artistas — algo sobre traição e gravidez inesperada —, então toda a persistência valeu a pena.

As idas à praia só para vê-la jogar, o interesse fora do comum que criei pelo vôlei só para ter o que falar com ela, as idas

constantes à sorveteria com a desculpa de que eu era louco por sorvete só para passar mais tempo ao seu lado... Eu faria tudo de novo, sem dúvidas, porque, além de namorada, eu ganhei uma amiga — e ela, um parceiro de jogo, ainda que eu não seja tão bom quanto ela.

— Só espero que o bebê não seja afetado por essa confusão toda — murmura, atualizando o tempo todo suas redes sociais.

— Eu também. — Beijo sua testa. — Agora, para de ficar vendo essas coisas. Você passou o dia inteiro nisso.

— Mas toda hora tem notícia nova! — Bufa. — Olha aqui, já estão achando que ela está grávida de outro homem!

Minha risada sai anasalada ao tomar o celular de suas mãos, desligar e esconder debaixo do meu corpo. Ela se indigna, tentando rolar para alcançar o aparelho, mas prendo seu corpo contra o colchão.

— Ei! — Ela grita, fazendo o típico bico raivoso.

— São 2h da manhã, Veneza. — Ergo uma sobrancelha. — Amanhã tem treino, lembra?

Ela revira os olhos, irônica.

— Você parece minha vó falando assim. — Suspira. — Mas, tá, você tem razão, só me deixa... — Veneza, com suas mãos espertas, as conduz devagarzinho para onde seu celular está, porém, eu percebo, gargalhando ao tirar suas mãos. — Chato!

— Preocupado com o seu bem-estar, vampirinha. São duas coisas diferentes.

Ainda com Veneza colada ao meu peito, me estico na cama e desligo o abajur, deixando-nos apenas com a luz que entra pela janela, logo ajeitando os travesseiros.

— Hum... Você é um namorado tão atencioso. — Ela dá um sorrisinho satisfeito. — Vai me ver treinar amanhã?

— Com certeza. — Beijo sua testa.

O sorriso de Veneza continua estampando seus lábios enquanto me observa, passando os olhos pelo meu rosto e parando em minha boca, até conectar seu olhar com o meu outra vez.

Eu amo quando ela faz isso. Amo como esse gesto diz tanto sobre nossa relação. O amor palpável que existe entre nós. Mesmo que nunca tenhamos confessado um para o outro, eu sei que Veneza me ama, e eu espero de verdade que ela não tenha dúvidas sobre quão louco e apaixonado sou por essa garota.

— Por que está me olhando assim? — questiono baixinho, correndo as costas dos dedos por sua bochecha.

— Não posso mais admirar o meu namorado?

— Adoro como isso soa dos seus lábios — sussurro bem próximo à sua boca, prendendo seu lábio inferior entre os dentes.

Veneza estremece, um gemido gutural escapando de sua garganta quando aperto sua cintura. E, simples assim, sei que não vamos dormir tão cedo.

— Sabe... — Ela tece beijos no meu pescoço, sem pudor algum. — Não vai fazer tão mal assim se ficarmos acordados mais um tempinho...

Assinto, sem ao menos raciocinar direito, perdendo completamente a linha ao sentir as unhas de Veneza raspando no meu abdômen desnudo até o cós do meu calção.

— Concordo pra cacete — ofego.

A garota sorri com malícia e inverte nossas posições, ficando por cima.

É a visão dos deuses.

Seguro-me para não gemer alto quando Veneza movimenta os quadris, provocativa, e leva os dedos à alça da blusa, tirando logo em seguida o sutiã.

Ela sabe que sou obcecado por essa parte em específico do seu corpo, e a porra do sorriso diabólico que molda seus lábios só prova meu ponto de que Veneza faz esse showzinho de propósito.

Espalmando as mãos no meu peitoral, ela se inclina em minha direção até que seus lábios estejam a centímetros do meu ouvido. Boto seus cabelos para o lado, beijando e deixando roxos certeiros por toda a região do seu pescoço e clavícula.

— Faça valer a pena, Grayson... O objetivo é tentar arranjar uma desculpa para eu não conseguir andar amanhã.

Eu rio alto, porque nós dois sabemos que eu nunca passaria dos limites sabendo que há algo tão importante no dia seguinte. Mesmo assim, seguro sua cintura e giro nossos corpos, prendendo seus pulsos acima da cabeça e me deleitando com sua expressão de puro prazer.

— Seu pedido é uma ordem, amor.



três semanas depois

Eu não acredito que vou chegar atrasado no campeonato que Veneza irá participar.

Puta merda, ela vai me matar!

Banhando como gato e vestindo a primeira roupa que vejo no meu guarda-roupa, desço as escadas em velocidade recorde, por pouco não pisando em falso.

— Meu Deus, pai, eu vou chegar atrasado! — grito a primeira coisa que penso, apanhando o molho de chaves na bancada, mas, antes que eu abra a porta, ouço um coçar de garganta repreensivo vindo do meu velho. — Pai…

— Senta essa bunda na cadeira e venha tomar café — manda, apontando para uma das cadeiras.

— Estou atras…

— Não acordou cedo por que não quis — diz casualmente, pondo uma xícara de café na mesa e um pedaço de bolo na tigela.

— Meu alarme não tocou!

— É claro, vive tirando o celular do carregador antes de a bateria estar completa. Tenho certeza de que descarregou. — Mais uma vez, o senhor Dominic está cheio de razão. — Não vou deixar você sair daqui de barriga vazia.

Resmungando diversos palavrões, me jogo na cadeira e solto uma lufada de ar, irritado, batucando os pés para mostrar meu descontentamento. Dominic não se mostra afetado — pois ele realmente não está —, apenas me observa enquanto como. Pela expressão séria, sei que ele está pensando em um assunto que, se for o que eu estou imaginando, não me agrada nenhum pouco.

— Grayson. — Ele chama.

— Hum?

— Até quando vai iludir aquela garota?

E está aí o tópico sensível que profundamente odeio. Se meu pai queria que eu perdesse a fome por um motivo diferente do qual estamos acostumados, pois bem, conseguiu.

— Pensei que eu estar comendo era motivo de vitória — murmuro.

Dominic pisca, se dando conta do que “fez”. Faz tempo que não consigo ingerir alimentos com facilidade, estou cada dia mais magro, e despertar no meio da madrugada para vomitar tem se tornado cada vez mais frequente.

— Filho… — Ele massageia a têmpora. — Você pretende contar a verdade a ela?

— E qual é a verdade, pai? Que eu estou morrendo? Que eu não tenho uma expectativa de vida muito alta?

— Não diga isso! — Meu pai quase rosna. — Não, não diga isso. Você não vai morrer, entendeu? Não vai. Estou falando… Estou falando sobre…

— Sobre eu ir embora daqui a duas semanas — completo, sem paciência. — E não, não pretendo contar.

— Grayson…

— Eu conheço minha namorada, pai, sei como ela reagiria. — Respiro fundo. — E-eu não quero que ela sofra, não quero dizer que irei me mudar para começar meu tratamento e dar a ela alguma esperança de que, um dia, irei voltar.

Ele ri, mas é uma risada triste.

— As esperanças foram dadas quando você se permitiu ter alguma coisa com a garota, Grayson. Quando a pediu em namoro e quando a fez se apegar a você. Está nítido para todo mundo o quanto Veneza te ama e, se ela não quiser nunca mais olhar na sua cara depois do que pretende fazer, me perdoe, mas estarei do lado dela.

— Eu também a amo, pai… Mais do que imagina. Ela é a garota que sempre sonhei.

— Então, conte a verdade.

— Não posso — sussurro, negando com a cabeça.

— Por que não, Grayson?!

— Porque eu posso morrer! — exalto-me, batendo na mesa. — Porque eu só tenho 50% de chance de cura, porque eu não tenho realmente nenhuma garantia de que irei voltar para ela, porque, a cada dia que passa, eu estou piorando e não quero que ela me veja definhar!

A realidade acerta meu pai como um soco. Ele cambaleia para trás, e imediatamente me arrependo, pois o tema da minha

doença e as chances que tenho de morrer o desestabilizam, tiram seu sono. Puxo o ar lentamente e peço desculpas, baixando a cabeça.

— Ela te ama o suficiente para aguentar passar por tudo isso com você, para querer participar de tudo isso... — pronuncia-se, depois de um tempo calado. — É injusto fazer Veneza passar por uma situação que *você* irá criar.

— E eu a amo o suficiente para não permitir que ela passe por isso, mesmo que Veneza me odeie. — Levanto da mesa e pego o pedaço de bolo. — Vou tentar comer no caminho.

Dominic comprime os lábios até formarem uma linha branca e anui, mesmo sem concordar, mas cansado de discutir, puxando-me para um abraço apertado e beijando o topo da minha cabeça.

— Então, quando tudo isso acabar, lute por ela. Um amor desses só aparece para nós uma vez na vida, e não podemos deixá-lo escapar — afirma. — Veneza vai te odiar, te odiar *muito*, e com razão, mas, se ela ainda te amar, se o coração dela ainda te corresponder, vocês irão achar o caminho de volta um para o outro.

Só percebo que estou chorando quando sinto meu queixo molhado, pingando uma única lágrima na minha camiseta.

— Temos um fio vermelho amarrado nos nossos dedos mindinhos, pai... — Eu brinco, e ele ri. — Independentemente do que acontecer, estaremos sempre ligados e iremos nos encontrar em qualquer circunstância.

— Pois, então, torça pros deuses não decidirem cortar esse fio bem no meio!

— Vira essa boca pra lá! — Empurro-o fraco, ocasionando em uma gargalhada alta por parte dele. — Veneza é a minha garota e eu sou o garoto dela. Posteriormente, o homem dela e ela, a minha mulher. Daremos uma pausa pelo bem de nós dois, mas irei voltar e batalhar por Veneza o quanto for necessário.

— Esse é o meu filho! Agora, vai, você vai se atrasar.

— *CACETE*! — berro, dando um pulo.

— Olha a boca, moleque!

— Puta merda! — Ignoro sua reprimenda e abro a porta com força, quase deslocando meu braço fora, e passo para o outro lado, dando um tchau apressado para Dominic. — Tchau! Volto mais tarde!

— Se cuid…

Antes que ele termine a frase, eu já estou descendo as escadas, atropelando uma criança no caminho que estava brincando de blocos na calçada e desejando um pedido de desculpas apressado.

Nem que eu derrube dez pessoas no caminho e ganhe 15 hematomas de brinde, Veneza, sua medalha de ouro e nossos últimos dias juntos continuarão sendo minhas prioridades.



Grayson Caine

“Veneza Thronicke, famosa jogadora de vôlei e principal responsável pela vitória em massa da equipe Lions League, é pega em momento conflitoso com o fisioterapeuta do time.”

Pessoas que passavam pelo local no momento da suposta briga afirmam que o homem, identificado como Grayson Caine, estava fazendo juras de amor para a estrela do vôlei feminino, mas que esta, no entanto, demonstrou não corresponder aos sentimentos. Alguns até chegaram a afirmar que rolou tensão sexual entre ambos!

Confiram as imagens a seguir.

E aí, internautas? Acham que Veneza Thronicke está mantendo um caso secreto com o fisioterapeuta da equipe? Parece que a coração de gelo não é tão imbatível assim.

Malditas sejam as páginas de fofoca.

— *É, cara, acho que vocês se ferraram.* — Faran, por meio da videochamada, afirma, após compartilhar a notícia que está em todos os cantos para a tela do notebook.

Enterro o rosto nas mãos e mergulho os dedos nos cabelos, grunhindo. Se Veneza já me odiava antes, agora, seu asco em relação a mim vai piorar depois disso. Ela deve estar recebendo milhares de mensagens neste exato instante, inclusive de sua treinadora, Lindsay, que, pelo pouco que conheço, sei que não é uma mulher fácil.

— Cara, a Veneza vai me odiar mais ainda... — Dou voz aos meus pensamentos ao passo que entro no *Instagram* e vejo os 12 mil seguidores, os mais de 100 mil comentários e as 5 mil mensagens no *direct* que ganhei da noite para o dia. — Cacete, ela vai me odiar pra caralho.

— *Mas, também, você é um idiota! O que você queria fazendo aquilo no meio de tanta gente?*

— Eu não pensei nisso! — Jogo o celular no sofá, e ele quica até parar na beirada. — Estávamos tão... imersos um no outro, que nem ela e nem eu ligamos.

— *Ela vai te matar, meu amigo. Lenta e dolorosamente.* — Faran bufa, apoiando o queixo no punho. — *Mas que baita declaração, hein? Adorei.*

Dou um sorriso amarelo, coçando a nuca.

— Não era para você ter visto.

— *Bem, sinto em te informar, só que... eu e mais uma cacetada de pessoas vimos. E elas estão indo à loucura nos comentários. "Queria esse homem pra mim", "nossa, se eu fosse*

ela... Deus me livre, mas quem me dera!” — Ele lê, e, pelo seu rosto sorridente em alta resolução na tela, sei que está se divertindo com isso. — *“Uau, que gostoso. Olha esses músculos!”*

É impossível conter a risada, porque eu estou tão indisponível que chega a ser engraçado ler as inúmeras mensagens de teor romântico que recebi só na madrugada passada.

— Já tenho dona.

— *Deveria mudar seus* status *de relacionamento nas suas redes sociais, então.*

— O problema é que ela não sabe ainda. — Dou de ombros. — Mas deveria. Acho que está estampado na minha testa que sou propriedade exclusiva daquela mulher.

— *Ah, que nada, só um pouquinho.*

— Acho que não fui convincente o suficiente quando disse que não fiquei com mais nenhuma mulher depois dela.

— *Ninguém em sã consciência acreditaria nisso, Grayson, me perdoe.*

— Mas é a verdade!

— *Eu sei, cara. Sei mais do que ninguém disso, só que, né, ela tem uma imagem distorcida sua e do que fez a ela, então é completamente normal Veneza não acreditar que você não beijou nem uma bocazinha sequer.*

Esparramo-me na poltrona giratória e acolchoada, balançando-a para lá e para cá.

— Como eu faço o amor da minha vida entender que é o *amor da minha vida?* E que eu não consigo sentir atração por

nenhuma outra mulher por que ela é a única que me tem por inteiro?

— *Grayson, para de ser imediatista! Vocês acabaram de se reencontrar, pelo amor de Deus!* — Faran exclama, impaciente.

— Mas, porra, são 9 anos longe!

— *E como você acha que ela passou esses 9 anos? O que você acha que ela pensou? Sobre você, sobre os dois? É injusto exigir que ela te perdoe num passe de mágica depois de tudo.*

Odeio quando esse filho da puta está certo.

— Tenho sessão com ela amanhã.

— *Ótimo, conversem. Só não force a barra.*

— Não vou.

— *Que bom. E, pela décima vez, seja paciente. Há um ditado que diz que a pressa é inimiga da perfeição, e você não vai conseguir* nada *se fizer tudo do seu jeito, babaca.* — Eu assinto, absorvendo seus ensinamentos de mestre, e Faran olha algo no celular, soltando o ar pela boca. — *Mare está precisando de mim no hospital, tenho que ir. Até logo.*

Quase no mesmo instante em que Faran desliga a chamada e eu fecho o notebook, que ainda está apoiado na mesa de centro, a porta do meu apartamento se abre, revelando meu pai com, no mínimo, dez sacolas de compras em cada braço. Reviro os olhos diante da cena e levanto para ajudá-lo.

— Pai, eu não estou passando fome.

— Cala a boca, moleque, sua geladeira e seus armários estavam vazios. Pensa que vai durar quanto tempo se alimentando só de besteiras? — briga, abrindo uma sacola e tirando de lá carne

congelada e outras milhões de verduras, arrumando um espaço no congelador para acomodá-las. — Eu disse que você não sobreviveria nem dois meses sem seus pais.

Gargalho, armazenando os pacotes de alimento nos armários e deixando que Dominic se encarregue dos congelados.

— Foi por isso que veio morar aqui também?

— Óbvio, não vou negligenciar a saúde do meu filho.

— Seu filho tem *27 anos*, pai.

— Mas a idade mental é de 10 — retruca, passando a mão na testa em um indicativo dramático de cansaço, e fecha a porta do freezer. — Prontinho, quero ver qual desculpa vai arranjar agora para não se alimentar feito uma pessoa decente.

— Não sei cozinhar. — Fico de pé e estralo as costas.

A cara de desgosto do meu pai é impagável.

— Deixa de mentira, quando Veneza ped… — Ele para ao perceber o que falou. — Esquece.

Ofereço a ele um sorriso tranquilizante. Falar de Veneza não deveria ser considerado um tabu entre meus pais e meus amigos. Eu adoro falar dela, *sobre* ela. Adoro relembrar do passado. Se deixassem, eu falaria o dia todo sobre como eu ainda a amo e o futuro que imagino para nós dois.

Veneza Thronicke pode ser uma tempestade, daquelas mais turbulentas e cheias de ondas revoltas, todavia, ela é a minha paz. Contar nossas histórias e recordar dos melhores três meses da minha vida nos quais ela esteve presente é o mesmo que me embalar em uma manta bem quentinha.

— Meus dotes culinários serviam única e exclusivamente a ela, pai. Desculpa.

— Vai se…

— Opa, o que é isso?! — Ergo uma sobrancelha, segurando a risada. — O senhor está virando um idoso muito boca suja.

— Idoso é o meu rabo, Grayson! — Meu pai mostra o dedo do meio e vai em direção ao sofá, se jogando no estofado. Rio alto. — Mudando de assunto, como está sua relação com a garota?

— Pior do que nunca. — Pego duas latas de cerveja do frigobar e entrego uma para Dominic, abrindo a minha. — Ela me odeia.

O líquido escapa um pouco para fora da sua boca quando ele ri.

— Bem feito. O que você esperava? Que ela fosse te receber com beijos?

— Não sou ingênuo, pai, é óbvio que eu não esperava por isso, mas… Também não esperava pelo tapa que ela me deu.

— Merecido. Eu faria a mesma coisa se fosse ela.

— Agora, deu para todo mundo ficar contra mim?! Eu já entendi que fiz merda, tá legal? E estou tentando mudar isso.

— Pois tente bastaaante — entoa. — Ela não vai ser fácil.

— Não sei se quero que ela seja — admito, com o olhar perdido em um canto qualquer da parede. — Acho que mereço sofrer pelo que a fiz passar.

— Você *acha*?!

Se eu estivesse numa animação, com certeza estaria saindo fumacinha dos meus ouvidos e minha cara estaria toda vermelha.

— Fala sério, de quem o senhor é pai?!

Dominic esvazia a latinha e apoia o cotovelo no braço do sofá, me encarando.

— Seu, é claro, mas Veneza era minha nora favorita e…

— A única que teve.

— …Você pensa que eu engoli fácil sua ideia de, literalmente, abandoná-la? E não, tenho certeza de que você teve uma antes dela.

— Todas as garotas antes dela foram irrelevantes.

— Para de mudar de assunto! — ordena. — Enfim, como eu estava dizendo… Ah, foda-se, esqueci. Mas, só para você saber, estou contando no calendário os dias até o fim do verão.

Fecho a cara, ofendido.

— O jeito que o senhor acredita em mim me comove.

— Não é que eu não acredite, só que isso é uma coisa que não depende só de você, então, a menos que force Veneza a ficar contigo…

— Eu nunca faria isso — afirmo, sério.

— *Rá,* eu sei que não. Nós, homens, temos muito amor às nossas bolas, e eu arrancaria as suas com minhas próprias mãos se ousasse algo do gênero — ameaça. — Como eu estava dizendo, não é algo que depende só de você, certo? Então, se ela não quiser…, não há muito o que possa ser feito.

Parece que hoje, Faran e meu pai tiraram o dia para jogar umas verdades na minha cara.

— Pai… — Umedeço os lábios. — Não sei como dizer, só que… eu conheço a Veneza, entende? Anos podem se passar e ela pode negar o quanto quiser, mas eu a *conheço.* Sei ler as expressões que ela faz com facilidade e a forma como o corpo dela reage a mim…

— Tá, tá, já entendi. — Gesticula com as mãos. — Não quero saber da vida sexual do meu filho.

— Seu filho não tem vida sexual há 9 anos.

— Ai, meu Deus, você acaba de me confirmar que vocês transavam! — Ele praticamente berra.

— É óbvio que a gente transava. O que o senhor achava que a gente fazia? Brincava de casinha?

— *CALA A BOCA*! — Dominic acerta um tapa na minha cabeça. Uma gargalhada estrondosa escapa da minha garganta. — Puta merda, eu vou dar um fim em você, garoto.

— Sinto informar que a mamãe nunca deixaria.

— Sua mãe está do outro lado do mundo, eu poderia despistá-la facilmente.

Se falar sobre Veneza comigo, para o meu pai, é um terreno perigoso, falar sobre minha mãe *com* ele também é. Eles vivem numa relação… esquisita. Embora se amem muito, isso não dá para negar, faz tempo que não os vejo como casal. Ambos, sequer, se separaram oficialmente, então não faço ideia do que ocorreu para estarem tão indiferentes um com o outro.

Seja o que for, não irei me intrometer. Tenho minha própria vida para cuidar e foi-se a época em que eu ficava entre a cruz e a espada na expectativa de apaziguar os dois.

— Beleza, pai. — Dou tapinhas nas minhas coxas e levanto. — Tenho que organizar minha ficha de pacientes, checar alguns horários e… — *Pensar no que irei dizer a ela quando nos virmos amanhã.* — É, só isso.

Se Dominic percebe que eu não queria dizer exatamente isso, não deixa transparecer. Com um aceno singelo e breve, ele me dispensa.

Rumo ao corredor feito um foguete, indo direto para a parede do meu quarto dedicada exclusivamente à Veneza. Fotos reveladas em formato Polaroid, cartinhas bobas que trocávamos, um colar com um pingente de sol que ela me deu com a ameaça de que, se eu parasse de usá-lo, estaríamos acabados para sempre... Eu só tiro para banhar, pois não quero danificá-lo, mesmo estando um pouco velho. Entretanto, ainda que esse colar seja uma parte de mim, sempre o ponho dentro da camisa para que ela não veja que ainda o uso, e, talvez, isso seja um erro grave que eu esteja cometendo.

Pego o colar e passo por meu pescoço, segurando o pingente entre os dedos.

Pergunto-me se a cordinha feita à mão que dei à Veneza também está apenas escondida de mim, das pessoas, ou se ela a descartou da mesma forma que fez com o resto do que vivemos.



Veneza Thronicke

Rodo o pingente de mar entre os dedos, logo escondendo-o dentro da minha blusa ao escutar uma movimentação atrás da porta do apartamento de Jonathan.

Amaldiçoo a mim mesma a cada segundo por não ter jogado esse objeto fora, por me agarrar a ele. No fim, se eu for honesta comigo mesma, sei que tenho medo de esquecer do quanto Grayson, um dia, foi a parte mais bonita da minha vida. Apego-me às fotos, aos itens que foram de alguma forma importante para nós, gravações, cartas... Tantas e tantas coisas que eu deveria ter arremessado no fogo no instante em que ele me largou.

Deus, como eu vou convencer alguém de que o superei se ando com a merda de uma recordação dele para cima e para baixo?

Quando Jonathan abre a porta, eu não espero nem meio segundo para puxar seu pescoço e grudar nossos lábios.

Eu não estava aguentando mais ficar em casa. Não com as notícias rolando como fogo no palheiro. Não com as milhares de

ligações. Não com o mundo parecendo me comprimir.

Se os tais internautas descobrem que estou dando uns “amassos” em outro homem quarenta minutos depois de vazar um vídeo no qual sou alvo de uma declaração e, agora, parte da internet inteira está nos *shippando,* com certeza as coisas não ficariam boas para o meu lado.

Não que, em algum momento, estivessem.

Jonathan retribui o beijo de imediato, pois sabe que cumprimentos não fazem parte da nossa relação deturpada, e infiltra os dedos nos meus cabelos, puxando minha cintura e chocando nossas regiões pélvicas. Abro um sorrisinho ao sentir seu membro duro contra minha barriga, descendo uma das mãos enquanto raspo as unhas em seu abdômen. Porém, antes que eu consiga apalpá-lo, o ruivo interrompe o contato de abrupto, ofegante.

Franzo as sobrancelhas.

— O que aconteceu?

— Não podemos fazer isso — diz, e se afasta, passando a mão no rosto.

— O quê? Por que não? O que… Ah. — A revelação cai como uma pluma sobre minha cabeça. — É por causa do vídeo vazado?

— É claro, cacete! — As veias do seu pescoço dilatam ao esbravejar. Sinceramente, prefiro quando isso acontece em outra circunstância. — Por que não me contou que estava com alguém?

Rio.

— Por que eu não estou? — respondo, como se fosse óbvio. Caminho em direção à bancada e me sirvo uma taça de vinho, e ele fecha a porta em suas costas. — Sabe como esses sites adoram aumentar as situações.

— Eu acreditaria nessa mentira se não houvesse um vídeo comprovando a situação. Que palhaçada é aquela de “ainda temos uma chance”? Seu fisioterapeuta, é sério? O que está havendo que você não quer me contar?

Giro o líquido doce na taça, tombando minimamente a cabeça, indiferente ao seu alarde.

— Nada que você tenha que saber.

— Que eu *não tenha*?! Veneza, você tem ideia do movimento que está causando nas redes sociais? Sua treinadora vai te matar!

Dou de ombros, soberba, e ando até ele outra vez.

— Isso é entre mim e ela. Não tem nada a ver com você — cicio, tocando o cós da sua bermuda, um sorriso malicioso enfeitando minha boca. — Agora…

— Não. — Ele retira minha mão devagar. — Não, não e não. Isso não está certo.

— Porra, Jonathan! — Perco a paciência. — É sério que vai me negar sexo por causa disso? Em quantos escândalos me envolvi em todo esse tempo? Jogadores de futebol, treinadores, CEO’s, diretores... Meu Deus, a lista é longa! Por que agir assim só agora?

— Porque nenhum deles se declarou para você em plena rua movimentada!

Mordo os lábios.

— Outros já fizeram isso enquanto me…

— Não venha com suas gracinhas, Veneza. — Ele revira os olhos. — Quem é ele?

— Grayson Caine, meu novo fisioterapeuta. Pensei que todos estivessem sabendo disso — debocho.

Jonathan nega.

— Não, idiota. Estou perguntando quem é ele para *você.*

Reteso a coluna, atingida por sua pergunta.

— Ninguém.

Ou, pelo menos, é do que tento me convencer.

Que Grayson não é ninguém para mim.

— Mentirosa — acusa. — Está estampado na sua cara que tem mais nessa história.

— Nada que mereça ser exposto. São coisas insignificantes.

— Você. É. A. Mulher. Mais. Difícil. Que. Eu. Já. Conheci.

Solto um riso anasalado.

— Já me disseram isso antes.

— Já pensou em procurar ajuda? — devolve.

Esse assunto de novo não.

— Não, e nem pretendo.

— Sabe, seria bom. Conversar, ouvir, desabafar, aprender…

— Não tenho um pingo de interesse em nenhuma dessas coisas citadas.

— Ven…

Ergo a mão, mandando-o parar.

— Não sei que tipo de livro utópico você anda lendo, mas aqui é a vida real. As mocinhas fictícias costumam ter suas redenções, não é? São todas fodidas psicologicamente e, então, nas últimas 20 páginas, decidem que irão fazer intermináveis sessões de terapia toda semana e, magicamente, num piscar de olhos, se tornam pessoas melhores. Mas isso é diferente, Jonathan, e eu não quero ser salva. Não quero ter que ouvir alguém que está ali só porque foi paga achando que sabe algo da minha vida apenas por acharem que é o “correto”.

O homem torce o nariz, desgostoso.

— Você tem uma visão meio errada do que significa *fazer terapia.*

— Foda-se, não quero e ponto final.

O ruivo suspira, derrotado. É a reação que a maioria das pessoas tem quando passa muito tempo comigo. Começo a me indagar quando me tornei uma presença tão… chata.

— Ok, então desabafe comigo. Sou muito mais do que uma foda casual. Sou seu amigo.

— Na verdade, eu preferiria que você continuasse sendo só uma foda casual — solto, incapaz de segurar as palavras na minha boca.

Mas não é verdade, Jonathan é bem mais do que isso, contudo, *machucar antes de ser machucada* tem sido o meu lema para tudo.

— Uau, você tem uma capacidade e tanta de magoar as pessoas. — Ele ri sem humor, passando a mão nas madeixas acobreadas e macias. — Parabéns, conseguiu o que queria. Pode sair do meu apartamento.

Este momento pode entrar para o “Top 10 Momentos Em Que Mais Fiz Besteira”. Eu me odeio pra caramba agora, por que Jonathan não merece isso, e ser *eu* a pessoa a dizer algo tão cruel para alguém que sempre me respeitou me rasga por dentro.

— John… — chamo-o pelo apelido, esperando que isso amenize alguma coisa. — E-eu… me… me des… — Engulo em seco. Ele me olha em expectativa por algo que nós dois sabemos que não vai acontecer. Eu não peço desculpas, é a porra da palavra mais difícil de sair da minha boca. — Foi mancada, beleza? Eu…

Sua risada de escárnio me cala.

— Vai embora, Veneza. Você não consegue nem se desculpar, caralho. Cansei dessa merda.

Se eu dissesse para ele que minha avó me batia o número de vezes que eu pedia desculpas a alguém, com a afirmação de que isso era uma forma nojenta de se rebaixar, será que ele entenderia?

Reunindo toda a coragem do mundo, porque há momentos em que sou insistente na mesma proporção que sou insuportável, começo:

— Você quer saber da minha história com o Grayson? Tudo bem, eu te conto!

— Não, porra, eu não quero saber de mais nada. A única coisa que eu quero é que você dê o fora daqui.

Ele costumava ser a pessoa mais pacífica e calma que eu conheço, por isso, presenciá-lo dessa forma está me ferindo. Pra cacete.

Meu Deus, qual é o meu problema?!

— Eu não vou ficar me humilhando pra você, Jonathan — falo, dura. — Estou querendo te contar a verdade, mas, se eu sair por aquela porta, não adianta correr atrás.

— Ótimo, não vai fazer diferença.

Bato as pestanas, sem acreditar no que estou ouvindo e lutando muito para não deixar transparecer minha mágoa.

Mais uma vez, consegui estragar tudo.

Abro a porta, saio, e a fecho com força, torcendo para que quebre a maçaneta. Sem deixar espaço para nenhum pensamento maldito e depreciativo, entro no carro e me dirijo para a minha casa.



Na fisioterapia do dia seguinte, estou fatigada de tal modo que respirar o mesmo ar que Grayson não me causa nada além de desconforto. Depois do que houve com a exposição do vídeo, com Jonathan, com minha treinadora, que encheu meu saco pra caralho quando cheguei aqui ao dizer que a descoberta do público de que eu tenho um amor à espreita do meu coração — palavras dramáticas dela — limpou minha imagem, me sinto apática, alheia à presença de Grayson, mas bem consciente dela.

— Está tudo bem? — Sua voz ressoa nos meus ouvidos após minutos de silêncio.

Sentada no assento acolchoado, estou de costas para ele. Agradeço por Grayson não poder visualizar o segundo em que fecho os olhos com força, minha mente pesando uma tonelada. Qualquer um que me visse assim, reconheceria o semblante desolado, perdido.

— Não interessa.

— Interessa a mim, Veneza — grunhe, irritado. — O que aconteceu? Por que você está assim?

Libero uma lufada de ar, uma bola de tênis bloqueando minha traqueia e me impedindo de respirar. Cacete, meu rosto está pinicando, e sei exatamente o que isso quer dizer. Quero chorar, gritar, surtar... Quero qualquer coisa que seja capaz de fazer essa merda parar.

— Não quero brigar, Grayson — peço baixinho, retorcendo meus dedos. — Podemos deixar isso para depois?

Ele demonstra entender a gravidade da situação, porque, mesmo de costas, consigo de soslaio fitar suas feições relaxando ao mesmo tempo em que se tornam… preocupadas. Eu também ficaria, acho. A pessoa conhecida por sempre ter uma resposta na ponta da língua está pedindo por uma trégua? É esquisito, para dizer o mínimo.

Não gosto de admitir, mas estou frágil. Se Grayson quiser conviver no mesmo cubículo que eu sem a chance de receber outro tapa, a hora é agora.

Prendo a respiração quando, ao rodear a maca e parar à minha frente, sua mão quente toca meu joelho nu. E ele não tira, seus dedos roçam minha panturrilha e sobem outra vez. Meu coração pulsa na garganta. O toque queima. Esqueço como que se respira.

— O que está te machucando, meu amor? — sussurra.

Você, Grayson. Você e sua volta maldita. Você e a forma como me faz perceber que ainda te amo, que ainda te amo tanto que temo não sentir mais o mesmo por ninguém. Eu. Eu e a maneira como sempre machuco as pessoas, a forma engraçada como afasto aqueles que me fizeram apenas bem.

Tanta coisa passa por minha cabeça, no entanto, nada sai dos meus lábios. Continuo quieta, calada, olhando para as minhas próprias mãos. Tenho medo de dizer algo, e ele se afastar, pisar em falso, dizer algo que não devo.

Grayson não insiste. Em vez disso, sobe uma das mãos para minha coxa, lentamente, mas firme. Proíbo meu instinto de cruzá-las. Não vou dar a ele o gostinho de saber que estou, de repente, excitada.

Nossa, *muito* excitada.

— Veneza… — Meu nome sai como uma súplica deliciosa dos seus lábios. — Te ver assim está me matando.

Ergo a cabeça e, assim como essa atitude pode ter sido a mais burra da minha vida, ela pode ter sido a mais inteligente. Grayson está tão próximo, tão perturbadoramente perto.

— É? — Passo a língua nos lábios, sorrindo com o foco total dos seus olhos no ato. — Não passamos nem dois dias longe, e

você já está com saudade da minha língua afiada?

— São 9 anos de saudade, vampirinha... — Meu peito dói em um nível físico quando Grayson prende meu queixo em pinça entre seus dedos. — Saudade principalmente da sua língua, amor, pode ter certeza.

Seu cheiro invade meu nariz, entorpece meus sentidos. O hálito de hortelã ricocheteia na minha bochecha assim que o desgraçado resvala a boca ali. Eu quero jogar tudo para o alto e beijá-lo até esquecer meu nome, até terminarmos suados e ofegantes, sem roupas sobre sua mesa. Minha língua pesa de saudade de se entrelaçar com a dele, de se mover em sincronia com o único cara que conseguia acompanhar meu ritmo.

— Mesmo? — ronrono. — Sabe que não vou facilitar para você.

Ele sorri. Aquele sorriso lindo, largo e com covinhas.

— Eu meio que criei um apreço especial por correr atrás de você.

O que acontece a seguir não surpreende só a mim, como também a ele: eu rio. É curto, baixo, mas assustadoramente sincero. Os cantos da minha boca repuxam para cima, insistentes, e eu não mostro qualquer resistência quanto a isso.

— Senti falta da sua risada — declara, quase inaudível, hipnotizado.

E eu senti falta de você, seu filho da puta.

— Jura? — Deixo as mãos abertas ao lado do corpo e me apoio nelas. — Acho melhor ter guardado muito bem na sua

memória, porque é algo bem raro.

— Como você é chata.

Não é um insulto, nem perto disso. Essa implicância besta me lembra nossa adolescência, quando achávamos interessante encher o saco um do outro antes de nos beijarmos como dois loucos apaixonados.

Essa brisa romântica me ajuda a notar que a sensação de mal-estar não está mais presente. Não me sinto carregada, cabisbaixa, agoniada. Sinto-me quase bem, leve, talvez… feliz.

Dizem que o amor não é remédio, mas o verdadeiro ajuda a cicatrizar muitas feridas e a tornar a caminhada menos cansativa, e, embora Grayson e eu não estejamos mais juntos, embora ele tenha me magoado de uma maneira irreparável, sei que o que senti por ele foi real, foi verdadeiro. Sempre foi assim. Ainda que eu queira, não dá para negar o óbvio.

— E, mesmo assim, você está aqui.

Sua risada faz cosquinhas na parte superior do meu pescoço ao descer os lábios até ali, ameaçadores. Estremeço quando Grayson afasta meu cabelo e prende o lóbulo da minha orelha nos dentes, soltando-o para, logo em seguida, arrastar a língua preguiçosamente no ponto abaixo dele.

Golpe baixo, cacete.

— Criou uma resistência maior às minhas investidas, amor? — Ele pergunta, arqueando o cenho.

Movimento os ombros em puro desdém, orgulhosa de mim mesma por não ter denunciado o quanto estou terrivelmente quente.

— Terá que fazer bem mais do que isso se quiser me ouvir gemer, Grayson — provoco.

Como nos velhos tempos, seu espírito competitivo continua intacto, e, meu Deus, ele não sabe brincar.

Grayson finca os dedos nas minhas coxas, forte o bastante para deixar uma marca, e as afasta, enfiando seu corpo no meio delas. Só isso é o suficiente para acabar com a sanidade que eu já não tinha em relação a ele, no entanto, mesmo assim, me seguro.

— Eu conheço você e seu corpo tão bem… — Ele percebe, se vangloriando diante de meus lábios comprimidos para evitar que qualquer som proibido saia enquanto suas mãos vão e vêm por minhas coxas. O meio das minhas pernas pulsa. — Ainda não foi o suficiente?

Nego, petulante.

— E se eu fizer isso? — Suas palmas passam por minha barriga, roçam nos meus seios, e, quando penso que não pode piorar, alcançam meu pescoço. Esse desgraçado passeia seu polegar pela linha da minha garganta e fecha a mão ali mesmo.

É o meu fim.

— Grayson… — Resfolego, me segurando para não revirar os olhos de prazer.

— Estou aqui... — Beija meu queixo, descendo para minha mandíbula. Seu aperto se intensifica. — E você ainda tem coragem de dizer que não sentiu minha falta.

— Isso não vale… — Contorço-me sobre a maca, controlando do jeito que posso meu corpo idiota.

Ele marca minha clavícula com os típicos beijos possessivos e territoriais — dos quais eu nunca fiz questão de reclamar —, voltando o rosto para ficar rente ao meu. Com a mão livre, Grayson agarra os fios de cabelo da minha nuca e puxa para trás. Bruto, do jeito que eu gosto.

— *Caralho...* — choramingo em meio a um gemido.

Sem ar, luto para abrir os olhos e, ao conseguir, encontro o semblante banhado em lascívia e luxúria de Grayson. A curva de malícia na sua boca é minha perdição, e estou realmente cogitando a ideia de arrancar esse seu jaleco inútil e deixar que ele faça o que quiser comigo.

— Eu quero tanto beijar essa boca, Veneza — rosna.

— Uh, é o desejo de muitos — falo, ofegante.

— Acabo de descobrir que adoro essa sua nova versão.

— Qual? A irritante?

— A que se acha a dona do mundo e sabe que tem cada homem na porra da palma da mão.

Solto uma risada baixa.

— Você está incluso no pacote?

— Eu sou o primeiro deles, linda.

Sim, ele é. Nenhum outro homem me venerou como Grayson fez. Nenhum fez com que eu me sentisse tão linda e desejada como ele fazia — e, aparentemente, ainda faz.

— Eu não curto ensinar as pessoas, sabe? Se faz 9 anos que entrou num regime celibatário rigoroso, tenho quase certeza de que se esqueceu de tudo que sabia. — Minha frase não passa de uma

certeza vazia, pois, se tem algo que ele *não* mostrou ser, essa coisa foi inexperiente.

— Posso te mostrar que está redondamente enganada, amor.

— Pode, é?

Mordo os lábios, tirando forças do além para levar minhas mãos ao seu rosto, sentindo sua barba rala sob meus dedos. Grayson deita minimamente a cabeça para o lado, sem nunca tirar os olhos de mim.

Que saudade, meu Deus... Que saudade dele...

Quão ruim seria se eu me deixasse levar? Se eu cometesse esse erro apenas uma vez?

— Veneza? — chama, sorrindo pequeno. — Parece que tem cinco milhões de formigas na minha boca ansiosas por você.

Solto uma risada.

— Não vou beijar uma boca cheia de formigas.

— Cacete, esquece a metáfora! Só me beija logo, pelo amor de Deus — implora, parecendo uma criança.

Quer saber? Dane-se.

Acostumei-me a tomar decisões erradas na minha vida e, dentre todas elas, essa parece a mais certa.

Estou prestes a beijá-lo e a cometer a maior atrocidade da minha vida quando, de repente, a porta se abre.



Grayson Caine

Eu irei matar quem quer que seja o idiota que achou que esse seria o melhor momento para abrir essa maldita porta.

Cacete, e farei questão de que a morte seja bem lenta.

Minha garota estava prestes a me beijar, caralho. Ela ia me *beijar*. Depois de anos, mesmo com todo o ódio, mesmo com as brigas, Veneza iria ceder e me fazer o cara mais feliz do mundo. Será que o universo não entende a magnitude disso?

Sou empurrado para trás e, em seguida, ela dá um salto da maca ao ver seja lá quem tenha sido o filho de satanás a nos interromper. Estou tão aturdido pelos últimos minutos que não me dou ao trabalho de levantar os olhos para saber quem está no topo da minha lista.

— T-treinadora Lindsay, eu…

Ah, cacete.

É ela quem eu terei que matar?

Estou fodido.

Estamos fodidos, porque, querendo ou não, Veneza será a mais alvejada com isso.

Reúno coragem e finalmente ergo a cabeça, dando de cara com a mulher loira, lá pelos seus 40 anos, nos encarando com a boca escancarada e ainda com a mão na maçaneta, como se estivesse raciocinando o que acabou de ver. Nunca imaginei que Lindsay conhecesse outra expressão que não fosse a de tédio.

— Então, os boatos são reais? — Ela indaga, fechando a boca e recompondo a postura.

— Não, treinadora, eu posso expl… — Veneza tenta falar, mas é interrompida.

— Não precisa explicar nada, Thronicke. Não é como se isso fosse algo ruim.

Tanto Veneza quanto eu assumimos expressões surpresas, com pontos de interrogação estampados em nossas testas.

— Como assim?

Lindsay mergulha a mão no bolso do casaco e saca o celular, indo até o lado da morena e entrando no *Instagram* — mais precisamente num post que fez o maior sucesso sobre o vídeo exposto. Mesmo de esguelha, consigo ler os comentários à medida que Lindsay os arrasta para cima, mostrando-os à jogadora.

Não concordo com nada do que dizem, porém, desde que comecei a acompanhar Veneza à distância, só lia uma enxurrada de comentários negativos sobre sua pessoa — já cheguei a denunciar vários, inclusive —, então me deixa perplexo ler tantos comentários

considerados “bons” no meio digital, pois, para mim, ainda estão com um teor desrespeitoso o qual eu não suporto, sobre ela após o ocorrido. Coisas como “ela não é a puta que eu imaginava”, “uau, essa mulher tem mesmo um coração?”, “que fisioterapeuta de sorte”, “vamos, pessoal… Veneza pode se mostrar ser uma vagabunda, mas ainda é humana”.

Porra, esqueçam o que eu disse. Irei denunciar todos esses filhos da puta que se acham no direito de falar dela como se a conhecessem, como se Veneza fosse um brinquedo que eles pudessem massacrar quando quisessem.

— Está vendo, Veneza? Várias pessoas estão repensando sobre a ideia que tinham de você depois disso! — Lindsay anuncia, como se fosse a notícia do ano.

— Sério? — Veneza ri, irônica. — Dos dez comentários que li, nove foram me chamando de puta.

— Sim, mas… — A treinadora faz uma pausa. — Eles estavam querendo dizer que *achavam* que você era uma puta, mas que, agora…

— Não, eu tenho convicção de que continuam me chamando de puta, só que, dessa vez, aparentemente, com sentimentos.

O modo como diz revela muito sobre o que Veneza acha disso.

Ela *acredita* no que falam, e isso me revolta.

— Thronicke — Lindsay bloqueia a tela do aparelho —, com todo respeito, mas o que você acha que irão pensar de alguém que vive em festas, se deita com vários homens e ainda se envolve em escândalo de adultério?

— Eu já falei que *não sabia* que ele era casado! — Veneza ladra, o timbre tremendo de raiva por imputarem a ela algo tão grave.

— Mesmo assim…

— Treinadora Lindsay, eu peço licença para falar. — Ergo a mão, impedindo que continue. — Veneza é uma mulher solteira, ela pode ficar com quem q-quiser — gaguejo ao conseguir a atenção de Veneza sobre mim e por não ser exatamente o que eu gostaria de admitir. — Contanto que isso não traga nenhum risco a ela e à sua saúde, não há problema algum em… ficar com vários homens e se divertir. A mídia trata isso como errado, algo que merece repúdio, mas a verdade é que Veneza nunca deu reais motivos para ser tão atacada, muito menos ser chamada de “puta” ou “vagabunda”, pois são duas coisas que eu tenho certeza de que ela não é.

Se eu estivesse sob pressão e fosse obrigado a escolher uma cena, coisa ou paisagem mais linda que estivesse à minha frente, Veneza e seus olhos brilhantes seriam os escolhidos. Ela mira aquelas íris esverdeadas em meu rosto e passeia com elas por todos os meus traços. É puro, lindo, um vislumbre de quando passávamos minutos só admirando um ao outro quando nenhuma palavra era dita, pois, com ela, eu aprendi que até o silêncio se torna confortável quando se está com quem ama.

Devo ter me perdido nela também, na vastidão do seu olhar, nos seus lábios, na maneira que sua respiração está lenta e descompassada, porque Lindsay pigarreia, quase como se nos alertasse que estamos óbvios demais. Eu daria um dos meus pulmões se isso garantisse a saída dessa mulher da sala, e eu

pudesse pegar Veneza em meus braços e matar todos os anos de saudade.

— Bom — Lindsay recobra a falar, e Veneza desvia os orbes para o chão —, a questão não é essa. Aliás, quero propor algo a vocês.

— O que seria? — Eu questiono.

— Antes de tudo, quero dizer que não estou nem aí para a relação de vocês. Se vocês se conhecem desde muito tempo, se têm um lance casual, foda-se, a questão aqui é que a imagem de Veneza está em jogo, e essa é a primeira vez que vejo a oportunidade perfeita para limpá-la.

— O que você quer dizer? — É Veneza quem inquire.

— Que finjam que estão namorando.

O mundo entra em silêncio.

Um...

Dois...

Três...

Quatro segundos se passam, até que Veneza explode em gargalhadas altas.

Não deveria, entretanto sua ação me incomoda, como se a ideia de fingir ter algo comigo fosse o maior absurdo que ela já ouviu, quando já tivemos algo tão verdadeiro.

— Isso é algum tipo de piada? — quer saber, ainda rindo.

— Não entendo o porquê seria. — Lindsay retruca, séria e sem nenhum vestígio de diversão em suas feições.

— Porque essa é simplesmente a maior loucura que eu já ouvi!

— Loucura? Por que loucura? Vocês iriam se beijar há alguns minutos se eu não tivesse interrompido e tudo aponta que têm um passado juntos. Qual seria a dificuldade de mentir por um bem maior?

— “Bem maior”, Lindsay? Eu vivi *anos* sendo a melhor nesse ramo, mesmo com todas as merdas que inventaram sobre mim, nada disso *nunca* me afetou. Agora, só porque um bando de adolescentes que não têm nada para fazer na vida estão comentando “coisas boas” — faz aspas no ar —, como você entende, na internet a meu respeito, você que irei me vender dessa forma? Mentir para ser amada? Eu não preciso disso. Minha carreira *não* precisa disso.

Tenho que me conter para não abrir a porra de um sorriso orgulhoso e girá-la no ar.

Caralho, essa é a *minha* garota.

— Você não está sendo racional.

— Pelo contrário, você que não está sendo. Eu trouxe tantas medalhas e troféus para esse time que não sou capaz de contar nos dedos, nunca deixei nada disso me afetar, me induzir a ter um desempenho ruim em jogo. Não vejo razão para essa sua ideia.

Lindsay, desistindo de lutar contra ela, nega com a cabeça e suspira alto, massageando as têmporas. Com as mãos de volta à cintura, ela se vira para mim e diz:

— Daqui a um mês, acontecem as olimpíadas. Acha que ela pode se recuperar até lá?

A menção às olimpíadas deixa Veneza atenta para o que eu vou dizer, e, ainda que queira esconder, ela fica inquieta, mexendo as mãos e evitando olhar para mim.

Só, então, eu percebo: Veneza nunca participou de uma olimpíada, e esse é o seu maior sonho. Imagino que a ideia de estar machucada quando o dia chegar a frustre mais do que tudo.

— Vou fazer o que for possível, treinadora Lindsay. — Junto as mãos atrás do meu corpo. — No entanto, não é algo que depende apenas de mim. Veneza tem que se cuidar, evitando esforços e repetindo os exercícios que fazemos em casa.

— *Eu me cuido.* — Ela afirma, ofendida, formando a merda de um bico involuntário.

Sorrio.

Linda, cacete.

— Ótimo. — Lindsay diz. — Daqui a duas semanas, partiremos para Paris. Já preparamos um consultório de fisioterapia para você, doutor Caine, e já estamos providenciando os alojamentos. Por via das dúvidas, nosso ortopedista achou melhor aumentar os números de sessões semanais para aumentar as chances de recuperação. Tudo bem, para o senhor?

— Perfeitamente. — Não consigo esconder meu contentamento, e Veneza revira os olhos, raivosa.

— Certo. — A treinadora se dirige para a saída. — Irei deixá-los sozinhos. Bom tratamento! — deseja e sai, batendo a porta.

O sorriso satisfeito que estava estampado no meu rosto morre instantaneamente ao notar que o clima entre nós não está

mais o mesmo que antes. Veneza está de cara fechada ao sentar de volta na maca e não olha para mim, sequer, por um segundo, como se sua ficha tivesse caído e ela estivesse arrependida do que aconteceu, levantando as barreiras ao redor de si outra vez.

— Vene…

— Não, Grayson. Não diga nada. — Sua voz, antes calorosa, torna a ficar fria.

Bagunço meus fios já desalinhados, frustrado.

— Porra, Veneza, estávamos indo bem…

— Não, Grayson, não estávamos. Eu tive uma recaída, beleza? Não estou nos meus melhores dias e me deixei levar, apenas isso. — Seus olhos, por fim, encontram os meus. — Se o que aconteceu te trouxe algum tipo de esperança, sinto em dizer que continuamos os mesmos.

Deus, por que amar essa mulher tem que ser tão difícil?

— Uma trégua, Veneza, era tudo o que…

— Você acha que pode me machucar, aparecer depois de anos e resolver tudo com uma “trégua”? Está muito enganado se é isso o que pensa, Grayson — corta-me, áspera. — Não quero ter outro contato com você que não seja unicamente relacionado ao meu tratamento, entendeu?

Não sou um homem de chorar por qualquer motivo, mas, uau, eu quero chorar agora. Estávamos tão perto, estávamos, por um momento, bem. Trocamos farpas saudáveis e sorrisos verdadeiros. E, então, tudo desmoronou.

Voltamos à estaca zero.



Veneza Thronicke

Final de 2015

Melbourne

Hoje é dia 31 de dezembro e faltam apenas 20 minutos para o Ano-Novo.

E, daqui a oito meses, fará 3 anos que Grayson me deixou.

Estou sentada numa das várias mesinhas distribuídas ao redor da praia. Luzes predominantemente brancas adornam os postes colocados em especial para essa data; barraquinhas de comidas praianas estão estrategicamente posicionadas em pontos de maiores movimentos; uma música calma toca bem baixinho em alguma caixa de som e não é difícil ver casais e famílias comemorando com uma taça de champanhe nas mãos e sorrisos enormes, como se a chegada de um novo ano significasse esperança.

Mas não para mim.

A chegada de um novo ano, para mim, significa mais 365 dias sem ele; mais 365 dias sem ter minhas cartas e ligações respondidas;

mais 365 dias sem seus beijos e sem ouvir sua voz, sentir seu cheiro, suas carícias, suas palavras de consolo...

Depois que Grayson se foi, eu fiquei só. Nunca tive noção de que o garoto era realmente a única pessoa que eu tinha, até ficar sem ninguém para dividir minhas loucuras, compartilhar minhas vitórias e abraçar depois de um dia cheio. Meus avós nunca permitiram que eu tivesse amigos, com a desculpa de que criar vínculos era um passe livre para ser alguém frágil e emotivo. E ele não foi só meu namorado, foi meu melhor amigo, o único que já tive.

Antes dele, nunca abri meu coração e deixei alguém entrar; nunca permiti que uma conversa com alguém se aprofundasse demais. No entanto, eu vi algo em Grayson. Algo nele que me chamou atenção, que me atraiu. Eu o amei, depositei minha confiança, me submeti a esconder nossa relação dos meus avós só para que pudesse durar mais tempo.

E, agora, na virada de mais um ano, me encontro outra vez sozinha.

Alguns meses depois do acontecido, eu mantive esperanças de que ele voltaria. Nossa, eu mantive esperanças por dois anos inteiros como uma tola. Escrevi incontáveis cartas, gastei um dinheirão enviando-as para um endereço que eu nem sabia se ainda era dele, liguei inúmeras vezes — ligações essas que sempre caíam na caixa de mensagens —, mas nunca fui atendida, sendo instruída a deixar um recado curto, mas que eu esperava ser significativo.

Aos poucos, comecei a me afastar mais ainda de pessoas que tentavam se aproximar. Nunca fiz questão de puxar papo e muito menos de prolongar um. Na faculdade, respondo somente o básico, o necessário para se conviver sem parecer estranha. Acho que devo ter criado alguma espécie de trauma de abandono.

Meus pais me abandonaram aos 10 anos;

Grayson, depois de dizer que me amava.

Por que com os outros seria diferente?

De longe, avisto um casal de adolescentes no mar, os dois molhados e jogando água um no outro. O menino pega a namorada no colo, e ela gargalha, tendo um beijo roubado em seguida.

E é claro que isso tem que me lembrar o Grayson.

Ultimamente, tudo me lembra ele.

— Grayson, não! — Bati nas suas costas, sacudindo minhas pernas e ameaçando acertar aquela partezinha bem importante se ele não me pusesse no chão. — Me coloca no chão!

Meu namorado gargalhou, não dando nenhum indicativo de que iria parar, e continuou me guiando ao mar, massageando minhas costas como o bom idiota que era.

Chegando perto da beira do mar, Grayson nem me deu tempo de gritar quando correu e nos jogou com tudo na água gelada.

Meu Deus, muito gelada.

— GRAYSON! — Juro que quis ficar com raiva, com ódio, fazer o maior estardalhaço, mas só foi aquele tanquinho definido entrar no meu campo de visão todo molhado que eu fiquei mais calma, mesmo tremendo. — E-eu vou te matar... — ameacei, porém, o ódio de segundos atrás se esvaiu num estalar de dedos.

O garoto me puxou pela cintura, colando nossos corpos, e deixou um beijo na minha testa. Ele tremia de frio, e quase ri alto por isso.

Bem feito.

— É ano novo, minha linda.

— O ano novo foi há 1 mês!

— Não importa, ano novo tem prazo de 4 meses de validade.

Gargalhei, empurrando-o, e me agachei, juntando água nas duas mãos e jogando nele. Grayson abriu a boca, falsamente insultado, e retrucou na mesma moeda. Corremos pela parte rasa do mar durante longos minutos, rindo. Ele me pegou nos braços, me girou no ar e me arremessou no mar novamente. Nós nos beijamos, nos declaramos, prometemos nunca nos separarmos.

Quase disse que o amava, mas eu não estava pronta ainda. Não por não experimentar daquele sentimento, até porque, eu tinha certeza de que ele era o meu amor, era só porque… tinha medo.

Pensar nisso faz uma lágrima solitária escapar dos meus olhos. Tudo teria sido tão mais fácil e menos doloroso se eu tivesse mantido meu coração guardado, se eu nunca o tivesse entregado a ele.

Droga, Grayson. Eu te odeio por isso.

Assusto-me quando sinto um tapa acertar minha bochecha. Olho para cima, encontrando a única pessoa que seria capaz disso. Minha vó tem uma mão naturalmente pesada, então, mesmo que não tenha batido com força, ainda dói.

Engulo em seco e limpo o rosto, endireitando a coluna.

— Para de chorar, garota! Qual é o motivo dessa vez? — ladra, agressiva.

— N-nada — sussurro, e logo fico de pé, ajeitando o vestido.

— Acho bom, Veneza. Se ainda estiver chorando por aquele menino, irei fazer você se arrepender — brada. — Que merda, era isso o que eu estava tentando evitar! Já se passaram 2 anos, e você continua chorando pelos cantos, menina idiota. Ele não te amava, entendeu? Isso não existe. Ele só te usou e, quando conseguiu o que

queria, foi embora. Aceite. Você sabe muito bem que ninguém te aguenta por muito tempo.

Suas palavras equivalem como um murro na boca do meu estômago. Dói, pois sei que ela não está mentindo, e se, um dia, com Grayson, eu duvidei disso, agora, tenho convicção.

— Já passou. Não irá mais se repetir — murmuro, mais para mim do que para ela.

Talvez, eu devesse virar essa pessoa que minha vó sempre quis. Fria, indiferente, inabalável, ambiciosa, focada na minha carreira e só. Alguém melhor do que todos, que não deixa ser pisada e dominada.

Talvez, eu devesse virar tudo aquilo que o mundo odeia. Alguém que nunca irá deixá-lo me açoitar novamente.

Sim... Essa ideia não parece tão repulsiva neste momento.

Horas depois, me junto a uma multidão, bebo três taças cheias de champanhe e fico bêbada. Um garoto se aproxima, sussurra algo em meu ouvido, toca minha cintura. Eu rio, ele também. Nossos lábios se chocam, e amo quando sua língua com gosto de vinho suga a minha. Enfio as mãos nos seus cabelos. Intensifico o beijo. Esfrego-me em seu corpo.

É a primeira vez que fico com um garoto depois de Grayson. E adoro isso. Adoro beijar uma nova boca sem compromisso, sem saber seu nome. Adoro saber que isso não vai durar e que, no outro dia, nem irei lembrar do que aconteceu.

Adoro saber que meu coração estará intacto.

O desconhecido pede meu número, e eu nego. Afasto-me. Vou para outro garoto e beijo-o como se o mundo fosse acabar.

Ao fim da noite, deitada com dois homens na cama e uma garrafa de cerveja ao nosso lado, eu atesto o nosso fim.

Meu e de Grayson.

Não irei mais esperá-lo. Não irei mais derramar uma lágrima por ele.

Estou te superando, amor.

Por favor, não volte nunca mais.



Veneza Thronicke

Faz 1 semana que minha vida vem sendo mais merda do que já era.

A única parte boa é que meu ombro se encontra indiscutivelmente melhor e menos dolorido. A vermelhidão passou um pouco depois do remédio que..., bom..., ele me indicou.

Minhas sessões com Grayson estão sendo quase diárias, e falta muito pouco para eu me arrepender de ter lhe pedido para que não falasse comigo e me tratasse apenas como paciente. Pior do que tê-lo enchendo meu saco e me obrigando a ter reações nostálgicas é o seu silêncio, a gelidez com que está me tratando.

Além dele, Jonathan continua bravo comigo e nunca mais mandou mensagem. Não o culpo, já que eu fui a culpada e certamente mereço isso. Deveria ter pedido desculpas quando tive a chance, mas... não consigo. A frase sempre dá um jeito de travar na ponta da minha língua.

Agora, enquanto olho os *stories* de pessoas próximas a mim e John, tenho acesso a um vídeo do ruivo numa balada e beijando com gosto uma mulher. Ela é negra, de cabelos crespos até a cintura e,

cacete, muito gostosa. Nas menções, está o *Instagram* com mais de 30 mil seguidores da garota.

Geovana Hills, uma *influencer* que começou há pouco tempo e já está fazendo sucesso.

Rina, que postou o vídeo, com certeza está bêbada, pois postou até o momento em que Jonathan agarra a bunda da garota e puxa seu vestido para cima.

Pasmem, ela não está usando calcinha.

Graças a Deus, a rede social bloqueia os *stories* alguns minutos depois, pois some do nada. Geovana, dona do *exposed,* com certeza não está na sua consciência perfeita.

O ciúme me corrói. Odeio essa porra.

E não é por gostar de Jonathan ou qualquer coisa do tipo, longe disso. É por saber que, por meses, ele foi a minha foda fixa. Eu fui a única com quem ele transou durante tanto tempo. Agora que brigamos, ele se acha no direito de comer a primeira vadia que encontra como se não fosse nada?

Aperto o celular com mais força à medida que penso mais nisso. Os nós dos meus dedos ficam brancos e uma veia lateja na minha têmpora.

— Foda-se, porra!

Em um surto de raiva acumulado, arremesso o aparelho contra a parede com tanta força, que farelos de vidro colam no concreto. Levo as mãos à cabeça, puxando os fios até meu couro cabeludo implorar para que eu pare. Meus joelhos enfraquecem e meu peso desaba no chão.

Balanço meu corpo para trás e para frente, tentando me acalmar por minutos incontáveis. Esfrego meu peito, que dói feito a morte, e puxo o ar tantas vezes que minha garganta começa a doer.

Arranho meus braços.

Cravo as unhas nas minhas coxas.

Permaneço machucando a mim mesma de formas diferentes e experimentando de uma dor que não se assemelha nem de longe ao que estou, de fato, sentido.

Posso estar ferida, mas o que sangra mesmo é a minha alma.



Os olhos de Grayson estão fixos em mim. Ou melhor, mas minhas roupas largas e compridas, as quais não estou acostumada a usar.

Não só ele, como toda a comitiva.

Meu surto pareceu piorar a cada segundo que passava. Minhas pernas e braços sangraram e, quando tomei consciência do que estava fazendo, me enfiei dentro da banheira cheia d'água, gemendo de dor, o trajeto até lá marcado por gotículas de sangue.

Não sei o que aconteceu comigo. Nunca tive um rompante tão grave que levasse a me ferir.

— Você está com uma cara péssima. — Antonella diz, ficando do meu lado.

Dormi às 4h da manhã e tive que acordar às 5h30 para me arrumar e encontrar o pessoal da equipe no centro de treinamento. Iremos pegar um ônibus e, daqui, ir para o aeroporto, rumo a Paris. Então, minhas olheiras e meu cansaço são bem justificáveis.

— Conheci um cara numa balada ontem e... — minto, mordendo os lábios com malícia —, você sabe o que acontece quando encontramos alguém que sabe o que faz.

De esguelha, avisto Grayson trincando a mandíbula e empertigando a coluna, incomodado. Ele desvia o olhar do meu e se concentra em seja lá o que Meredith, a fisioterapeuta-chefe, tem a dizer.

Antonella sorri, compreensiva.

— Uh, eu entendo bem. — Enrola os cachos nos dedos. — É por isso que está toda coberta?

Continue sorrindo, Veneza.

— Isso aí.

— Ai... — Antonella bufa. — Estou com saudade de dar para alguém assim.

— Você só quer saber de estudar e treinar… — Nego com a cabeça. — Assim, fica difícil.

— Tem razão! A segunda coisa que vou fazer quando chegar a Paris vai ser procurar alguma balada e me divertir até dizer chega.

Anuo, cruzando os braços.

Aliás, péssima escolha.

As feridas ainda estão doloridas e qualquer mínimo movimento que eu faça já incomoda absurdos. Por isso, escolhi as roupas largas. Não podia me dar ao luxo de andar como sempre depois de ontem.

A reclamação deve ter saído alta, pois Grayson vira o rosto para me encarar e arqueia uma sobrancelha, alarmado. Fecho a cara novamente e caminho para qualquer outro lugar que ele não esteja, só esperando a ordem dos superiores para partirmos.

Será a primeira olimpíada da qual irei participar e não estou aguentando de tanta euforia. Chegar aqui sempre foi o meu sonho, o meu anseio. É como se eu tivesse conquistado o ápice da minha carreira depois de tanto esforço.

Após 15 minutos, que mais pareceram um inferno, finalmente podemos entrar no ônibus. São dois. Um para nós, jogadoras e a treinadora; e outro para os que trabalham na área da saúde, como ortopedistas, fisioterapeutas, massagistas e enfermeiros.

Ponho meus fones de ouvido, boto Chase Atlantic para tocar e, enquanto as outras estão cantando músicas animadas e externando bem o ânimo para os próximos dias, eu estou com os olhos fechados, com uma música que fala sobre drogas e sexo tocando ao fundo, e uma luta interna para fingir que está tudo bem.



Acabamos de pousar em Paris, a Cidade das Luzes, e eu não quero mais ir embora.

É certo que já viajei metade do mundo em função dos campeonatos nos quais éramos classificadas, mas nunca tive a oportunidade de vir para a França. É linda, muito mais do que imaginei.

Por questões de segurança, Lindsay e nossos superiores acharam melhor não nos hospedarmos em um hotel. Por conta dos fãs desesperados, das polêmicas envolvendo meu nome e de toda a agitação nas redes sociais por desenterraram do fundo do poço aquela história com Marcus e a falsa gravidez — que, para eles, é verdade —, eles estão priorizando ao máximo nossa segurança.

Ficamos com a parte boa, entretanto, pois, em vez de ficarmos em quartos pequenos e desprovidos de alguns cômodos, nos hospedaremos em casas, com tudo o que um ser humano precisa para sobreviver, sem surtar por um mês inteiro.

O lado ruim, todavia, é que teremos que morar em dupla, e eu não faço ideia de qual vai ser a minha. Seja quem for, será horrível. A não ser que eu tenha a sorte de dividir o espaço com Antonella, o que eu acho difícil. A sorte nunca esteve a meu favor fora das quadras.

Um bom exemplo disso? Veja só quem é o meu fisio.

— Tudo bem, pessoal. Iremos começar a formar os “colegas de casa”. — Finn, o responsável por limpar nossa imagem e garantir que não façamos besteira, faz aspas no ar, brincalhão. Todos adoram ele, inclusive eu. Negro, alto, lindo, dono de um sorriso de arrancar suspiros e músculos em todas as partes, é impossível não ter uma quedinha por ele. — Se algo der errado, não reclamem comigo, reclamem com a treinadora Lindsay. Ela quem fez essa lista.

Bom, vamos pontuar algumas coisas:

- Nós nunca reclamaremos com você, Finn, pode ter certeza;
- Se Lindsay foi a responsável por isso, sei que ela não irá facilitar para o meu lado.

— Cassie, você ficará com… July — começa a anunciar, e saca um molho de chaves da sua pochete. — Peguem. Hum… Val e… Emy, peguem. — Saca mais outro molho. — Rue e Antonella.

Quando o nome da cacheada é dito, eu perco a fé. Ela é a única que suporto e chego bem perto de gostar neste lugar, então, se não iremos ficar juntas, imagino que minha estadia aqui será um inferno e que terei que inventar boas desculpas para viver fora da casa.

Ok, estou reclamando de barriga cheia. Cassie não ter sido colocada para ficar comigo já é grande coisa.

De cantinho, como quem não quer nada, miro Grayson de braços cruzados, bem sério e atento, esperando seu nome ser anunciado. Ele, como eu, está ansioso para saber se o destino agirá como um palhaço outra vez.

E eu estaria mentindo se dissesse que não há nem 000,1% do meu coração estar desejando isso.

Por sorte, aprendi a tomar decisões de acordo com meu cérebro, não com o órgão que deveria servir apenas para bombear sangue. Desse jeito, sei exatamente que meu coração é enganoso e que não devo levar em consideração nada do que sente.

Já quebrei muito a cara por causa dele.

Depois de 30 nomes chamados, chega minha vez. Ponho-me a postos, pronta para surtar de ódio dependendo do nome que estiver escrito ao lado do meu.

Acho que vou desmaiar com esse nervosismo.

Grayson também não foi chamado, e isso me deixa louca. Estou buscando me agarrar ao último fio de esperança que diz que ele irá ficar com os amigos da saúde em outro canto.

Meu estômago revira e um filete de suor frio escorre por minha nuca.

— Veneza e… tan-nan-ran-nan… — cantarola. — Nosso fisioterapeuta querido e amado, Grayson Caine.

Eu vou matar a Lindsay.



Veneza Thronicke

Estou tão gelada e sem reação, estática, que posso facilmente ser confundida com um iceberg.

Não acredito que Lindsay fez isso.

Porra, não acredito *mesmo.*

Quando disse que ela iria pegar pesado comigo, eu estava me referindo a ela me pôr, sei lá, com Cassie. E, quando disse que eu estava ansiosa para saber se o destino seria traiçoeiro comigo de novo, estava só brincando. Não queria que nada disso acontecesse.

Cacete, eu não... Eu não consigo acreditar que ela foi tão baixa a esse ponto. Certeza de que foi para se vingar, já que eu recusei a proposta de fingir um namoro, então ela irá nos forçar a conviver e fazer a mídia acreditar que estamos realmente juntos.

Olho para o lado, procurando por Grayson. Surpreendo-me ao vê-lo conversando com Lindsay, as mãos nervosas enquanto gesticulam para a mulher. Minha treinadora, no entanto, está com um semblante impassível no rosto, ouvindo-o com a maior cara de tédio.

Estranho.

Será que Grayson...

Ele não gostou de termos que morar juntos?

Quando Finn fecha o caderninho e vem até mim para me entregar a última chave, apontando para a casinha ao fundo da rua em tonalidade azulada, eu não movo um músculo, perdida nos meus próprios pensamentos. Não sei o porquê, mas a ideia de Grayson estar discutindo que a escolha de Lindsay foi péssima e que não podemos dividir um lugar me entristece.

Caralho, Veneza. Por que você é assim?

A passos apressados, ando na direção dos dois. Ao me ver, Grayson retesa as costas, ficando mais alto e mais apreensivo, parando de falar. Lindsay sorri, já esperando o que irei dizer.

— Veio reclamar sobre minha decisão, Thronicke? Não se preocupe, Grayson já estava fazendo isso por você.

Engulo o bolo de amargura que se forma na minha garganta, buscando não evidenciar que essa merda me incomoda.

— Já falei que não irei namorá-lo de mentirinha, Lindsay — reforço, a boca seca.

— E quem está falando sobre isso? — Ri. — Os internautas acharão isso por si só.

As únicas coisas que me impedem de gritar são 1) estamos rodeados de gente; 2) o cansaço predomina em todos os meus poros.

— Lindsay, por favor... — imploro, ignorando as vozes dos meus avós que falariam que estou me humilhando demais.

Mas a ideia de conviver com Grayson numa casa, acordando e indo dormir com sua presença durante um período enorme de tempo me apavora. Isso é mais do que consigo suportar, muito mais. É uma *tortura.* Ter que ver o rosto do homem que ainda amo toda manhã e ficar me

perguntando se ele ainda faz o ritual idiota de comer um lanchinho antes de dormir toda noite é o significado de purgatório para mim.

Não estou nem aí para os repórteres, para as matérias que irão espalhar, não estou mesmo, só quero me manter afastada de Grayson, pois, por mais que a falta que ele faz seja anormal de tão grande, eu priorizo minha saúde mental e sei que tê-lo tão perto desse jeito não faria nenhum bem a ela.

— Não adianta, Veneza. Vocês irão ficar juntos e ponto.

— Nem o Grayson está de acordo com isso!

Lindsay nega com a cabeça, um meio sorriso se formando em seu rosto.

— Você tinha que ver o brilho que tomou conta dele quando Finn revelou seus nomes. — Ela olha para o fisioterapeuta, que está com as íris fixas no chão. — Mesmo vindo reclamar, sei bem que ele está louco, no sentido bom, para morar com você.

Sua declaração agita meu peito, e mal consigo acreditar que Grayson está pondo minhas vontades à frente das dele.

— Mas...

— Senhorita Lindsay — ele me interrompe, respirando fundo —, eu posso ter ficado feliz pra caralho com isso, mas Veneza sempre será minha prioridade. Não quero que ela se sinta desconfortável em nenhum momento por minha causa. Há uma pousada aqui perto, posso ir para lá.

Ah, Deus, ele está realmente me colocando à frente de suas vontades.

Não sei como reagir, o que falar, para onde olhar... Tudo o que eu queria era poder odiar Grayson em paz sem ter desconfiança de que ainda sinto gramas de coisas boas por ele. Porém, a cada vez que ele faz e diz coisas assim, desenterrando lembranças de nossos pequenos e

únicos momentos, meu coração bate em ritmo descompassado e ativa uma vontade fora do comum de agarrar seu pescoço e beijá-lo. Isso me faz questionar se eu o odeio verdadeiramente ou se somente guardo ressentimento pelo que me fez passar.

Seja o que for, o fim será o mesmo. Não acredito que, um dia, eu vá perdoá-lo, e iremos voltar a ser o que éramos.

Solto o ar exasperadamente pelo nariz quando Lindsay balança um dedo em negativa à proposta de Grayson. Rebater com ela é como tentar rebater com uma parede, não dará em nada, só atrasará as coisas, e tudo o que quero agora é me jogar numa cama bem quentinha e hibernar.

— Certo, Lindsay. Mais uma vez, você venceu — cedo, pegando minhas malas e mostrando a chave ao homem próximo a mim. — É a casa azul no fim da rua.

— Entregue as minhas. — Ele estende a mão.

— O quê?

— As minhas chaves, Veneza.

— Ah. — Assinto, percebendo só agora que Finn me deu dois conjuntos de chaves, um com a inicial V e a outra, G. — Pega.

— Obrigado. — Ele recebe e a põe no bolso. — Vamos?

— Uhum — murmuro, lançando um último olhar para Lindsay, que nos assiste com um ar de satisfação, e sigo atrás dele.



A casa é muito maior do que imaginei, o que me causa certo alívio, porque meu maior medo era ter que conviver num cubículo e ser obrigada a trombar com Grayson toda hora.

— É grande — comento, notando os cômodos já mobiliados com cuidado, os móveis e as decorações aparentemente caríssimos. — E lindo.

— Concordo. Viu aquela lava-louças? Era nosso sonho quando... — Ele se dá conta do que está dizendo e para. — Nunca tive uma lava-louças.

Ele iria dizer que sonhávamos em ter uma lava-louças quando adolescentes. Na nossa cabeça, iríamos nos casar no futuro e já estávamos planejando toda a mobília, pois eu odiava ter que lavar aquela pilha de pratos e talheres que meus avós deixavam e sempre ia reclamar para ele no dia seguinte.

Deus, isso vai ser mais difícil do que eu imaginava.

— Eu tenho uma, não é tudo isso.

— Ah — sopra, decepcionado.

Comprimo os lábios, o ar parecendo faltar, e caminho para o corredor. Minha ficha cai e, antes que eu abra uma das três porta que me cercam, travo.

Minha vida não é um livro, certo? Não há nenhum motivo para vivermos a merda do clichê de "só uma cama". Pelo amor de Deus.

— Aconteceu alguma coisa? — A voz de Grayson me desperta, mais próxima, e eu sofro um sobressalto. — Desculpa, não queria te assustar.

— Não aconteceu nada, só... hum... Você sabe se... aqui tem dois quartos?

Sua risada baixinha ecoa no ar.

— Infelizmente, temos dois quartos. — Ele passa por mim e abre uma porta. — Mas, sabe, meu quarto está disponível para você sempre que quiser dar uma passadinha por aqui — sussurra em meu ouvido.

A porra da tensão que fez com que eu me tocasse três vezes no mesmo dia na semana passada volta com força, pois ele mal abriu a boca, e eu já estou quente.

Mas, se Grayson assim quiser, irei mostrar a ele que dois podem jogar esse jogo.

Elevo o rosto conforme curvas maliciosas moldam o canto dos meus lábios e deito a cabeça para o lado.

— Terá que se contentar em bater uma pensando em mim, Grayson, por que eu não vou te dar a oportunidade de tocar no meu corpo como eu sei que quer.

— Você é uma diaba — grunhe, encaixando a mão na minha cintura e puxando meu corpo para si. — Mas eu vou te fazer implorar para me ter dentro de você, amor.

Ele deveria ser proibido de falar essas coisas.

— O único que irá implorar para me ter aqui será você, Grayson... — ronrono, subindo a mão pelo seu peitoral.

— Cacete, linda, eu vou te fazer engolir cada uma dessas palavras.

Desço o dedo indicador por seu torso, tateando seu abdômen duro e alcançando sua braguilha.

— Uma pena que sua mão será sua única companhia nesses dias.

Ele sorri com aquele sorriso que excita qualquer um e desce as mãos para minha bunda, porém não aperta, apenas as repousa ali.

— Não vou facilitar para você — repete minha frase.

— Eu muito menos.

— Irei andar sem camisa por essa casa.

— E eu, sem calcinha.

— Porra…

— Não usarei nada por baixo de um blusão qualquer que irá destacar todas aquelas partes que você nunca irá ter o prazer de vislumbrar novamente — continuo, fazendo um esforço sobrenatural para não esfregar minhas coxas quando ele enterra o rosto no meu pescoço. — Irá observar, de longe, a mulher que me tornei e que se tornou intocável para você... Vou te fazer se arrepender por ter me deixado, por não ter valorizado quando tudo o que eu era pertencia a você.

Grayson para de me beijar, atingido. Ele levanta o rosto para me encarar, e o que antes era pura lascívia, se transforma em tristeza. Genuína.

— Veneza...

A risada forçada que dou ao empurrá-lo é um misto de infelicidade e zombaria.

— Dê um jeito nessa sua ereção, Lindsay disse para nos reunirmos mais tarde — aviso ao me afastar.

— Cacete, Veneza, volta aqui!

— Tchau, Grayson, não demora! — Cínica, dou um tchauzinho para ele e abro a porta do meu quarto.

Antes que ele possa retrucar, entro e tranco.

Arquejante, encosto na porta e tento me recuperar.

Estou queimando, e nem duas horas seguidas de banho gelado serão capazes de resolver isso.



Grayson Caine

Nós nos reunimos duas horas mais tarde no centro de treinamento. Não é nada oficial, pois apenas os que estão acima de nós e os que cuidam para que tenhamos um bom desempenho nos jogos — como o vice-presidente, o CEO, os supervisores e a treinadora —, em geral, são os que participam das confederações. Creio que, dentro de dois dias, a Confederação Francesa de Voleibol entrará em contato com nossos superiores para tratar de todos os assuntos necessários em relação às olimpíadas.

Nesse caso, então, Lindsay nos chamou para discutirmos coisas básicas, como: uniforme, quem serão as titulares e as reservas, quem ficará no lugar de Veneza para capitã, caso ela não possa participar — o que eu acho bem difícil a mulher abrir mão de seu título para qualquer outra pessoa — e, sobretudo, as técnicas que usarão para levarem a medalha de ouro para casa.

E, falando em Veneza... Ela irá me deixar louco antes do planejado.

Após o acontecido há algumas horas, onde terminei triste, duro e em estado deplorável, não consigo parar de pensar no que ela disse, sobre *ter sido toda minha e eu não ter dado valor*. Se ela, ao menos, soubesse que os momentos pelos quais passávamos juntos eram os que eu mais apreciava na minha vida, talvez, Veneza não pensasse assim.

Claro, não a culpo, ela tem todos os motivos do mundo para me odiar, mas... Merda, não gosto que duvidem dos meus sentimentos.

Sendo sincero, eu faria tudo diferente se tivesse a oportunidade. Eu tinha 18 anos, era imaturo, achava que estava protegendo Veneza ao deixá-la. Não queria que ela se preocupasse, não queria que meu problema afetasse seu desenvolvimento no time.

Não queria que ela me visse *morrendo*.

— Certo, pessoal. — Lindsay toma à frente, aprumando a coluna na cadeira. — Estávamos analisando as cores das fardas e decidimos mudar para algo mais chamativo, marcante. Aquele laranja saturou — confessa, olhando para as garotas que fazem um círculo à sua volta. — Alguma ideia?

— Preto. — Veneza nem demora a se pronunciar, sentada em um lugar, infelizmente, distante do meu e trajando aquelas roupas largas que eu nem sabia que ela tinha.

É esquisito e, se eu dissesse que não estou preocupado, estaria mentindo. No dia anterior, ela contou à amiga que o motivo disso era as... marcas deixadas por um... É, isso aí, mas não consigo acreditar plenamente nisso. Não me cheira como algo que Veneza faria.

— Por que preto, senhorita Thronicke? — Lindsay põe as pernas uma em cima da outra, interessada.

A jogadora dá de ombros, limpando as unhas em sinal de desinteresse.

— Porque me deixa gostosa.

Eu abro um sorriso de canto, concordando internamente. Embora Veneza fique gostosa usando todas as cores, há algo em tonalidades escuras que a deixam um pecado.

Por motivos profissionais, a treinadora não pode esboçar, porém, vejo uma pequena curva elevada nos seus lábios. A mulher pode ser chata o quanto for e ser dura com Veneza, mas é perceptível que minha garota é a favorita dela em todos os aspectos. As duas combinam, de certa forma.

— Certo, nós estávamos avaliando algumas roupas de tom preto e…

— Você só se esqueceu, Veneza, de que não é a única na equipe. — Cassie eleva o tom, fulminando a morena com o olhar. — Suas vontades não são leis aqui.

— Dê uma ideia melhor então, princesa. — Veneza tenta cruzar os braços, mas, ao fazê-lo, seu rosto se contorce, e ela volta à posição relaxada.

Mais tarde, irei tirar isso a limpo.

— Ok, hum… — Cassie bate os dedos sobre a boca, pensativa. — Que tal rosa?

Meu nariz franze em desgosto.

Veneza gargalha.

— Ah, é claro! Para nos igualarmos às Barbies das nossas maiores rivais? Realmente, uma ótima ideia, Cassie. — Ela olha de relance para as garotas do Bruins, que foram escaladas. — Ops, desculpa.

— Bom, sim. — A loira retorna. — Mas, pelo que disseram, elas irão trocar de farda. Né, Celeste?

— Não, Cassie. — Lindsay intervém antes que Celeste tenha a chance de responder. — Veneza tem razão, seria como dar passe livre para a imprensa encher o nosso saco pelo resto da vida, mesmo que algumas delas estejam jogando conosco. Porém é melhor não arriscar. Mais alguma ideia?

Ninguém se manifesta.

— Todos de acordo com a cor preta? — Aquiescemos. — Uh, ok, também adorei. Já consigo imaginar os modelos! A camisa da líbero será azul — conclui.

— Ainda continuaremos com os mesmos números? — Emy indaga.

— Creio que não. Iremos mexer nas posições para nos adequarmos às demais jogadoras e às estratégias novas que usaremos para ganhar.

O número de Veneza, como central, é o 3, mas creio que irá mudar. Depois que as novas posições forem anunciadas e a conversa acabar, irei passar na sala de Lindsay e pedir a ela que encomende uma camisa extra, sem que Veneza saiba, a fim de que eu possa ir aos jogos caracterizado e torcer a plenos pulmões pela dona das quadras e do meu coração.

Foda-se a breguice.

— A capitã continuará sendo a Veneza? — Cassie pergunta, o timbre cheio de raiva.

— Por qual razão não seria?

— Ah, sei lá… — Cassie mira a garota. — Não acho que ela seja uma boa capitã. Todos nós sabemos que, para receber esse título, a pessoa precisa ter um bom relacionamento com o clube. Dirigir a equipe, motivar o time, comandar, treinar, instruir, enfim... Veneza está longe de ter uma boa conduta e só sabe xingar quem não faz as coisas do jeito dela.

A morena ri, sem acreditar.

— Você está levando para o lado pessoal, Cassie. Já fez as contas de quantas vezes consegui vitória para o Lions por saber me comunicar com o árbitro e ser atenta aos mínimos erros durante uma partida? Já

notei pequenos problemas dentro de quadra que nem mesmo Lindsay percebeu. Erros que poderiam ser *decisivos*. Ser capitã é sobre saber liderar, e eu não me importo de ser rígida demais, contanto que, no fim, sejamos as campeãs.

— Ainda assim, acho que eu seria melhor. — A loira objeta.

Veneza abre um sorriso felino.

— Oh, melhor do que eu?

Grayson II, nem pense em acordar agora.

Remexo-me desconfortável no assento, esticando a camisa para baixo e implorando a Deus para que não deixe que vejam a merda do volume na minha calça. E tudo isso só porque Veneza ficou malditamente deliciosa toda prepotente e dona de si.

— Certo, garotas, sem brigas. — Lindsay aparta. — Cassie, não vejo motivos plausíveis para essa mudança. Em todos esses anos, Veneza foi a que mais se qualificou e se mostrou competente para o cargo. Infelizmente, não posso evitar que tenham desavenças, mas vocês devem deixar essas diferenças fora da quadra.

— Mas trein…

— Sem “mas”, Cassie. — Fecha o caderninho no qual estava anotando as recentes informações e cruza as pernas. — Há algo mais que queiram acrescentar? Dúvidas, sugestões…

Limpo a garganta e passo as folhas de uma prancheta que uso para as minhas anotações, buscando os registros recentes das pacientes.

— Não é uma pergunta, apenas avisos. Rue não poderá jogar nos primeiros dois jogos em decorrência da lesão no joelho, que ainda está se recuperando. — Rue murcha na mesma hora ao meu lado, cabisbaixa, e a treinadora assente. — Veneza também não estará apta a jogar no

primeiro. Embora já tenhamos um grande avanço, é necessário repouso para que não haja complicações. Só isso.

— Ótimo, doutor Caine. Obrigada! — agradece, e se coloca de pé. — Bom, é isso, pessoal. Nos vemos nos treinos. Irei enviar o modelo do uniforme para aprovarem e, depois, mandarei para a confecção.

As jogadoras levantam e ficam cochichando entre si. Eu, no entanto, mesmo que esteja louco de vontade de chegar em casa e estar perto de Veneza — ainda que ela não queira —, sigo até a sala de Lindsay para garantir a camisa que terei orgulho de usar durante esse mês inteiro.



— Temos que estabelecer algumas regrinhas por aqui, Grayson.

Eu já deveria imaginar que Veneza não saberia apenas olhar para a comida que fiz, agradecer e sentar-se à mesa para comer.

É claro que ela não iria fazer isso.

Em vez disso, a morena está parada, uma das mãos na cintura e outra com o dedo erguido no ar, contestando sobre eu ter cozinhado para nós dois.

Cacete, se eu não amasse essa mulher, já teria desistido há muito tempo.

— Veneza, você pode só sentar essa bunda gostosa na cadeira e comer? Foi só um agrado que eu, como anfitrião, fiz. Não irá se repetir, eu prometo.

— “Anfitrião”, o caralho! Eu que sou a figura importante aqui, *você* é meu convidado — resmunga, cruzando os braços.

Rio baixinho.

— Sim, amor, e irei servir você como um súdito serve a sua rainha — debocho, com 99,9% de verdade.

Ou, melhor, 100%.

Veneza comprime os lábios até formarem uma linha branca. Tenho vontade de enchê-la de beijos até perder o ar quando faz isso, quando fica louca para sorrir de algo que falo, mas se faz de difícil.

— Estou falando sério, Grayson! Iremos nos matar antes do previsto se essa casa não tiver regras!

— Só se for na cama — murmuro.

— Grayson! — Bate o pé no chão, irritada. — Não me estressa.

— Você é naturalmente estressada, vampirinha.

— E você piora esse lado.

— Eu lembro dessa sua raiva se dissipar rapidinho quando eu… — Veneza arremessa uma colher em minha direção, que acerta bem na minha bochecha. — Ai, caralho!

— Dá pra você calar a boca?! — contesta, gritando.

— Por que não vem fazer isso você mesma? — Ergo uma sobrancelha, malicioso. — *EI, NÃO PRECISA DISSO!* — dou um berro alto quando Veneza pega uma faca e empunha, pronta para me acertar.

E, se tratando dela, eu não duvido de que realmente faria tamanha besteira.

— Vai calar a porra da boca?! — Ela aperta o cabo do talher com mais força.

— Tá bom, tá bom — juro, quase em um sussurro, colocando meu rabinho entre as pernas. — Agora, guarda essa faca.

Ela respira fundo, se acalmando, e faz o que peço. Passando a mão nos cabelos, começa:

— Primeiro, nada de toalha em cima do sofá.

— Confesso que essa é nova. O certo não seria: “nada de toalha em cima da cama”?

— Sim, mas a cama é sua. Se quiser dormir com cheiro de rato morto, o problema é seu.

— Mas poderia ser *nossa*, se você não complicasse tanto…

— Hum… Não, obrigada. — Pondera por um instante. — Ah! Sujou, lavou. Não quero uma pilha de louças sujas no fim do dia por irresponsabilidade, entendeu? Se isso acontecer, você pode estar no décimo quinto sono, mas irei te acordar e você só vai dormir de novo quando deixar essa pia brilhando.

Gostosa demais quando é mandona assim.

— Me acorde usando apenas uma lingerie, e eu faço toda as suas vontades — flerto.

As pupilas de Veneza se expandem, sua face é nublada por luxúria e um sorriso esboça na sua boca.

— Posso pensar no seu caso. — Morde os lábios. — Me deixa ver… Ah! Nada de fazer comida para o outro.

— Isso eu entendi quando a primeira coisa que fez ao chegar aqui foi reclamar.

— Espero que tenha entendido mesmo.

— Não sou burro.

— Às vezes, parece.

— Vai se foder.

— Bem que eu queria.

— Tem um partido do caralho bem na sua frente.

— Hum, não estou interessada.

— Será mesmo? — Ameaço me aproximar, contudo, dou dois passos para trás quando Veneza empunha a faca outra vez. — Essa faca está começando a me dar tesão, tome cuidado.

Ela revira os olhos, como quem quer me matar, e se joga na cadeira.

— Espero que esteja gostosa — diz, colocando um pedaço de filé no prato.

— Tem uma coisa mais gostosa aqui.

— O quê?

— Você. — Pisco para ela.

— Ha ha ha, tão engraçadinho — desdenha, levando a carne à boca. — Hum…

— Bom? — pergunto, esperançoso.

— Por aí — responde, e enche a boca novamente com mais um pedaço.

Estou sorrindo feito um idiota enquanto monto meu próprio prato.

Neste instante, quero perguntar a ela sobre os tipos de roupas que está usando desde cedo, mas seria uma idiotice sem tamanho tocar no assunto. Conheço a atual Veneza o suficiente para saber que ela se retrairia e tornaria a se fechar. Não quero isso agora, não quero estragar esse momento.

10 minutos se passam em completo silêncio quando, falha e confusa, a voz de Veneza quebra a atmosfera confortável.

— G-grayson?

— Sim?

Noto que ela está pálida ao erguer a cabeça, os orbes quase saltando para fora ao mirarem um ponto específico e as mãos trêmulas.

— V-Você… — Engole com dificuldade. — V-você ainda…

Ela não precisa terminar de falar para eu saber o que lhe assusta.

Em alguma hora, mexi na minha camisa e o colar acabou saindo de dentro dela, o pingente pendendo do meu pescoço e totalmente à vista de Veneza.

Droga.

— Nunca parei de usar — sussurro, guardando o colar de volta rapidamente.

Veneza pisca no mínimo 4 vezes, tentando assimilar o fato de que eu ainda carrego uma parte dela comigo para onde eu vou.

E o seu?, fico tentado a perguntar.

Na verdade, acho que nem preciso. O questionamento deve estar estampado na minha testa, pois Veneza abre e fecha a boca várias vezes, parecendo indecisa sobre o que deve dizer.

— Joguei o meu fora.

Caralho.

Facadas repetidas sendo dadas no meu estômago não chegariam nem perto do tipo de dor que estou experimentando agora.

A comida para na minha garganta, e eu tenho que fazer um esforço sobrenatural para forçá-la a chegar no meu estômago.

— Certo.

Até falar é difícil.

Porra, Veneza…

E sobre os planos que fizemos?

— Acho que vou dormir. — Levanto de supetão, por pouco não derrubando a cadeira para trás.

Se ela é afetada pela minha reação repentina, não demonstra, voltando a colocar sua máscara de inabalável como se não tivesse acabado de ver algo que poderia muito bem mudar o rumo como as coisas estão indo entre nós.

— Ah, tudo bem. — Balança a cabeça. — Não… Não esquece de lavar o prato.

Libero uma risada de escárnio.

— Se eu não esqueço de uma promessa que fiz há 9 anos, quem dirá a de lavar os pratos, Veneza.

Rapidamente, passo o detergente na porcelana, enxáguo e seco, guardando-a no armário.

— Boa noite.

Nem espero por sua resposta antes de sair em direção ao meu quarto.



Veneza Thronicke

É sempre um passo para frente, dois para trás.

Nosso relacionamento se transformou numa montanha-russa com mais baixos do que altos. E eu costumo apreciar todos os altos que temos, mesmo que, uma hora ou outra, algo — ou alguém — acabe com o clima agradável.

Há menos de meia hora, estávamos nos divertindo com nossas farpas e minhas falsas ameaças de acertá-lo com uma faca. Flertes, sorrisos, provocações... Cacete, eu adoro esse conjunto que só Grayson consegue me proporcionar. Adoro, por um momento, fingir que não estamos tão fodidos.

Agora, não há nada além de uma sala silenciosa e uma mesa cheia de comida me fazendo companhia, tudo porque a necessidade de me proteger sempre, em qualquer circunstância, falou novamente mais alto.

Grayson ainda usa o colar que lhe dei.

Merda, a revelação pesa feito uma bigorna na minha cabeça.

Eu não esperava por isso. Droga, não esperava *mesmo.* Acreditei por anos que Grayson tinha jogado no lixo, metaforicamente falando, tudo o que pertencia a uma época em que nós éramos inseparáveis.

Ver as feições contritas dele por achar que eu teria *mesmo* coragem de me desfazer de algo tão importante quebrou algo dentro de mim. Não era minha intenção mentir para ele. Não, não era. Mas escapou, simplesmente escapou, e, quando percebi, já havia dito o que não deveria.

Contudo, é melhor assim. Não sei até aonde nossa aproximação iria se eu não desse um basta e acho melhor me manter longe de qualquer coisa que envolva...

Grayson.

Eu.

Nós.

Sem falar que tenho outras preocupações. Em pouco tempo, ocorrerão as olimpíadas, e iremos representar os Estados Unidos nas disputas. Uma responsabilidade que exige muito, ainda mais por saber que algumas garotas do Bruins irão jogar conosco. Não suporto aquelas garotas e não sei como irei ter um bom desempenho sabendo que estarão do nosso lado, jogando conosco.

— *Argh!* — Levanto com brusquidão, faço o ritual de lavar e secar o prato que sujei e logo caminho ao banheiro.

Sentada na tampa do vaso sanitário, tiro minha calça, colar e camisa, sustento as pernas num banquinho que pus à minha frente e, com cuidado, começo a desfazer os esparadrapos. Faço uma careta de dor conforme desenrolo, avistando o pano branco manchado de sangue, assim como os que estão em meus braços.

Jogo-os no lixo, pego um novo rolo de esparadrapo, e refaço.

Por alguma razão, os ferimentos parecem piores, inchados, e só então me dou conta do estrago que fiz com meu corpo. Mal consigo tocá-los sem gemer de dor, e meus braços parecem paralisados.

Solto um suspiro cansado, desabando de costas na parede, e fecho os olhos. Os machucados abertos tornam a sangrar, pingando no chão, e eu me vejo sem saída. Não quero fazer barulho para não chamar a atenção de Grayson, pois o banheiro é próximo dos quartos e qualquer mínima zoada dá para ser ouvida do outro lado, mas também não quero passar o resto da vida aqui.

— Droga, Veneza... — chio, meu corpo latejando de dor. — Mil vezes droga.

Esforço-me para mover meus membros, pegar a droga do esparadrapo e estancar o sangramento, no entanto, algo nunca pareceu tão difícil.

Não tenho noção de quanto tempo passa. Vinte minutos? Quarenta? Realmente não faço ideia, mas deve ter sido muito, pois a voz de Grayson se faz presente no cômodo logo após duas batidas cautelosas na porta.

— *Veneza? Você está bem?*

Nem preciso que ele esteja aqui, na minha frente, para que seu rosto receoso se projete diante de mim.

Engulo em seco.

— S-sim. — Minha voz soa fragilizada, baixa. Amaldiçoo-me por isso. — Estou bem, sim. Não aconteceu nada.

Mais batidas, dessa vez mais fortes.

— *Veneza, abre isso aqui.*

Não consigo.

— Não, Grayson. Está tudo bem, o-ok? — Resfolego. — Pode ir deitar, está tarde.

— *Porra, Veneza!* — Ele esmurra a porta e mexe na maçaneta. — *Abre essa merda!*

Lágrimas se acumulam nos meus olhos. As mutilações estão se tornando insuportáveis de dolorosas, pulsantes. Olho para o chão, meus braços, minhas pernas, analisando a situação horrível na qual me encontro.

Não quero que ele veja isso. Não quero que ele me veja tão exposta.

Todavia, quando penso que Grayson desistiu, ouço o barulho de chave sendo girada no cilindro. Eu me desespero, mas não posso fazer nada, incapaz de conseguir mover um músculo sequer. Apenas espero que ele entre e me encontre nesse estado depreciativo, horrendo.

Em outras palavras, apenas espero que ele saiba que não sou tão forte quanto deixo transparecer.

Pressiono as pálpebras e tombo a cabeça na parede, me segurando para não chorar quando sinto a presença de Grayson e o pavor emanando dos seus poros.

— Veneza... — Meu nome não passa de um fio de voz. Ele leva as mãos à cabeça. — Merda, merda, merda. O que você fez?!

— N-nada, Grayson... — Minha garganta fica seca. — Só… só dá um jeito nisso.

Por um curto período, quase nada, o homem fica sem saber o que fazer. Seus olhos encontram o rolo de esparadrapo na pia e é como se lanterninhas se acendessem no seu cérebro. Grayson é um profissional da saúde e, embora sua especialidade não seja primeiros-socorros, ele sabe como agir em momentos como esse. Provável que o nervosismo seja o que está retardando o seu raciocínio.

— Meu amor, eu preciso fazer uma coisa... A não ser que consiga sozinha.

— Hum?

— O chuveiro. Tenho que te carregar até lá.

O projeto de uma risada escapa dos meus lábios, tão baixo e inaudível que não tenho certeza se ele ouviu.

— Tenho certeza de que não era para o chuveiro que você estava planejando me carregar — brinco.

— Sem gracinhas, Veneza. Estou morto de preocupado com você. — Ele para próximo a mim. — Posso?

Aqui está um dos milhares de motivos que me levaram a amá-lo tanto. Grayson nunca me viu como um objeto sexual, nunca me tratou como se eu servisse unicamente para satisfazer seus desejos. Em dias que eu estava doente e mal, nos quais eu era obrigada a ficar nua para que ele pudesse realizar algum procedimento em mim, nenhuma piadinha de conotação sexual era dita por ele e nada de malicioso era detectado nas expressões que só continham puro zelo.

9 anos, e nada mudou.

Estou exposta, com uma calcinha minúscula e um sutiã menor ainda, mas, em nenhum momento, Grayson desvia seus olhos para o meu corpo ao se agachar ao meu lado, passar um braço por debaixo dos meus joelhos e o outro, por minhas costas, me sustentando como se eu fosse um peso de papel.

Faço um esforço para envolver seu pescoço com meus braços, sujando-o de sangue, enquanto minhas reclamações saem em murmúrios longos.

Seu cheiro suave entorpece meus sentidos. Resisto à tentação de deitar minha cabeça em seu ombro e dormir. Houve um tempo em que essa parte do seu corpo estava habituada a ser meu “cantinho da soneca”.

— Como eu vou pegar o banco para se sentar, vampirinha?

— Pensei que você tinha um terceiro braço — ironizo.

— Eu sou uma espécime rara, amor, sei disso, mas não é para tanto — retruca, e eu solto um risinho baixo. — Aguenta ficar em pé por pouquíssimos segundos sem minha ajuda?

— Nossa, Grayson, eu sou tãão dependente de você... — Reviro os olhos, e ele ri. — Não aguento — confesso, ao sentir meus joelhos latejarem.

— Ah, não? Sempre soube que você é *superdependente* de mim.

— Cala a boca e me leva logo para o chuveiro.

Ele reflete sobre o que pode fazer e, então, a cena que seria motivos de suspiros apaixonados como se estivéssemos na porra de um filme acontece.

Grayson começa a empurrar o banquinho com o pé para dentro do box ao mesmo tempo que me agarra contra si.

Espero que ele não veja o caralho do sorriso pequeno que resplandecente na minha boca.

Obtendo êxito na tarefa, ele posiciona o banquinho debaixo do chuveiro ligado e, com cuidado, desce meu corpo para que eu possa sentar.

Se eu estivesse sozinha, certamente gritaria alto o suficiente para assustar os espíritos.

— Essa porra arde! — exclamo, tentando me segurar nos braços de Grayson enquanto ele gargalha e me força de volta ao banco.

— Se aquieta, Veneza! É necessário. — Assim que paro de me debater contra ele e sofro calada com a água gelada perfurando as feridas abertas, ele se ajoelha na minha frente e segura minha mão. — Preciso lavá-las antes de fazer o curativo.

O toque é suave, gentil, me desperta um turbilhão de emoções e, ao me dar conta, a dor se torna um inimigo distante quando fixo a atenção no ato singelo. Traz a sensação de casa. Ele acalma a guerra que eu travo contra minha mente todos os dias.

— Não brinca, Sherlock — ironizo, me referindo à sua fala.

— Então, não reclama.

— Reclamar é um ato natural do ser humano.

— Reclamar é o que *você* sabe fazer de melhor — devolve.

— Vai se ferrar. — Empurro seu ombro. — Você está todo sujo de sangue.

— Pelo menos, não é de menstruação.

Eu o chutaria no meio das bolas se conseguisse.

— Mais uma palavra sobre aquele dia, e eu sufoco você com um travesseiro!

Uma gargalhada gostosa irrompe da sua garganta ao jogar a cabeça para trás. Sinto um comichão no peito.

— Não precisa ficar constrangida, amor. É normal.

— Cala a boca. — Abaixo o rosto para que ele não veja minhas bochechas vermelhas de vergonha.

Grayson está falando sobre o dia em que, do nada, minha menstruação desceu enquanto estávamos dividindo um momento romântico na sua cama. Foi a coisa mais constrangedora pela qual já tive que passar, e a normalidade com que o garoto levou a situação, sem reclamar em nenhum momento sobre seu calção estar manchado *daquele* tipo de sangue, só piorou.

Passei 1 semana evitando-o por pura vergonha.

Com as mutilações lavadas, Grayson interrompe o corrimento da água, me carrega no colo com banquinho e tudo, e me leva para a parte de fora. Dessa vez, porém, ele me põe sentada sobre a pia, pois, devido ao seu tamanho, se torna menos incômodo na hora de... cuidar dos cortes.

Grayson avisa que irá pegar alguma coisa no quarto. Quando volta, traz antisséptico, gaze e uma toalhinha consigo. Ele aplica o remédio com precaução em cada lesão, o que parece não acabar nunca. Xingo todos os nomes que conheço e até invento alguns enquanto isso.

Em seguida, ele seca com cuidado a região ao redor das feridas e põe a gaze em cima delas, passando o esparadrapo em volta apenas para sustentá-las.

— Grayson, isso está meio estranho — comento, olhando para o meu corpo.

Ele sorri.

— Um pouco. — Dá um passo para trás. — Terminei.

— Com o que vou me vestir agora?!

— Com alguma camisola minúscula que eu tenho certeza de que você tem?

— *Rá*, boa.

Grayson me ajuda a saltar do mármore, segurando minha cintura. Fico sem respirar por uns 5 segundos. Ele se afasta e, pondo meu cabelo para trás, digo:

— Então, hum... Pode ir.

Ele franze o cenho. Tenho certeza de que esperava por um agradecimento, mas isso... Isso é algo que não consigo dar.

— Você... Você não quer conversar? Sabe, sobre...

— Não — corto. — Não, não quero falar sobre isso.

Grayson coça a nuca, incerto.

— Tem certeza? Eu não vou te pressionar, prometo, sobre nada, mas, se quiser...

— Grayson, *não* — friso, ríspida. — Pode ir, já estou melhor.

Ele luta para não demonstrar nenhuma reação, porém, é perceptível a decepção que recai sobre seu semblante. Assim como a mágoa que enevoa suas íris. É insuportável encará-lo dessa forma, por isso, levo os olhos para os meus pés, esperando que Grayson saia.

— Ok, tudo bem. — Assente com a cabeça. — Boa noite. Se precisar de alguma coisa, estou no quarto ao lado.

Desse modo, ele se vira, abre a porta e sai, me deixando só. Liberto o ar preso em meus pulmões pelo nariz, ansiando que isso, toda essa situação, fosse mais fácil. Que, depois de uma conversa leve e divertida, não viesse a parte ruim que obriga cada um a seguir seu lado.

Mas parece que será assim que seguiremos pelo tempo que estivermos juntos.

Porque, por mais que finjamos que está tudo bem e que, por um momento, esqueçamos quem somos, o passado sempre virá à tona para provar que não existe uma segunda chance para nós.



Veneza Thronicke

No dia seguinte, a dança continua.

Uma dança sem ritmo, sombria, que parece nunca ter fim e obriga o espectador a presenciar o show de horrores. A melancolia cintilante em cada passo.

Grayson e eu somos os espectadores.

A dança é a dinâmica perturbadora que aderimos para nossas vidas. Uma que nos mata lentamente a cada minuto.

De manhã, um pouco dolorida, acordo e vou fazer as necessidades básicas. Tiro os curativos antes de tomar banho e faço novos quando saio, com menos dificuldade do que na noite passada e sem precisar da ajuda de Grayson.

Ao chegar à sala, devido ao estilo americanizado que a cozinha foi construída, consigo ver, do corredor, o que está acontecendo lá dentro. A imagem faz uma onda de irritação varrer minhas entranhas.

Não acredito que deixei que ele visse minhas feridas.

Não acredito que permiti que ele cuidasse de mim.

Não acredito que estou dando brechas.

Não acredito que estou proporcionando confiança o suficiente ao Grayson para que ele me acorde com café da manhã como se fosse a coisa mais normal do mundo.

***Não é** a coisa mais normal do mundo e **não quero** que isso se repita.*

— Pensei que tivéssemos criado um acordo sobre não cozinhar para o outro. — É o meu “bom-dia” ao atravessar a sala.

— Bom dia para você também, Veneza.

— Estou falando sério, Grayson. Por que está fazendo isso? Eu posso cozinhar meu próprio café da manhã.

— Do jeito que está, acho difícil — rebate, despejando bacon e ovos em dois pratos e pondo-os na mesa. — Vem, fiz seu prato favorito.

Olho rapidamente para a comida, meu estômago roncando quando o cheiro de bacon e ovos quentinhos me alcançam. Ainda assim, mantenho as feições impassíveis.

— O favorito da garota de 16 anos. Muito tempo passou de lá para cá, você não me conhece mais.

Um lampejo de emoção trespassa suas íris escuras. Anuindo, ele enche dois copos com suco de laranja e aponta para eles.

Não me movo.

— Vai falar que também não gosta mais desse sabor?

— Exatamente.

Grayson ri, descrente.

— Para de agir como a porra de uma criança mimada, Veneza! Não combina com você.

— É? E o que você vai fazer se eu não parar de agir como uma? Me dar uns tapas?

Ele umedece os lábios com a língua, descendo as íris pelo meu corpo e parando na minha bunda, coberta por uma camisola fina que deixa pouco para a imaginação.

— Bem que eu gostaria. Crianças mal criadas como você merecem uma punição.

Mordo o lábio inferior e me aproximo da mesa, contornando-a para ficar próxima do homem, o suficiente para não ter que fazer muito esforço, caso eu quisesse puxá-lo e grudar nossas bocas no beijo mais quente das nossas vidas.

— Você quer me punir, Grayson? — sussurro, aveludada, fitando-o como uma garotinha inocente.

Seu sorriso safado me faz pingar e meus mamilos endurecerem, empurrando o tecido da camisola. Estou sem calcinha, então posso sentir a droga do líquido viscoso escorrendo por entre minhas coxas.

Gemo baixinho quando sua mão grande, quente, firme e pesada toca a parte interna da minha coxa. Arqueio as costas para trás quando ele aperta com força, preenchendo sua palma com minha carne.

— Lembra quando acordava no outro dia, toda surrada? — pergunta no meu ouvido, ameaçando subir a barra do tecido. — Vermelha e cheia de marcas dos meus dedos, mostrando exatamente a quem pertencia.

— A você? — Elevo o queixo. — Eu pertencia a você?

— Sempre, porra. E ainda pertence. — Seu nariz roça no meu e sua boca está assustadoramente próxima da minha. — *Ainda* pertence.

Estalo a língua no céu da boca, negando sutilmente com a cabeça, e adentro as unhas na sua camiseta, arranhando seus gominhos, cheia de tesão.

— Não mais, Grayson. — Deposito um beijo na sua clavícula. — Não mais.

— É nisso que prefere acreditar? Que cada centímetro do seu coração não é meu? Que não sou eu quem domina seus pensamentos à noite? Amor..., nós dois sabemos a verdade. Nós dois sabemos que você ainda é louca por mim do mesmo jeito que ainda sou por você.

Por mais que ele esteja certo, certo em cada palavra, eu prefiro morrer a admitir que esse idiota ainda me tem por inteira.

Sua ereção cutuca minha barriga, louco para se libertar dessa bermuda idiota e encontrar caminho por entre minhas pernas. Eu adoraria, sendo sincera.

Mas não ainda. Não agora.

Meu corpo protesta em resposta ao sorrir e me afastar, já sentindo falta do seu calor me cobrindo.

Jogando o cabelo para trás, tento me recompor e não parecer tão abalada quanto realmente estou, dando a volta na mesa e sentando na cadeira.

— É a última vez que fará isso, Grayson — ordeno, apontando o garfo para ele.

Rindo, Grayson passa a camisa pela cabeça, expondo seu abdômen ridiculamente delicioso, definido, marcado, delineado e que parece implorar para receber umas boas mordidas. Cruzo as coxas, controlando a respiração para não deixar muito óbvio meus pensamentos impuros.

O sorriso convencido que nasce no seu rosto me faz querer arrancá-lo aos beijos.

— Conversei com Lindsay assim que acordei e contei... contei sobre o que aconteceu antes, mas… calma! — Ele pede, antes que eu

surte. — Não falei nada *explicitamente,* apenas falei que tinha se machucado, que a fisioterapia atrasará e que, sendo bem provável, você só participará a partir do segundo jogo.

Bufo, pousando a bochecha na mão. A única coisa que me acalma é saber que participarei dos jogos decisivos, que podem nos desclassificar ou garantir uma vaga nas finais.

— Quem será a capitã no meu lugar?

— Antonella.

Solto um suspiro de alívio.

— Graças a Deus.

— Tenho pra mim que Lindsay também nutre um certo ranço por Cassie — diz, enfiando o garfo no bacon e levando à boca.

— E quem não nutre?! Aquela garota é insuportável! — Reviro os olhos. — Filha da puta do caralho.

— Olha a boca, vampirinha!

— Vai se foder você também!

Grayson gargalha, as pálpebras se fechando num *eye smile* perfeito e as bochechas furadas com covinhas profundas. Eu deixo que uma risada bem baixa fuja pelos meus lábios, encantada.

Este momento... Eu o definiria como o ponto alto do meu dia.



Veneza Thronicke

Voltar às quadras nunca foi tão gratificante.

Ainda mais quando se é recebida por milhares de fãs à porta da sede do vôlei na França, com cartazes levantados para o alto, comemorando minha volta, e frases carinhosas. Os seguranças tentaram proibi-los de chegar até mim, mas eu fiz questão de falar com o máximo de pessoas que pude. Priorizando, claro, as crianças. Eram tantas vestidas com a minha camisa que, sinceramente, fiquei emocionada. Não tinha ideia de que era tão amada até presenciá-los tão alegres apenas por me verem.

O sucesso tem seu lado podre, contudo, seria egoísta da minha parte focar só nos defeitos.

O primeiro *set* termina com os Estados Unidos ganhando de 25 a 22 contra a Alemanha. Tenho que confessar que elas são oponentes difíceis de abater e que tornou nosso ganho mais árduo do que normalmente seria.

Rumo à Lindsay, e ela me entrega uma garrafa d'água e um paninho, secando meu pescoço, enquanto dou grandes goladas no líquido tinindo de gelado. Ao terminar, pouso as mãos na cintura e recupero o fôlego que perdi durante esses minutos, recebendo um tampinha da treinadora nas costas.

— Parabéns, garota! Estou orgulhosa.

— Fala isso como se eu estivesse indo péssima nos últimos jogos.

— Na verdade, não. Falo isso porque sua evolução a cada partida sempre me surpreende. — Apesar da fala acolhedora, sua voz é dura.

Não estou acostumada com elogios vindos de Lindsay, na real. Deixam-me sem jeito, e eu não sou de agradecer.

— Beleza. — Assinto. — Agora, vá parabenizar as outras jogadoras. Elas estão com ciúmes. — Indico Emy, sua sobrinha, com a cabeça, que está com os braços cruzados e batendo os pés no chão, olhando para nós.

Lindsay sorri e segue para ela, puxando-a para um abraço caloroso. Antonella faz menção de que irá falar comigo, porém, para ao fitar algo atrás de mim, dá risada e gira sobre os calcanhares.

Não se passa nem meio segundo para que eu possa raciocinar sobre o que aconteceu quando o timbre rouco de uma certa pessoa faz cócegas no meu pescoço com o hálito mentolado.

— Você foi foda — diz, só para que eu possa ouvir.

Eu viro, encontrando-o com as mãos para trás e um sorriso pequeno no rosto.

Não entendo o porquê fico tão mais leve e relaxada só de vê-lo. Para ser sincera, não entendo muita coisa que está acontecendo esses dias.

Na última semana, temos vivido momentos... Momentos bons. Cacete, *muito* bons. Brigamos e, dez segundos depois, estamos flertando, trocando frases sujas, nos tocando, porém, nunca indo além. Discutimos de novo e, pouco tempo depois, estamos sentados à mesa, rindo de algo aleatório que aconteceu em algum horário do dia.

Como nós éramos.

Resquícios do que um dia fomos.

Não me entenda mal, eu ainda o odeio. Odeio tanto que, às vezes, tenho vontade de bater na cara dele e, depois, na minha por estar me deixando levar. Por esquecer, às vezes, do que ele me fez passar. Por estar trocando os dias em que chorei até dormir por momentos de risadas sinceras com o mesmo homem que trucidou minha alma.

É só que estou tão cansada de brigas, de sentir meu peito rachando em ressentimento, de raiva... Esses sentimentos têm um peso desagradável, um que eu trocaria por qualquer outra sensação. Então, deixo que Grayson pense que está me reconquistando, que está conseguindo um lugar de novo no meu coração.

Quero me convencer de que ele não está, de que não há mais como sermos os mesmos jovens que se apaixonaram. As coisas mudaram. Tudo mudou. Não é tão fácil quanto ele faz parecer ser.

— Eu sei — gabo-me, desfazendo o rabo de cavalo e realizando outro mais firme. — Assistiu a tudo?

— Você sabe que sim.

É, eu sei. E não por que todos da equipe, principalmente os profissionais da saúde, são obrigados a ficarem à postos, de camarote, para caso qualquer coisa venha a dar errado no jogo, mas por que eu fui capaz de ouvi-lo gritando meu nome e os abraços em comemoração com seu amigo médico sempre que eu fazia um ponto que vislumbrei.

De repente, o ano é 2013 e ele está me incentivando no meu primeiro jogo oficial contra uma dupla superfamosa daquela época.

— Inclusive — ele torna a falar —, eu fiz uma coisa.

— O quê?

— Está escondido debaixo do jaleco.

Dou risada.

— Criou novos gominhos?

— Que pervertida, linda! Quem está falando nisso? — Grayson me lança um olhar divertido.

— Ah, cala a boca! O que você fez?

— Paciência não é o seu forte — pontua algo que eu já sabia e, olhando para os lados, desabotoa os quatro primeiros botões do jaleco, afastando o tecido branco para trás. — Olha.

Eu perco o domínio sobre minha respiração ao me dar conta do que se trata.

Ele está usando a camisa da seleção com o *meu* número. Feito uma criança, eu giro seu corpo e puxo a gola do jaleco, sorrindo igual uma idiota quando vejo o sobrenome **THRONICKE** estampado nas suas costas.

— Grayson... — Espremo os lábios para conter o sorriso. Ele, feliz pela minha reação, nem faz questão de esconder seu contentamento. — Se você não tivesse sido tão babaca, te encheria de beijos agora!

O homem faz um bico insatisfeito.

— Vamos deixar o passado para trás, linda... — pede, num gemido frustrado.

Sorrio, rendida.

— Isso é algo que não consigo fazer. — Vejo as jogadoras se alongando, nos preparativos para o início do segundo *set.* — Tenho que ir, já vai começar.

Começo a me distanciar, mas ele agarra meu pulso.

— O que foi?

— Vem cá. — Grayson me puxa. — Sua faixa está quase caindo.

— Não demora.

Ele concorda e tira a faixa com o “C” de capitã do meu braço, enrolando-a outra vez ao redor dele e apertando com mais força, impedindo que se perca durante o jogo.

— Capitã, hum? — sussurra ao meu ouvido. — Imagine só como isso soaria sujo e gostoso na minha cama? Você por cima. Você no comando.

Não acredito que ele vai me fazer entrar no jogo excitada...

— Às vezes, eu acho que você esquece que os fofoqueiros possuem uma habilidade extraterrestre de fazer leitura labial, Grayson. — Dou uma cotovelada na sua costela. — Se sair nas matérias amanhã que “fisioterapeuta diz coisas obscenas para jogadora antes de partida, confira as imagens”, você está fodido. — Aponto um dedo para ele.

— Prefiro foder com você.

— Na verdade, eu estava me referindo à internet. *Ela* vai foder com você.

— Ah. — Seus ombros pendem de maneira teatral e o rosto assume um falso desapontamento. — A internet não tem uma boquinha tão afiada e gostosa.

— Afiada? Sim, ela tem.

— Mas não gostosa.

Rolo os orbes com tanta força que, por um segundo, penso que eles não irão voltar mais para o lugar.

— Tchau, Grayson, tenho que ir. Torça por mim!

— Foi o que mais fiz durante minha vida toda, vampirinha.



Nós perdemos.

E a culpa foi toda minha.

No vestiário, transtornada e querendo bater na primeira pessoa que encher meu saco enquanto a Alemanha comemora sua vitória lá fora, caminho de um lado para o outro, segurando a vontade entalada lá no meu âmago de gritar.

— A culpa é toda sua, caralho! — Cassie entra, esbravejando. — Perdemos, e a culpa é toda sua!

— Cassie, *por favor*! — Lindsay a segura pelo ombro. — Veneza não tem culpa, não foi por causa dela que nós perdemos.

— Claro que foi, porra! Qual era a dificuldade dessa idiota de botar mais força na bola?!

— O bate-bola estava frenético, Cassie, é normal acabar cansando. E, pelo que me lembro, estávamos a dois pontos atrás por um erro que você *também* cometeu. — Antonella me defende.

— Ah, claro, a culpa é toda minha agora! Pelo menos, não sou eu que esbanja uma imagem de jogadora fodona, cacete! Deveria fazer, pelo menos, jus ao título. — Cassie abre a porta do seu armário, pega sua toalha, e a fecha com um estrondo. — Não vai falar nada, Veneza? O gato da derrota mordeu sua língua?

Permaneço calada, deixando que suas ofensas penetrem bem fundo na minha mente. Celeste, uma garota do Bruins, dá risada.

— Uh, agora ela está calada. Bem típico.

Agora isso, ser insultada por uma integrante do nosso maior time rival, eu não aceito.

— Pelo menos, eu tive a chance de dar o meu melhor em quadra, Celeste. E você, que está há três jogos no banco?

Ela se cala, o rosto contorcido em desgosto.

— Já não estávamos indo bem no quarto *set,* elas voltaram com tudo e, por acharmos que o jogo já estava ganho, relaxamos. Certo, confesso que, se eu tivesse posto um pouquinho mais de força na jogada, poderíamos ter tido uma chance. Ainda assim, não precisa fazer tempestade num copo d'água. Esse jogo não foi decisivo, o *próximo* será, e darei meu máximo para que o erro não se repita.

Queria eu ser a pessoa a acreditar no que estou dizendo.

Cassie, Celeste e as demais meninas que dividem dos seus mesmos pensamentos sobre mim borbulham de raiva, soltam fogo pelo nariz ao bufarem alto e cada uma segue para o banheiro, sem mais discussões.

— Como o Grayson diria? Ah, sim. “Essa é a minha garota”. — Antonella cutuca meu braço com o cotovelo.

— Quê?! — Viro de abrupto para ela.

— Você tinha que ver o jeitinho que ele estava te olhando enquanto jogava, Ness... — Suspira. — Vocês são lindos juntos.

— Não está rolando nada entre nós — resmungo, meio afetada.

— Ah, tá, e eu sou a Merida!

— Não é à toa que seu melhor amigo a chama assim. Vocês são idênticas — digo, abrindo meu armário para pegar minha toalha e pendurando-a no ombro.

Noto algo de errado quando as bochechas de Antonella assumem um tom rosado, e ela morde o lábio inferior, enrolando os

cachos nos dedos.

— Não vai me dizer que...

— Você sabe que ele não perde nenhum jogo nosso, certo? — indaga, e eu assinto. — Pois é, eu fui até o hotel dele ontem e…, nós ficamos.

— *PUTA MERDA!* — grito, mas logo abaixo a voz alguns decibéis quando recebo olhares de reprovação. — Tá falando sério? Como foi?

— Espetacular! Inclusive, fiquei com medo de não conseguir andar quando acordei.

— Ele te tirou da seca, não aguentava mais esperar!

— Para de ser idiota! — Ela gargalha. — Falando sério, Veneza... Porra, foi incrível.

Antonella mantém uma paixãozinha pelo melhor amigo, Caleb, desde que eram crianças. Ele faz o típico *bad boy* galinha e, por isso, ela sempre achou que nunca teria chance com o garoto, ainda mais por que, na cabeça da cacheada, Caleb a via apenas como uma irmã. Mas, pelo visto...

— Estou feliz por você, garota. Espero que ele tenha feito do jeito que merece.

— Hum... Ele saciou todos os meus desejos safados. — Lança-me uma piscadela. — Inclusive, hoje de manhã, como... um desejo de “boa sorte”.

— Agora, quem está passando vontade sou eu, Antonella. Cala a boca!

— Tem um homão gostoso lá fora só te esperando...

— Não, Antonella... É complicado. — Balanço a cabeça. — Nós temos uma história, e ela acabou de uma forma que eu não gostaria que tivesse acabado.

A garota anui, compreendendo.

— Quer falar sobre?

— Na verdade, não. — Desvio a atenção para o chão. — Não tem nada a ver com você, é só que... não consigo falar sobre isso, entende?

— Completamente, Ness. Fica tranquila, ok? — Ela beija minha bochecha. — Agora, me deixa ir, que Caleb e eu marcamos de sair daqui a pouco!

— Hum... — Sorrio com malícia. — “Sair”, né?

— Eu só não disse o que vamos fazer. — Mexe os ombros de uma maneira engraçada e balança as mãos em despedida. — Tchau, gata!



Assim que chego em casa, a realidade me atinge como um baque.

Perdemos.

E, não importa o que eu diga, a culpa foi, sim, minha.

Eu sei que não era um jogo tão importante que pudesse nos desclassificar e que ainda teremos outras chances, mas a culpa

está me corroendo. O medo, sobretudo, porque, se eu fizer o mesmo no jogo da próxima semana, estará tudo perdido, me invade.

Não que exista apenas eu naquela equipe, mas tenho a mania de me sobrecarregar demais, e isso já se tornou um costume do qual não consigo me libertar.

Grayson está sentado no sofá, lendo algum artigo fisioterápico. Quando me vê entrando, tira os óculos — uma pena, pois estava sendo uma ótima visão — e imediatamente se levanta, deixando as coisas de lado para vir até mim.

— Como você está?

— Estaria melhor se tivéssemos ganhado. — Inspiro com tristeza e sento na cabeceira do sofá.

— Veneza... Você sabe que não foi culpa sua, não sabe?

— Claro que foi, Grayson! Se eu tivesse me esforçado mais um pouquinho, teríamos tido a chance de virar o jogo!

— Vampirinha, até eu fiquei cansado assistindo aquele bate-bola incessante. Imagine vocês, que estavam lá?

Nego, enterrando os dedos no couro cabeludo.

— Não podemos deixar que o cansaço nos domine. Somos jogadoras, fomos treinadas para isso.

— Ser jogadora não anula o fato de que você ainda é humana.

— Argh, você tem resposta para tudo! — reclamo, ao saltar do sofá. Olho para a varanda da frente através da janela, que dá acesso ao Rio Sena, do outro lado da rua, e que, melhor ainda, tem

uma área para vôlei de praia. — Vou treinar um pouco aqui fora, preciso espairecer e me preparar para os próximos jogos.

— Sem um parceiro?

— Quem eu vou chamar a essa hora só para vir jogar comigo, Grayson? — questiono, como se sua indagação tivesse sido a coisa mais boba que eu já ouvi, e ele franze o cenho.

— Sou tão inútil assim?

Ah.

Enrijeço a postura.

— Você está...

— Sim, estou me oferecendo.

— Para jogar comigo?

— Como nos velhos tempos.

Engulo em seco.

É disso que tenho medo. De reviver os velhos tempos.

— Grayson, não acha que seja uma...

— Por favor, Veneza. — Ele interrompe. — Você precisa de um parceiro, e eu preciso destravar. Entenda isso como uma... troca de benefícios.

Cerro os olhos.

— Destravar, é?

— Sim, claro. Faz tempo que não faço exercícios.

— Muita hipocrisia da sua parte me mandar fazer essas merdas quando meu próprio fisioterapeuta não faz! — Cruzo os braços.

— *Seu* próprio fisioterapeuta? — Ele morde a pontinha do lábio inferior. — Que tesão.

— Ah, para de ter a mente tão poluída! — Pego minha bola de vôlei que deixei em cima de uma cadeira quando saí e jogo no seu peito. — Toma. Mas aviso desde já que irei te jogar no rio, caso venha com alguma gracinha.

— Como a madame quiser.



Veneza Thronicke

Eu não lembrava de Grayson ser tão péssimo no vôlei.

Tipo, tudo bem que ele nunca foi essas coisas, mas, agora..., ele se superou.

— Grayson, não é assim que faz! Você tem que rebater a bola, não esperar que ela caia no chão!

— Olha a força que você está pondo nesse troço, Veneza! Se acertar em mim, eu morro!

— Você é o pior parceiro de todos, de verdade. — Escoro-me na rede, observando-o por entre os quadradinhos. — Não quero mais jogar.

— Mal começamos!

— E você já me estressou.

— Novidade nenhuma. — Gira a bola nos dedos, me encarando. — Só mais uma partida, vai.

Emburrada, vou a passos duros para o seu lado do campo de areia e tomo a bola de sua mão, jogando-a no solo arenoso.

— Fique em posição de defesa. — Toco nos seus joelhos, e ele os dobra. — Mãos para frente.

— Assim?

— Uhum. — Dou passos para trás e o analiso, dando uma risadinha. — Você está engraçado.

— É o preço que eu pago por te amar demais, Veneza. — Eu paraliso, com os olhos arregalados. — Isso mesmo, finja surpresa. Não é como se não fosse óbvio para todo mundo — debocha, rolando os olhos.

— Não era para mim — alfineto, sabendo que ele entendeu.

— Assim você me magoa, vampirinha. — Projeta o lábio inferior para fora, em um bico. — Tá, agora, o que eu tenho que fazer?

Ignorando que sua confissão acelerou meu coração em um milhão por hora e que estou me sentindo letárgica depois dela, respondo:

— Nada, só estou mostrando a posição que deve ficar quando for defender a bola.

— Ah, uau — rumoreja. — Anda, quero jogar logo. — Ele se balança, animado.

Colocando-me à postos, ajeito meu cabelo, pego a bola e, pegando-o de surpresa, jogo o objeto no ar e dou um salto, arremessando-a para Grayson. Por incrível que pareça, ele consegue devolver com a mesma energia.

— Uh, adorei! — digo.

— Estou merecendo um prêmio depois dessa! — fala e, logo depois, a bola que joguei atinge o solo da sua área. Rio alto da cara que ele faz. — Não valeu!

— Claro que valeu, você só conseguiu uma jogada. Precisa de, no mínimo, três pontos para conseguir algo de mim.

— É? Não sabia disso...

— E não está permitido nada que envolva me beijar — aviso logo.

— Assim *também* não vale.

— Problema seu. — Brinco de jogar a bola no ar e pegá-la por várias vezes. — Agora, anda.



Cerca de 2 horas se passam e brigamos mais do que jogamos.

Esse homem me tira do sério!

— Você é um pé no saco, Grayson, puta que pariu! — berro, entrando na casa depois de lavar meus pés na torneirinha que tem do lado de fora, próxima à pequena escada na entrada.

— Você que é insuportável, porra. Só sabe reclamar! — Ele rebate com berros mais altos, entrando logo após mim.

— Realmente, eu... Ah! — grito assim que um raio corta o céu do nada, causando um estrondo assustador, e me agarro nos braços de Grayson, tremendo. — Cacete — sussurro.

Sinto sua risada contra meu pescoço e nem protesto quando ele passa os braços por meu tronco, acariciando a base das minhas costas.

Casa, lar, conforto... Minha paz e, ao mesmo tempo, minha perdição.

— Ainda com medo de trovões, amor?

— N-não... — minto descaradamente, e nem tenho tempo de completar a frase com o máximo de confiança que consigo, pois outro estrondo estremece as paredes e o chão.

Ele ri, e, quando menos percebo, estou sendo guiada para algum lugar que, no atual momento, não tenho condições para pensar em me importar. Quero dizer, considerando que estamos em um corredor e o cheirinho de melancia..., estamos indo para o meu quarto. Menos mal.

Ele abre a porta com dificuldade, pois eu pareço um gato assustado sofrendo espasmos nos seus braços. Cauteloso, ele liga o abajur e me coloca na cama, indo fechar a janela e voltando para ficar ao meu lado.

Agarro os lençóis com força contra meu corpo e enfio meu rosto no travesseiro, tampando meus ouvidos.

Não sei quando esse medo começou, não com certeza, porém, tenho lembranças vagas dos meus avós me espancando por algum motivo bobo que não lembro exatamente o que era. Era uma época chuvosa, e a violência lá em casa era constante, então... É como se cada trovão correspondesse a um soco. De algum jeito tolo, eu tenho essa impressão.

E Grayson sabe disso, porque já contei a ele. Imaginei que não se lembrasse, mas, considerando suas feições inquietas, agora eu sei que se lembra, sim.

— Quer assistir a um filme? — pergunta baixinho, quase cochichando, fazendo círculos invisíveis no meu braço.

— P-pode ser.

— Posso... Posso deitar aqui, com você? — Seu questionamento sai cheio de medos, incertezas.

Penso por instante, dividindo dos seus receios.

Foda-se se eu vou me arrepender disso amanhã. Eu estou preocupada com o agora.

E, *agora*, eu preciso de Grayson comigo.

— Pode — murmuro.

Ele tira os chinelos com os pés molhados e sobe no colchão, engatinhando até ficar no meio da cama. Dou graças a Deus quando ele toca meu braço com mais firmeza, seu corpo inclinado em direção ao meu, pois já sei o que ele vai pedir.

— Vem cá. — Grayson me vira e, sem nenhuma reclamação da minha parte, que parece surpreender até ele, deita minha cabeça no seu peito. — Tão boazinha, o que aconteceu?

— Cala a boca... — mando, me aconchegando mais ainda a ele.

Céus, eu tinha esquecido do quanto isso é bom. Do quanto eu me sinto bem quando nossos átomos parecem se tornar um só. Do quanto cada célula que me compõe clama pelas dele.

— Ao que você quer assistir? — pergunta, mas nem raciocino direito por causa do cafuné gostoso que está fazendo no meu cabelo.

— Hum... — ronrono, as pálpebras coladas uma na outra. — Não sei.

— Mesmo? Me deixa pensar... — Bate o controle no queixo. — *The Vampire Diaries*?

A menção à minha série favorita expulsa o sono. Elevo o rosto, fitando-o — o que é um tremendo erro, já que apenas centímetros separam nossas bocas —, e Grayson sorri.

— Sério?

— Seríssimo.

— Vamos assistir desde o começo. Tenho certeza de que você já esqueceu tudo. — Pego o controle de suas mãos e procuro a série pela plataforma de *streaming.* — Só uma coisa: Stelena ou Delena?

— Meu amor... — Grayson ri. — Eu lembro bem do murro que você me deu quando eu falei que preferia Stelena.

— Mudou de opinião?!

— Se eu disser que... — Bato com o controle no seu peito. Ele urra de dor. — Agressiva do caralho, tá bom! Prefiro Delena.

— Por livre espontânea vontade, né? — Bato as pestanas, escondendo um sorriso.

— Ah, claro! — Revira os olhos e, quando me encara, parece que suas íris atravessam minha alma.

Ficamos nos olhando por tanto tempo, mergulhados, que chego a esquecer da tempestade que está rolando lá fora e que, há poucos segundos, eu estava me tremendo dos pés à cabeça.

Não importa quanto tempo passe, Grayson continuará sendo meu ponto de tranquilidade. Posso tentar negar o quanto for, mas isso, esse momento, *nós,* já dizem muito. Já dizem mais do que eu nunca serei capaz.

Queria poder dizer que passamos a madrugada maratonando todos os episódios, mas Grayson não facilitou para mim. Com cafuné, carinhos intercalados entre minhas costas e meus braços, e mais um bônus de um beijo na testa que recebi em algum momento, acabei caindo no sono antes mesmo do previsto.

Depois de 9 anos, ao lado dele.



Grayson Caine

Ela é a porra de um anjo.

Dormindo, serena, o corpo encolhido no meu, os braços ao redor do meu torso e as pernas entrelaçadas nas minhas, não perpetua outro pensamento, senão esse.

Veneza parece tão tranquila e despreocupada, com os lábios levemente entreabertos, o peito em um sobe e desce calmo, alguns fios de cabelos caindo no seu rosto... Nada semelhante com o furacão que está habituada a ser, e, por um momento, cogito a ideia desse momento não passar de um sonho.

Cacete, ela dormiu comigo. *Comigo*. Nos meus braços, aninhada ao meu peito, e não protestou em nenhum segundo. Tenho a impressão de que meu coração vai explodir a qualquer instante por que ele é pequeno demais para suportar o quanto eu a amo, o quanto sou louco e irrevogavelmente apaixonado por ela.

Se Veneza, ao menos, soubesse que eu faria tudo para ter mais ocasiões assim ao seu lado... Sem medo, sem ressentimento, sem amargura, sem o passado nos assombrando. Apenas nós dois aqui, agora, no futuro. Se ela, ao menos, me deixasse construir novas memórias e provar que somos tão melhores juntos...

Será que essa cabeça dura ainda não entendeu que não existe vida sem ela? Que, por todos esses anos, eu senti que havia uma parte faltando em mim e que essa parte estava do outro lado do país? Que essa parte que me faltava era ela e que, agora, me sinto um pouco mais completo só por saber que ela está a um lençol de distância?

Raios de sol invadem o ambiente por entre as frestas das persianas e batem diretamente no rosto de Veneza. Com todo o cuidado, tiro uma das mãos que estava em sua cintura e posiciono em frente aos seus olhos, protegendo-os da luminosidade e impedindo que ela acorde.

Não adianta, de todo modo. Veneza sempre teve um sono leve e qualquer mínimo barulho, luz ou movimento já eram o suficiente para acordá-la.

— Hum... — murmura, se remexendo.

Tento me afastar para dar a ela mais espaço, porém, para a minha surpresa, seus braços envoltos de mim se tornam mais firmes, me prendendo no lugar. Aos poucos, Veneza vai abrindo os olhos, expondo as íris esverdeadas, e, se eu achava que ela iria me chutar para fora quando percebesse a posição na qual estamos, me surpreendo ao, em vez disso, receber um sorriso preguiçoso em cumprimento.

Caralho, eu vou infartar.

— Bom dia... — Boceja, esfregando os olhos, tornando a pousar sua mão no meu peitoral. Mais um pouquinho para cima, e ela vai descobrir que é possível, sim, um coração bater a mil por segundo. — Que horas são?

— Bom dia, vampirinha. — Tomo liberdade para afastar uma mecha castanha caída em seu nariz e ajustar atrás da orelha. — São 10h da manhã.

Ela assente e, para minha infelicidade, se senta de costas para mim, mas só um cego para não se dar conta da sua relutância ao fazê-lo.

Enquanto arruma o cabelo, me permito ter uma visão do cacete que é Veneza ao acordar. Os lábios inchados, tal como as pálpebras semifechadas, os mamilos duros contra a regata fina, o rosto avermelhado e o quanto parece cinco vezes mais gostosa.

Um sexo matinal cairia indiscutivelmente bem agora.

Pelo bem do meu amiguinho de baixo, que acordou comigo e está mais desperto do que antes.

— Faz tempo que não durmo tão bem — confessa, me olhando sobre o ombro. — Seu peitoral continua sendo um ótimo travesseiro.

— Ele é ainda mais confortável depois de um sexo matinal bem gostoso.

Veneza morde a pontinha do lábio, safada, e vira o tronco para me encarar, o coque bagunçado no topo da cabeça enquanto dois fios caem nas têmporas, a deixando ainda mais atraente.

— São 10h da manhã, Grayson. Não é hora para esses seus comentários.

— Não sabia que existia horário para ser sincero.

Ela solta uma risada anasalada e revira os olhos.

— Nunca pensou em procurar alguma mulher nesses aplicativos para acabar com essa sua seca?

— A mulher que eu quero não está em aplicativos. Está bem aqui, sentada à minha frente.

— Essa mulher está indisponível, infelizmente.

Apoio-me nos cotovelos, sorridente.

— Sério? Nem para esse cara? — Aponto para mim.

— Especialmente *não* para ele — diz, e levanta da cama, acomodando as mãos na cintura. — Agora, dá o fora daqui. Vou banhar.

— Não vai me chamar para participar?

— Não! — Veneza pega uma toalha no seu armário e bate com ela nas minhas pernas. — Anda, sai daqui.

A contragosto, faço o que ela manda. Veneza mal me espera terminar de ficar em pé e começa a me empurrar para fora do quarto, batendo a porta com tudo atrás de mim. Gargalho alto do seu mau humor fingido.

Essa é Veneza Thronicke, senhoras e senhores.

Uma completa caixinha de surpresas.



— Nós dormimos juntos.

— *O QUÊ? Porra, como assim? VOCÊS TRANSARAM?* — Faran grita do outro lado da linha, e sou forçado a distanciar o celular da orelha para não correr o risco de estourar meus tímpanos. — *Cara, eu sabia, sabia que...*

— Não, Faran, nós não transamos — corto suas fantasias. — Nós realmente dormimos juntos.

A chamada fica em silêncio.

Checo a ligação para ver se não caiu ou se ele desligou sem querer.

Continua ativa.

— Far...

— *Espera... O quê?* — Sua voz beirando a incredulidade dá as caras novamente. — *Vocês dormiram? Tipo, dormiram mesmo, mesmo?*

— Sim, Faran, nós dormimos. Por que é tão difícil acreditar nisso?

— *Não rolou nadinha? Beijos, uma pegação intensa, mãos bobas...*

— Não, Faran, não rolou nada disso. — *Infelizmente*. — Estou indo no tempo dela, cara. Você não sabe o tamanho da vitória que é ela ter... passado a noite comigo.

— *Eu imagino* — pondera. — *As coisas estão indo bem entre vocês?*

Sua pergunta me faz refletir.

As coisas estão indo bem entre nós?

Faz alguns dias desde que nós brigamos pela última vez e, de lá para cá, tem sido apenas provocações. Claro que, vez ou outra, Veneza ainda joga farpas, mas nada que resulte numa discussão.

É, talvez, as coisas estejam indo bem entre a gente.

— Algo assim — limito-me a dizer. — Somos de fases, Faran. É complicado. E você? Sua família? Como estão?

— *Estamos bem, Gray. Muito bem, graças a Deus. Conseguimos ajudar um bom número de crianças, adultos e idosos hoje com comidas, roupas e livros* — conta, e a felicidade no seu timbre é palpável. — *Mare está organizando um sorteio virtual com o objetivo de arrecadarmos mais dinheiro.*

Sorrio, verdadeiramente contente com isso.

— Fico feliz, amigo. Me passa o link do sorteio, irei participar.

— *É por isso que você é meu melhor amigo!* — Ele exclama, exultante, e eu dou risada. — *Muito obrigado, Gray. Vai ser de grande ajuda. Essas pessoas... Eu quero ajudá-las com o que posso, dar o meu máximo para trazer, ao menos, um pouco de conforto a elas.*

— Sua missão é linda, Faran. Com certeza, ajudarei com o que posso para fazê-la se expandir.

— *Cala a boca, desgraçado, eu vou chorar!* — Funga, e eu gargalho alto. — *Você, hum... Você sabe se Veneza aceitaria participar?*

A dúvida na sua voz é engraçada, mas não posso reclamar. Ele não conhece Veneza como eu conheço, não sabe que um dos seus principais sonhos era sair viajando o mundo e ajudar o máximo de pessoas que conseguisse. Ela pode ter mudado o quanto for, porém, sua essência continua a mesma, sei disso.

— É claro, irei falar com ela.

— *Ótimo! Vou avisar Mare que a maior jogadora de vôlei feminino dos últimos anos vai nos patrocinaaaaaar!*

— Ei, eu não falei que Veneza vai...

— Falando de mim?

Engasgo-me com a saliva e o celular quase salta da minha mão. Olho para trás, encontrando a mulher encostada na parede ao fim do corredor, de braços cruzados.

— Merda — chio. — Tchau, Faran, tenho que desligar.

— *Me deixa dar um...* — Antes que conclua a frase, desligo a chamada e jogo o aparelho no sofá.

Abro um sorriso amarelo para Veneza, que une as sobrancelhas e vem caminhando até mim. Apesar do susto que me deu, ainda tenho uma capacidade excelente de passear os olhos por ela inteira enquanto finjo naturalidade.

Os cabelos estão molhados, algumas gotículas de água escorrendo por seus braços; Veneza está usando um top de seda minúsculo que evidencia seus seios e o piercing extremamente sexy que tem no seu umbigo. Além do short apertado e igualmente indecente, torneando suas coxas deliciosas e enviando vibrações de excitação para todas as minhas moléculas.

— Sua boca, Grayson. — O tom acusatório de Veneza me desperta.

— Hum?

— Está babando. — Eu me recomponho, e ela passa por mim, abrindo a geladeira para, primeiramente, tomar água e depois pegar ingredientes a fim preparar seu café da manhã. — O que estavam falando sobre mim?

— N-nada... — Limpo a garganta, parecendo um idiota. — Nada.

— Vamos lá, Grayson. Não minta para mim. — Ela põe ovos, torradas e geleia na bancada e vira, apoiando as costas no móvel. — Algo comprometedor? Saiu mais alguma notícia minha nos sites, e eu não estou sabendo?

— Não! — Umedeço os lábios. — É só que... bom... Você conhece um cara chamado Faran Williams?

— Acho que já ouvi falar. Ele faz viagens para a África em trabalho voluntário? — Anuo. — Então, conheço.

Eu não sabia que Faran era famoso a esse ponto.

Uma pontinha de orgulho e satisfação cresce no meu peito.

— Ele é meu melhor amigo — continuo. — E..., bom..., está organizando um sorteio, alguma coisa para conseguir arrecadar dinheiro, e pediu sua ajuda. Participar também, eu quero dizer.

Ela cruza os braços, franzindo o cenho.

— Você estava com medo de me contar isso?

— Não, não com medo. Só... nervoso.

— Eu te deixo nervoso, é? — Toca o lábio com a pontinha da língua.

— Pra caralho.

Um sorriso sagaz ganha vida em seu semblante. Girando sobre os calcanhares e botando a mão na massa, numa bagunça de panelas, ovos e farelos de torradas por toda a bancada, ela diz:

— Eu poderia até patrocinar, se eles quisessem.

Meus olhos esbugalham.

— Quê? Sério?

— Claro, eu adoro ser útil nessas missões.

Minha boca se estica para o lado.

— Era o seu sonho. Ajudar o máximo de pessoas que conseguisse.

Ela suspira.

— Certas coisas nunca mudam.

— Principalmente a sua alma.

Não vejo se Veneza, por estar de costas, esboça alguma reação. Ela se mantém calada, quieta, retornando ao preparo do seu café da manhã e deixando claro que o assunto encerrou.

Assim que termina de fazer, ela se senta à mesa e começar a comer, deixando o espaço vazio e livre para mim. Não faço nada elaborado, praticamente o mesmo que o dela, com a diferença de que opto por geleia de morango em vez de framboesa.

Sento à sua frente, e em nenhum momento ela me olha.

Ou trocamos alguma palavra.

É incrível como a atmosfera ao nosso redor pode pesar de uma hora para outra. Podemos estar bem um instante e, em pouco tempo, já não estamos mais. É meio cansativo ter que viver pisando em ovos o tempo todo.

Veneza se levanta para lavar o prato, e eu nunca agradeci tanto por termos duas pias em vez de uma. Como o resto que faltava no prato e

levanto junto a ela. A morena me olha por cima do ombro, mas não diz nada.

— Ficou bom? — quebro o silêncio com a pergunta mais idiota possível. Um ponto de interrogação nasce na testa de Veneza. — Os ovos, as torradas e a geleia.

— Ah — sopra. — Ficou.

— Certo. — Assinto. — E...

Veneza ajeita as alças da regata.

Minha respiração trava na garganta.

Eu o enxergo.

Claro e explicitamente, quase saltando em meus olhos.

A cordinha mal feita e o pingente de oceano.

O prato desliza da minha mão e cai na pia. Estou tão imerso no que meus olhos enxergam que nem me dou ao trabalho de descobrir se ele quebrou ou não.

Ela mentiu pra mim?

Veneza me fez acreditar que tinha mesmo jogado isso fora? Por que, cacete?

Ela usou essa merda o tempo todo e...

— Por que mentiu pra mim? — Não planejava que minha voz saísse tão fria, mas, considerando o agora, seria meio difícil reagir diferente.

Veneza dá um pulo, e é a primeira vez que eu a vejo tão assustada. Seus olhos voam para a clavícula, e, quando percebe que uma boa parte do pingente está à vista, solta um murmúrio doloroso, comprovando, então, que ela realmente não queria que eu visse.

Mas por que, droga?

— Não é o que você está pensando. — Ela diz rapidamente, puxando a frente da seda para cima.

O caralho!

— Não é o que eu estou pensando, Veneza?! — Não queria me descontrolar, mas porra! Eu já vi, e ela vai continuar mentindo? — Por quê. Você. Mentiu. Para. Mim?

— Eu já falei que...

— Caralho, Veneza! — Bato na superfície do móvel, e ela se sobressalta. Respiro fundo, puxando e expelindo o ar. — Me conta, Veneza. Eu conheço esse pingente, essa cordinha... Ela está toda desgastada, igual à minha. Por favor, me conta o porquê mentiu. Por que me fez acreditar que tinha jogado fora?

Sua postura vacila.

— Porque era isso o que eu deveria ter feito — diz. — Porque era exatamente isso o que eu deveria ter feito.

— No entanto, não fez.

— É, não fiz. Uma das maiores burrices da minha vida, senão a maior.

Eu deveria ficar magoado por ela estar dizendo isso, mas não consigo. Não posso. Não quando Veneza, em toda sua prepotência, escolheu ficar com o colar. Escolheu não quebrar nossa promessa.

Isso... Isso significa tudo.

— Por quê? Por que não jogou fora? Você teve uma escolha, não teve?

— Grayson...

— Me responde! — ordeno. — Aja como uma adulta e não tente fugir disso. Eu passei anos longe, não passei? Você me odeia ou é no que acredita. Você teve a chance de se livrar disso, de guardar no fundo da

sua gaveta ou tocar fogo. Mas não, você preferiu continuar usando. Mesmo amargurada, mesmo mentindo, você escolheu isso a ficar sem uma parte minha contigo. Você...

— Porque eu sou uma idiota do caralho, está bem?! — explode. — Porque eu sou uma idiota do caralho que está cansada dessa merda, cansada dessa vida, mas que ainda acha em você o refúgio para os problemas. Uma idiota que não suporta a ideia de jogar tudo o que significamos fora! — Ela passa a mão molhada nos cabelos, buscando se acalmar, mas falha. Sei disso pela risada amarga que dá. — E parabéns, você conseguiu, porque, quando eu estava ficando bem, quando eu estava finalmente seguindo a minha vida, você voltou para transformá-la em um inferno outra vez! Conseguiu se infiltrar na minha equipe, conseguiu substituir minha fisioterapeuta, conseguiu conquistar a confiança da minha treinadora, conseguiu ficar sob os holofotes com aquele seu show ridículo em frente à cafeteria e, agora, conseguiu que Lindsay nos pusesse sob o mesmo teto. O que mais você quer, caralho?! Isso tudo já não é suficiente?

— Eu quero você, porra! — brado. — Estou tentando deixar isso claro desde o dia em que pisei no mesmo lugar que você outra vez. O que mais eu preciso fazer pra você entender? Para entender que é a mulher que eu amo? Não existe vida sem você, Veneza! Não existe felicidade, se você não está aqui para sorrir comigo. Não compreende isso? Não compreende que eu sou louco por você? Que eu faria tudo para garantir que somos pra sempre?

Veneza fecha os olhos, as feições torturadas.

— Para, Grayson — pede.

Eu não paro.

Em vez disso, dou um, dois passos na sua direção.

— Eu vou batalhar por nós até você dizer, com todas as letras e olhando bem fundo nos meus olhos, que não me quer mais. Que não me ama como eu te amo. Enquanto isso, eu farei cada segundo desse verão valer a pena.

A garganta de Veneza convulsiona ao abrir lentamente os olhos. Ela não me fita, não diretamente. Não nos meus olhos.

— Eu não te amo.

Porra, que facada do caralho.

Passo a língua nos lábios.

Mais um passo.

Agarro seu queixo em pinça.

Ergo seu rosto para mim.

— Olhando nos meus olhos, amor — sussurro. Ela obedece, os orbes cheios de um sentimento novo, as pupilas dilatadas. — Isso... Agora repete, hum?

— Grayson...

— Repete, Veneza.

Eu sinto sua respiração falhar. Sinto quando seu corpo treme.

— E-eu não te a-amo.

Um sorriso animalesco sobe nos cantos dos meus lábios.

Meu amor...

— Mesmo? — Acaricio seu queixo, e ela estremece. — Então, me prova.

— O quê?

— Prova que não me ama. — Corro o polegar por seus lábios. Cheios, inchados. *Meus*. — Me beija.

Veneza arregala os olhos e se afasta do meu toque com um tapa fraco na minha mão.

— Eu não vou fazer isso, Grayson.

— Por que não? — Encurralo-a contra a mesa, colocando uma das mãos de cada lado do tampo e prendendo-a com meus braços. Ela perde o compasso, consigo visualizar um pulso batendo errático no seu pescoço. — É só um beijo, linda. Se você diz não sentir nada por mim, também não irá significar nada.

— Mesmo assim, é loucura. Não vou te beijar só para inflar seu ego!

— Seu único problema é esse, inflar meu ego? — Rio, abaixando o rosto para mordiscar seu queixo. Um suspiro escapa de seus lábios. — Ou seria porque tem medo de eu perceber que tudo o que você fala não passa de uma mentira? Que é apenas uma orgulhosa do cacete que ainda me ama pra caralho e só não quer admitir, hum? Tem medo de se entregar, de se envolver, de passar dias pensando na minha língua na sua porque sabe que eu vou te estragar para qualquer outro homem, não é? Odeia saber que eu, justo eu, seja o cara que seu corpo, sua alma e seu coração desejam. Odeia que...

Veneza não permite que eu conclua.

Ela põe as mãos no meu pescoço e encaixa sua boca na minha.

Eu fico zonzo, nada preparado, completamente perdido. Suspiro, Veneza também, como dois amantes que não aguentam mais um segundo longe um do outro. Como duas almas que encontraram seu caminho e estão voltando para casa.

Encaixo uma das mãos na sua cintura e outra no seu pescoço, abrindo os lábios e pedindo passagem com a língua. Veneza cede sem pestanejar, me agarrando mais forte e emaranhando os dedos nos fios da

minha nuca quando, depois de 9 anos, minha língua entra em contato com a dela numa dança sincronizada, em sintonia.

Veneza geme, entregue, soltando suspiros a cada vez que nossas línguas deslizam uma na outra. Não estou diferente, não estou *mesmo*. Os anos sem beijá-la tiveram um efeito maior do que eu esperava porque, mesmo sentindo meus lábios doerem, eu não quero parar.

Ela me beija com a mesma intensidade que eu a beijo. Com paixão, com raiva, com saudade, com tristeza. Com tantos sentimentos que meu cérebro é incapaz de processar.

Adentro minha mão nos seus cabelos, firme, do jeito que ela gostava e sei que ainda gosta, e, sem quebrar o contato, sustento seu corpo e a ponho em cima da mesa. Veneza entrelaça suas pernas na minha cintura, não dando qualquer indicativo de que pretende parar, os mamilos duros cutucando meu peitoral através do tecido fino, enviando uma onda de prazer para o meu membro.

Infelizmente, precisamos de ar porque, sem ele, não poderei repetir isso daqui depois. E ainda pretendo beijar muito Veneza antes de morrer.

A vermelhidão em suas bochechas se intensifica, coradas. Seu peito está subindo e descendo rápido demais, os lábios entreabertos. Estou igual. Resfolegante, com os lábios doloridos, a língua dormente, mas não saciada.

Não ligo para as provocações. Eu quero mais dela. Quero tudo o que ela puder me dar agora.

— Por favor, não diga que se arrependeu — imploro contra sua boca, rouco, mordiscando seu lábio inferior. Chupo seu pescoço com força, e ela suspira. — Diz que ainda me quer.

— Droga, Grayson... — geme, louca por mim, enquanto sugo outra parte de sua pele. — Eu quero você, eu quero você, eu quero você.

Sorrio quando volto a olhá-la nos olhos, beijando-a em seguida com ainda mais vontade do que antes. Ela atende à minha demanda, concorda com a fúria da minha língua. Suas mãos varrem pelos meus cabelos, pelo meu peitoral, arranhando a pele do meu pescoço com as unhas.

— Uma verdadeira leoa, meu amor — digo, rouco, desmanchando em prazer com nossos lábios quase colados.

Veneza não responde. Como alguém faminto, ela me agarra com mais ardência e desejo do que as primeiras duas vezes, entrelaçando a língua na minha como uma mestra quando o assunto é *beijar*. Pensar que ela aprendeu isso com outros homens me deixa louco, doente de raiva. Tento descer as mãos para os seus seios, mais para baixo, a fim de mostrar exatamente a quem Veneza pertence, mas ela me para.

Franzo o cenho.

A mulher, ainda ofegante e puxando o ar para conseguir falar, ajusta a alça do top que tinha acidentalmente caído e me empurra, saltando da mesa.

— Eu disse que não seria tão fácil, *amor.* — Dá risada, provavelmente da minha cara de descrença enquanto a observo se afastar. — O que foi? Está bravo? Que ingrato... — Estala a língua no céu da boca. — Deveria me agradecer por eu te dar razão suficiente para bater uma durante dias.

— Argh! Volta aqui, porra! — rosno enfurecido, quando ela começa a se afastar.

— Ah, não vai dar, tenho que botar minhas leituras em dia.

— Você nem lê, caralho!

— Jura? — Dá um sorriso cínico por cima dos ombros. — Comecei agora, então. Até mais tarde!

Joga um beijo no ar e se vira.

— Veneza, cacete, volta aqui! — grito. Ela, de costas, dá tchau para mim, rebolando a bunda para longe. — Veneza! Veneza, droga!

Mas já é tarde demais.

Ela entra no seu quarto e fecha a porta.



Veneza Thronicke

Eu estou tão ferrada.

E *tão* nas nuvens.

Gostaria de dizer que estou arrependida, mas quem, em sã consciência, é capaz de dizer isso quando sua língua está dormente de tão intenso e bom que o beijo foi?

O beijo.

Afundo meu rosto no travesseiro e abafo um grito de frustração, chutando lençóis no processo e fazendo uma verdadeira bagunça na cama.

Não acredito que o beijei! Não acredito que tive a iniciativa. Não acredito que foi tão delicioso, tão bom, tão gostoso... Não acredito na vozinha lá no fundo da minha mente que insiste em afirmar que estou louca para repetir.

Não é mentira.

Estou mesmo *louca* para beijá-lo de novo.

Droga, a forma como ele me tomou em seus braços, sugou minha língua, suspirou... Estremeço violentamente, tocando os lábios com as pontinhas dos dedos e parecendo uma idiota ao reprimir um sorrisinho.

É certo que isso não deveria ter acontecido. Não *mesmo.* Mas Grayson estava me provocando, merda! E eu ainda mordi a isca, pois ele sabe como sou competitiva e que gosto de provar quão errados os outros estão sobre mim.

Eu o beijei para deixar claro que não sentia mais nada por ele e que seria um beijo como todos os outros. No entanto, o tiro saiu pela culatra, porque eu estava louca de desejo e minhas ações demonstraram bem isso.

Maldito seja Grayson Caine!

Depois de um banho gelado para me limpar, vim até o quarto, pus uma série na TV, surtei um monte na cama por algo que não tinha nada a ver com o casal superfofo que estava passando e abri minhas redes sociais para ver se me distraía e parava de pensar naquele idiota.

Não funcionou, é óbvio.

Grunhindo de irritação com a vontade enlouquecida de repetir *aquilo,* saio da cama e vou para a sala, inquieta. Grayson está sentado no sofá, *sem camisa,* outra vez lendo algum artigo sobre a sua área de trabalho. Comprimo os lábios para evitar o sorriso.

Ele sempre foi dedicado em tudo o que fazia. Uma parte minha está profundamente orgulhosa por ele não ter mudado.

Quando me vê, ergue uma sobrancelha, curioso, e eu balanço as mãos, jogando meu corpo no sofá.

— Pode continuar, prometo que não irei atrapalhar.

— Você é uma distração muito bem-vinda, Veneza.

Ah, que ódio! Preciso ser mais resistente a esse homem. Não posso ficar excitada por nada!

— Ainda assim, suas leituras são mais importantes.

— Eu já sei tudo o que está escrito aqui.

— É necessário aprimorar nossos conhecimentos.

— Concordo, e é por isso que acho que deveríamos nos beijar de novo.

Também acho.

Mesmo que eu tenha te deixado na mão.

— É? Por quê? — Viro para ele, travessa.

Grayson inclina o corpo para mim e escova uma mecha do meu cabelo para detrás da orelha.

— Estou precisando melhorar os conhecimentos que tenho sobre beijo, entende?

— Uhum... — Suspiro. — E nenhuma mulher te ensinou nesses anos?

— Eu te falei, Veneza. Não fico com mais ninguém desde aquele dia.

O dia em que foi embora.

Passo o polegar nos seus lábios, relembrando do sabor, minha boca salivando.

— Isso é um convite para eu ser sua professora? — brinco, dedilhando seu pescoço, um arquejo gutural se manifestando na sua garganta.

— Se isso me der passe livre para te beijar todos os horários do dia, com certeza — responde, mergulhando a mão no meu cabelo e me puxando para ele. — Me deixa sem fôlego de novo, amor.

Esfrego as coxas, seu cheiro almiscarado me atingido em altas proporções.

— Em prol do aprendizado?

Meu problema, por agora, não é beijá-lo. Meu problema é deixar que ele me toque, tire minha roupa. Quero deixá-lo queimando de lascívia, levá-lo ao limite, castigá-lo pelo que fez comigo.

— Em prol do aprendizado — confirma.

E, assim, Grayson avança sobre mim e cobre minha boca com a sua.

É ainda melhor do que nosso primeiro beijo.

Enlaço seu pescoço com os braços, fortificando o contato e garantindo que ele não tenha como escapar. Abro a boca para permitir a passagem da sua língua, para permitir que ela se enrosque na minha, deslize, faça o que quiser. Gemo baixinho em meio a um suspiro, e Grayson toma isso como um incentivo para me agarrar pela cintura e puxar para o seu colo. Arranho seu peitoral e tenho o prazer de ouvir seus gemidos sôfregos.

Abro um sorriso entre beijos, pousando as mãos em sua mandíbula, firme, e me remexendo contra seu quadril sem dó, escutando-o gemer, afoito.

— Veneza, se você não pretende fazer nada para resolver esse problema, eu sugiro, gentilmente, que pare... — pede, sem ar.

Dou risada, mas não paro. Pelo contrário, torno sua tortura ainda mais sofrida, diminuindo o ritmo.

— Alguém está precisando de atenção. — Mordo os lábios, inocente.

— Ele está muito, muito carente — concordo.

— Hum... — Deixo um beijo demorado na sua boca, puxando o lábio inferior, e saio de seu colo, puxando meu cabelo para trás e prendendo-o num coque improvisado. — Será que você está merecendo?

Ajoelho-me à sua frente, quase em câmera lenta, afastando suas pernas.

E Grayson geme em antecipação.

— Cacete, amor, sim... Estou merecendo — diz, rouco.

O meio das minhas pernas vibra, mas vai ter que se contentar sem receber um agrado, porque minha prioridade agora é *ele*.

Engancho os dedos no cós da sua bermuda e desço.

Minha boca saliva.

A campainha toca.

Estou pronta para começar meu rito sensual e que vai enlouquecê-lo de vez quando...

Espera aí.

A campainha toca?

Grayson se sobressalta no sofá, me trazendo para a realidade.

Que droga?! Eu nem estou esperando ninguém!

Seja quem estiver do outro lado da porta, farei questão de que sua morte seja bem lenta e dolorosa.

— Estava esperando por alguém? — Ele indaga.

— Não — garanto, até porque, odeio visitas.

Ajudo Grayson a subir sua bermuda novamente e me levanto, fraca. Cambaleante ao se afastar, sua situação nas partes baixas não está nada boa e bem perceptível. Instruo-o a se colocar atrás de mim e abro a porta, pronta para pegar meu machado e mirar bem na cabeça do filho da puta.

Entretanto, Antonella e seu melhor amigo, Caleb, aparecem atrás da porta. Sorridentes e felizes, principalmente a cacheada.

Franzo o cenho.

— Oi, Ve...

— O que estão fazendo aqui? — Nem me dou ao trabalho de esconder a irritação que decora minha pergunta.

É a vez de Antonella unir as sobrancelhas, como se estivesse confusa.

— Nós marcamos de... jantar na sua casa, não lembra? Ontem à tarde. Caleb vai embora amanhã de manhã, e eu perguntei a você se podíamos nos reunir aqui.

Ah.

Ah.

Eu fiquei tão focada em Grayson, em seu beijo, que, ao menos, me lembrei que tinha marcado de encontrá-los no dia anterior.

Que arrependimento.

— Ah. — Sorrio sem graça, olhando para trás e enxergando Grayson com um semblante sem entender. — Desculpa não ter falado nada. — Ponho-me na pontinha dos pés e cochicho no seu ouvido: — Eu tinha esquecido, você me distraiu.

Ele sorri, me deixando meio mole, e aquiesce, entendendo. Tornando a fitar o casal que parece ter saído de um filme da Disney à minha frente, encontro Antonella alternando um olhar malicioso entre nós, a boca franzida em desdém ao perceber que estou na frente de Grayson e claramente escondendo algo.

— Atrapalhamos alguma coisa? — Ela questiona, cínica.

— Pode ter certeza — resmungo baixinho, e dou espaço para eles entrarem.

Grayson me acompanha, como um robô. Eu rio.

O casal passa por nós e vai diretamente para a sala.

— Você não vai dar um jeito nisso? — sussurro, após fechar a porta.

— Cansei de usar minhas mãos — murmura, tristonho.

— Se alivie pensando em como teria sido algo muito bom. É muito difícil de lidar te ver assim por mim e não poder fazer nada. — Junto as mãos atrás do corpo, erguendo o rosto para encará-lo.

Grayson passa os dedos na minha mandíbula até agarrar meu queixo.

— Eu pensei que não fosse adepta a visitas. Poderíamos estar enroscados naquele sofá bem gostoso agora.

Gemo de frustração.

— Eu sei! Mas é que Antonella é alguém que eu considero muito... Não queria fazer uma desfeita.

Ele abre um sorriso pequeno, sincero e lindo, acariciando meu queixo.

— Eu te admiro muito, sabia? — confessa baixinho.

— Por quê?

— Seu coração, sua força... Não sei, simplesmente te admiro e te acho a mulher mais foda do mundo.

Um nó se instala em minha garganta.

— Mesmo eu tendo me tornado alguém chata, arrogante, soberba e...

— Shhh... — Grayson pousa um dedo sobre meus lábios, me calando. — Para com isso, para de se autossabotar tentando parecer a vilã da história.

Dou uma mordidinha no seu dedo, e ele ri, afastando-o. Com um suspiro, sem saber o que dizer com exatidão, apenas balanço a cabeça.

Saber que ele continua sendo um dos poucos que enxergam algo bom em mim, algo real, quando nem eu mesma enxergo, é... Não sei explicar. Só consigo pensar em como ele é ingênuo em acreditar que sou mais do que essa casca de podridão. Alguém vazia, que não tem nada a oferecer.

— Vá dar um jeito nesse seu probleminha e pôr uma camisa — peço, mando, não tenho certeza.

Grayson arqueia as duas sobrancelhas, sugestivo.

— Pôr uma camisa? Pra quê? Estou bem assim.

— *Grayson*.

— Meu nome, vampirinha.

— Vá vestir uma camisa.

— Hum...

— *Agora.* — É uma ordem. — Não irei falar duas vezes.

Ele morde os lábios e me pega pela cintura.

— Isso é ciúmes?

— Não — minto, furiosa. — Só acho indelicado você estar quase nu.

— Não estou quase nu — rebate.

— Foda-se! — Bato no seu peito.

Grayson gargalha e assalta minha boca em um beijo prolongado. O mundo silencia, mas consigo escutar ruídos surpresos mais adiante, no cômodo ao lado.

— Por mais que eu ame, não precisa ficar desse jeito. — E me dá outro selinho. — Eu sou seu, completamente seu.

Derreto em seus braços, adorando essa informação — embora, lá no fundo, já soubesse.

— Eu não vou repetir, Grayson. — Mantenho a voz consistente, deixando bem claro que não estou brincando.

Ele ri alto e deposita um beijo casto na minha testa, se desvencilhando.

— Fale ao seus amigos que irei me juntar a eles daqui a pouco.

— O que vamos jantar? — indago, antes que ele saia.

— Não sei... Podemos pedir pizza?

— Topo! Seu sabor favorito ainda é calabresa?

— Você me conhece tão bem. — Beija-me novamente, como se passar um segundo longe fosse algo impossível. — Já volto, amor.

— Tá bom — sussurro, e, quando viro, Antonella está me encarando.

O sorriso que abre é idêntico ao do Gato de Cheshire, de *Alice no País das Maravilhas*.

— Calada! — Aponto um dedo para ela ao sentar no sofá. — Oi, Caleb! Antonella fala muito sobre você — cumprimento o garoto de cabelos ondulados e presos no meio da cabeça.

— Espero que só coisas boas. — Ele passa o braço ao redor dos seus ombros, puxando-a para o seu peito.

— Uhum, principalmente sobre suas habilidades naquele dep... — Sou atingida por uma almofada bem no meu rosto. Gargalho. — Brincadeira...! Ou não.

— Ela é doida, Caleb! Não liga para o que ela está dizendo. — Antonella afirma, vermelha de vergonha.

Caleb sorri, e sua beleza é inquestionável, mas é impossível não ser atraída para o cara de 1.97m de altura, asiático e com o sorriso mais lindo do mundo que aparece no corredor.

— Você veio rápido — observo, erguendo a cabeça para receber o beijo que ele me dá nos lábios.

Ele está com uma camiseta larga, que cobre o carente lá embaixo.

— Achei melhor optar pelo mais fácil. — Dá de ombros, cumprimentando Antonella e Caleb, e senta ao meu lado, embalando meu corpo. *Não posso me acostumar com isso.* — Já pediu a pizza?

— Nem deu tempo! — reclamo, estendendo a mão para ele. — Meu celular está carregando, posso usar o seu?

Ele não demora nem dois segundos para sacar o aparelho do bolso e me entregar. Meio surpresa, pois os caras com os quais tinha apenas um sexo casual quase enfartavam quando eu pedia seus celulares apenas para fazer uma ligação, recebo e... minha garganta trava.

A foto de papel de parede que me recebe como um murro no meu coração sou eu, de costas, jogando em alguma partida. Meu rosto não está aparecendo, mas fica óbvio quando a parte de trás da minha camisa está bem explícita, exibindo meu sobrenome.

Engolindo em seco e muito afetada, entro nas redes sociais de uma pizzaria aqui perto e olho o cardápio.

— O que vão querer? — questiono, mostrando para Antonella e seu... hum... amigo colorido.

— Muçarela. — Antonella responde. — E você, Caleb?

— Droga, todas parecem ser tão gostosas...

— Escolhe uma logo! — Cutuca-o. — Qual quer comer?

Caleb sorri, se verga na direção do ouvido da amiga e sussurra algo ali. A garota fica vermelha igual a um pimentão e uma faísca maliciosa cruza seus olhos.

— Estou falando sério, idiota! — Antonella revira os olhos. — Você gosta de quatro queijos?

— Gosto.

— Então, vai ser esse.

Decidido, inconscientemente deito no peito de Grayson enquanto faço o pedido, e ele acaricia meu cabelo, daquele jeito maravilhoso que só ele sabe fazer.

— Doutor Caine. — Antonella chama, quebrando o silêncio.

— Pode me chamar de Grayson, Antonella. Não estamos em ambiente profissional — alega, correndo os dedos de um lado para o outro da minha testa, causando sono. A cacheada assente. — Pode falar.

Pelo jeito que a ruiva me olha, sei que irá falar alguma coisa a meu respeito. Fuzilo-a com os olhos antes mesmo de saber do que se trata.

— Veneza me contou que não estava rolando nada entre vocês.

Pela posição, consigo dar um chute certeiro em sua canela. Antonella gargalha, e seu amigo a acompanha, porém, algo me diz que o sorriso de ponta a ponta que ele dá não tem nada a ver comigo ou com o chute que dei nela.

— Veneza tem esses surtos de vez em quando. — Grayson entra na onda. — Porque, o que fizemos mais cedo...

— Grayson! — Tapo sua boca. — Por Deus, fica calado.

Gargalhadas distintas de três pessoas ecoam na sala, mas só consigo prestar atenção em apenas uma.

— Eu até diria que vocês formam o casal mais lindo do mundo, só que... — Caleb abraça a cintura de Antonella e pousa o queixo no seu ombro. — Nós existimos.

— Até onde eu sei, nós somos melhores amigos.

— Nem você acredita nisso, Merida.

— Ninguém acredita. — Eu reforço. — Amigos não fazem o que vocês provavelmente fazem.

— Ah, pronto! Quando que isso virou um debate sobre nossa vida sexual? — Antonella reclama.

Eu rio.

— Desculpa, não era nossa intenção. — Inclino-me para frente a fim de pegar o controle na mesinha. — Querem assistir a alguma coisa enquanto a pizza não chega?

— Com certeza! Algum filme de terror, por favor. — Antonella pede, e eu, na mesma hora, anuo, já escolhendo qual irei pôr, quando os dois marmanjos ao nosso lado reclamam.

— Ah, não! Terror não. — Grayson diz. — Coloca uma comédia romântica.

— Concordo! — Caleb levanta a mão.

Eu e Antonella rolamos os olhos.

— Nada disso, terror é mil vezes melhor.

— Isso aí! — concordo.

— Não, não, não! Sem terror por aqui. — Caleb insiste.

— Filme de romance é chato! — Sua amiga retruca.

— Amor, bota aquele que a menina se apaixona pelo bad boy da escola e morre no final... — Grayson pede baixinho, manhoso, os olhos iguais aos de um cachorro pidão.

Ah, droga. Ele não pode fazer essas coisas.

— Grayson...

— Você sabe que eu não gosto de filme de terror — murmura. — Por favor?

É verdade. Grayson sempre odiou o gênero terror e isso nunca teve nada a ver apenas com uma preferência. Aos 5 anos, seu primo mais velho o prendeu dentro de um quarto enquanto um filme muito pesado passava na TV. Desde então, ele foge desse gênero como o diabo foge da cruz.

— Tudo bem. Topa um de comédia?

— Topo. — Ele abre um sorrisão e me beija, segurando meu queixo. — As Branquelas?

— Com certeza — sussurro contra seus lábios.

Dessa vez, sou eu quem o beijo.

Enquanto Antonella discute com Caleb.

Enquanto alguma propaganda idiota passa na televisão.

Enquanto carros e motos fazem uma verdadeira barulheira lá fora.

Nada disso importa.

Porque aqui, neste momento, estou mergulhada num mundo em que Grayson e eu costumávamos chamar de *nós.*



Veneza Thronicke

No fim, a briga que antes era sobre “Filme de Terror vs Filme de Romance” se tornou uma briga entre “*As Branquelas* vs *Free Guy*”. Mas é óbvio que um dos maiores filmes de comédia já visto ganhou, do jeitinho que Grayson e eu queríamos.

Não posso deixar de lembrar de como adorávamos passar a madrugada assistindo ao besteirol enquanto nos beijávamos e fazíamos declarações.

O cenário agora é quase parecido.

Com exceção das... declarações.

Nossa Merida e seu “melhor amigo” — com várias aspas — não parecem estar prestando muita atenção no que está sendo exibido na TV. O filme está no seu minuto 40, e já perdi as contas de quantas vezes Caleb se inclinou para a ruiva, sussurrou algo em seu ouvido, e ela ficou toda animadinha — e vermelha também.

Grayson provavelmente não está fazendo isso comigo pelo único fato de que seu filme favorito está rolando, mas confesso que estou sentindo falta de uma sacanagem sendo dita no meu ouvido, mesmo que não possamos fazer nada a respeito.

— Quer ficar com o último pedaço? — Grayson sussurra para mim pela primeira vez desde que recebemos a pizza e demos play na TV. —

Antonella e o namorado dela já estão cheios.

— *Melhor amigo* dela.

— Há uma linha tênue entre o amor e a amizade. Do mesmo jeito que há uma muito mais tênue entre o ódio que você tem por mim e a vontade de transar comigo. — Grayson beija minha têmpora, como se tivesse dito que bebês são fofos, e não essa baixaria. — E então, vai querer?

— Transar contigo?

Ele ri.

— *Isso*, eu sei que você quer. Estou falando da pizza.

— Podemos dividir — dou uma sugestão, pois sei que ele é louco por esse pedaço de massa assim como eu. — Pega.

Parto ao meio e entrego a ele.

— Perfeita. — Grayson estala um beijo nos meus lábios e começa a comer.

Você não pode se acostumar com isso, meu subconsciente continua alertando.

É passageiro e, talvez, amanhã já estejamos agindo como dois estranhos. Não posso me agarrar a esse momento como se ele fosse duradouro, constante.

Não posso me iludir assim.

Quando o filme acaba e os créditos começam a passar na tela, eu finjo que não estava acontecendo *nada* entre os amiguinhos ao meu lado quando Caleb retira as mãos de debaixo do cobertor que Antonella pediu a nós, alegando estar “com frio”. Suas bochechas estão ruborizadas, e até mesmo Grayson, que estava focado no longa-metragem, percebe.

— Deveríamos ter pegado um cobertor pra gente também. — Ele diz, chateado.

— Deveríamos, mas você estava assistindo ao filme como se não fosse a trigésima vez que o visse.

— Prometo te recompensar mais tarde. — Ele beija minha bochecha e levanta, levando a caixa de pizza, os copos e uma garrafa de refrigerante para a cozinha.

Minhas pernas, ao que parece, têm vida própria e automaticamente se colocam uma sobre a outra.

— Bom. — Antonella salta do sofá, limpando a garganta. — E-eu... hum... *Nós* vamos embora — avisa. — Adorei nosso cineminha. Com certeza, quero fazer mais vezes.

— Mas já? — instigo. — O que aconteceu?

— Nada? — Ela dá um sorriso amarelo. — Absolutamente nada, é só que...

— Iremos aproveitar nossas últimas horas juntos. — Caleb corta. — De que jeito? É sigilo.

Sorrio.

— Ok, então, seus coelhos! — acuso. — Usem proteção, Antonella é uma jogadora muito importante para nós e não pode pausar agora.

— Veneza! — A garota me repreende, morrendo de vergonha. — Nossa, vai se foder...

Ela vira e se encaminha para a porta, abrindo-a de supetão e empurrando Caleb para fora.

— Vamos embora. Tchau, Grayson!

— Tchau! — Ele grita lá da cozinha, aparecendo com as mãos cheias de espuma. — Boa viagem, Caleb! Se protejam!

— Meu Deus, eu odeio vocês! — Antonella dá um grito e, em questão de milissegundos, some, fechando a porta em um estrondo.

Uma gargalhada alta foge dos meus lábios.

— Você não presta! — Eu digo.

— Nem vem, você disse coisa pior.

Dou de ombros e fico de pé, rumando para onde ele está. Atirada, toco sua cintura com as mãos e roço meus seios em suas costas. Grayson arqueja.

— Perto de terminar?

— Uhum. — Esfrega a esponja nos copos de vidro para enxaguar logo em seguida. *Não é possível que alguém seja sexy até fazendo as tarefas de casa!* — Por quê?

— Hum... — Continuo esfregando meus mamilos duros nele, como quem não quer nada. — Nada, não.

— Amor... — geme. — Isso não vale, estou ocupado.

Como uma criancinha travessa, dou alguns passos para trás e sento sobre o balcão.

— Tudo bem, eu espero. — Toco meus mamilos enrijecidos por cima do tecido. Ele engasga ao perceber o que estou fazendo. — Só não demora, por favor.



Lindsay me ligou bem no momento em que Grayson iria pedir para se afundar entre minhas pernas e eu iria usar todo o meu autocontrole para negar. Desde então, minha rotina tem sido treinos, treinos, treinos e treinos. Mal tenho tempo para descansar, e, quando o faço, durmo feito um bebê na mesma hora e acordo só no outro dia.

Ou seja, zero preliminares. Zero sexo. Zero qualquer tipo de envolvimento sexual com o pecado em pessoa que mora comigo.

E o motivo de toda essa agitação? Iremos disputar hoje uma vaga na semifinal.

Adoraria comemorar todas as nossas conquistas com um bom sexo ininterrupto, mas, além do fato de que não irei ceder tão fácil, eu tenho dado meu sangue nesses últimos jogos, toda a minha energia. Eu chego em casa e, sem pensar em qualquer outra coisa, desabo diretamente na cama.

Semana passada, quando meu cérebro estava pertinho de desligar e eu estava meio morta-viva, esparramada no colchão parecendo uma ameba, vi Grayson, entrando com o máximo de cuidado no quarto para não me acordar, vindo retirar meus tênis e ajeitando meu corpo na cama, cobrindo-me com o lençol. Fingi estar dormindo de verdade só para aproveitar mais o seu lado romântico e fiquei extremamente feliz por ter conseguido sentir o beijo que ele deu na minha testa antes de sair.

Tenho a sensação de que, mais cedo ou mais tarde, irei me arrepender disso, da dinâmica de casal que estamos levando, como se nossa relação fosse um mar de rosas. Contudo, por enquanto, eu ignoro todos esses sinais vermelhos que minha mente dá e continuo teimando contra mim mesma.

— Preciso conversar com você. — Lindsay fala ao meu lado, enquanto nos preparamos para o começo do jogo.

Estados Unidos x França.

A maldita conseguiu chegar às finais.

— Pode falar. — Paro de fazer os agachamentos e bebo um gole d'água.

— Nas redes sociais..., voltaram a comentar em massa sobre você e o doutor Caine. Até *hashtag* criaram. — Ela vira o celular aberto no

Twitter, mostrando que *#Grayneza* está nos Trending Topics.

É, pois é. Nós não somos muito bons em manter as mãos longe um do outro.

Nunca nos beijamos em público ou coisa do tipo, mas devem ter notado o jeito como Grayson se aproxima de mim, toca a minha cintura, sorri... Fizeram um edit há poucos dias que viralizou no *Tiktok*, e, se eu dissesse que não fiquei sorrindo que nem boba e dando replay diversas vezes no vídeo, estaria mentindo.

— É, eu vi — murmuro.

— O que está rolando *realmente* entre vocês?

— Além de uns beijos aqui, outros acolá..., nada — resolvo ser sincera sobre a parte que estamos *mesmo* nos “envolvendo” ou seja lá o que isso quer dizer.

— Vocês parecem se gostar muito, deveriam aproveitar e pensar melhor sobre aquela proposta de nam...

— Não irei fingir que namoro o Grayson, Lindsay. Não vou usá-lo para limpar a minha imagem. Não há fingimentos entre nós e não quero expô-lo dessa forma, usá-lo para *me* promover — justifico, sendo ríspida e deixando claro que não irei voltar atrás na minha decisão.

— Você é difícil. — Ela revira os olhos e fita o relógio no pulso. — 15 minutos para começar. Se quiser fazer algo, é melhor fazer agora.

Meus pensamentos voam para Grayson, e a vontade que eu tenho é de tacar minha cabeça na parede por estar agindo feito uma adolescente cheia de hormônios. Fala sério! Eu já sou adulta, não posso ficar toda elétrica e quente só por pensar em alguém.

— Certo, volto daqui a pouco. — Deixo a garrafa de água em cima de uma cadeira de plástico e vou correndo para o único lugar que me interessa.

Antes, claro, paro em frente a um enorme espelho que tem no corredor e me observo, dando uma voltinha e me admirando com essas roupas.

Gostosa pra caralho.

Preto, definitivamente, é a minha cor.

Ando a passos mais apressados e paro diante da porta, que já está um pouco entreaberta. Grayson não tem pacientes para hoje, pois não ocorreu nenhum caso de lesão grave com as garotas durante as partidas, então...

Eu paro com a mão na maçaneta da porta, vislumbrando um cabelo loiro preso num rabo de cavalo mal feito.

O que Cassie está fazendo aqui, porra?

Minha veias dilatam pela fúria descomunal que corre por elas ao visualizar a garota próxima demais dele, tocando seus braços e mexendo nas mangas do seu jaleco, arrastando suas unhas por elas. Grayson não está reagindo às investidas. Com os braços cruzados e o semblante desinteressado, ele apenas responde às suas perguntas e se afasta com discrição quando Cassie ultrapassa algum limite.

Estou quente, mas, dessa vez, não tem nada a ver com tesão.

É fúria, ira, cólera, irritação, raiva, ódio, todos esses sinônimos misturados e ameaçando explodir uma única pessoa.

Bato à porta com força propositalmente, sobressaltando Cassie e arrancando um sorriso ardiloso de Grayson, que continua onde está. O filho da puta não altera um músculo sequer, mesmo sabendo que eu vi essa palhaçada.

— Lindsay está te chamando, Cassie — minto, me aproximando de onde estão. — O jogo já vai começar.

— O que ela quer? — resmunga, mordendo o lábio inferior ao olhar para Grayson. — Estou ocupada.

Deus, eu vou surtar. Vou surtar e não vai ser nada bonito.

Fecho as mãos em punhos, cravando as unhas na carne das minhas palmas. Movida pelo sentimentalismo, e não pela razão, me dirijo para o lado de Grayson e contorno sua cintura com meus braços. Ele se assusta, é perceptível, porém, não leva nem três segundos para envolver meu corpo com seus músculos e beijar o topo da minha cabeça.

Bom garoto.

As feições escandalizadas de Cassie acendem uma felicidade doentia dentro de mim.

— Você não viu as notícias, Cassie? — pergunto, desenhando círculos invisíveis no abdômen de Grayson por cima do jaleco.

— E-então, elas são verdadeiras? — Ela fica vermelha.

— Uhum, *muito* verdadeiras. — Mordisco o lóbulo de Grayson, e ele suspira, se segurando. — Mas diga um “a” sobre isso a alguém e você sabe exatamente o que irei fazer.

Cassie força para baixo o bolo de preocupação e vexame que se aloja na sua garganta. Murmurando um pedido de desculpas, ela sai em disparada, nos deixando a sós.

Vadia do caralho.

Desprendo-me de Grayson no mesmo instante.

— Então, amor... Sobre quais notícias *verdadeiras* você estava falando?

— Nenhuma, Grayson. — Bufo. — O que ela estava fazendo aqui?

— Por quê? Ciúmes?

— Só responde a porra da pergunta! — esbravejo, tremendo de raiva.

Grayson não é afetado pelo meu ataque. Pelo contrário, seu sorriso aumenta e o brilho de diversão no seu olhar se intensifica.

— Ela veio porque... — Diminui a distância entre nós, tocando meu braço com a ponta dos dedos. — Segundo ela, não estava mais aguentando guardar a atração que sente por mim, que precisava me confessar. Ela me chamou para jantar, prometeu uma noite maravilhosa na casa dela e disse que inicia todos os jogos excitada por mim.

De repente, o ódio se mescla às milhares de coisas que posso fazer com Grayson por ele ter tido a audácia de confessar isso.

Em questão de um respiro, o jogo vira e sou eu quem está encurralando-o, prensando Grayson contra a parede e adorando sentir seu membro cutucar meu baixo-ventre.

— Você contou a ela que eu te tenho na palma da minha mão, amor? — sussurro, próximo aos seus lábios e indo de encontro à sua orelha. — Que você é meu e que nenhuma outra mulher é capaz de mexer com você como eu mexo?

— Veneza... — Suspira quando desço minhas mãos para o seu cinto conforme exploro seu pescoço com a língua.

— Que eu sou a única na sua mente e no seu coração? — Acaricio-o por cima da calça, apreciando seu rosto nublado de deleite. — Que, por baixo dessas roupas médicas, é uma camisa *minha* que está usando?

— Cacete, Veneza, você é uma diaba... — Solta um gemido sôfrego quando desço seu zíper.

— E você adora, não é? Adora que eu te enlouqueça, que te faça cometer as maiores burrices só para me ter de volta. — Sorrio. — Eu não

quero saber de outra mulher te tocando, Grayson. Odeio dividir o que é meu.

Ele pragueja um palavrão quando começo a me abaixar, ficando de joelhos diante dele.

O desejo de tocá-lo é tão devastador que eu me calo e me empenho em arrancar sua calça. Temos pouco tempo, e 5 minutos já foram só por causa dela.

Agarro seu membro com a mão. Grayson revira os olhos, gemendo.

— Fica quietinho, amor. Você não quer que descubram o que estamos fazendo, quer?

— Essa ideia seria tão horrível.

Rio.

— Ótimo, porque não estou a fim de pegar leve com você.

Sem prepará-lo, engulo-o por completo.

— Cacete, Veneza...

Bombeio para cima e para baixo, lambendo toda a sua extensão e me deliciando com os sons que saem da sua boca, os esforços que Grayson comete para não fazer barulho.

Aumento o ritmo, levando-o à loucura, e o homem se desfaz na minha boca pouco depois, estremecendo.

Eu esboço um sorriso perverso.

— Você costumava durar mais tempo, Grayson — provoco, e ele ri sem jeito, ajeitando o membro dentro da calça.

— Ser celibatário não é fácil.

— Se arrepende?

— Nem por um segundo.

Mais do que satisfeita com a resposta, assinto e dou-lhe um beijo rápido, logo olhando para o relógio.

— Tenho que ir. — Espremo os lábios numa linha fina. — Vai assistir?

— Sempre, meu amor. — Passa por mim e beija minha testa, afastando só um pouquinho do jaleco para que eu possa ver o que está além dele. Um ínfimo sorriso molda minha boca. — Já estou pronto.

Eu odeio te amar tanto...

— Certo, hum... Então, é. Já vou — Fico sem jeito por motivos que desconheço. — Até lá.

— Até, vampirinha.

Saio do consultório e, faltando apenas 5 minutos para iniciar, dou sinal para Lindsay avisando que estou indo e passo no vestiário. Não posso iniciar um jogo sentindo o gosto arrebatador de Grayson na língua.

Distraí-me, e distração é a última coisa de que preciso agora.



Veneza Thronicke

— Estamos na final, porra! — Lindsay chega gritando no vestiário, seguida por um coro de gritos estridentes das garotas.

Eu apenas sorrio, reclusa e no meu canto, sem participar da comemoração. Quero dizer, por dentro, eu estou exultante de alegria, só tenho mais dificuldade em expor isso do que o resto das pessoas. Ninguém estranha. Pelo meu histórico de quietude numa semifinal *e* final, elas sabem que eu não costumo me juntar a elas no estardalhaço.

Ainda assim, eu admiro a felicidade de todas quase como uma mãe orgulhosa. Eu brigo, odeio grande parte da equipe e quero matar algumas antes, durante e depois dos jogos, mas sei como e o quanto cada uma se esforçou para chegarmos onde chegamos e ainda iremos chegar.

Excluindo as garotas do Bruins e Cassie da lista. Não estou falando delas.

Desprendo meu cabelo do elástico e pego meus produtos para lavá-lo dentro do armário. Estou ensopada e grudenta, só quero me enfiar debaixo de um chuveiro e relaxar.

— Comemoração hoje às 22h no Bouche Rouge! — Antonella berra, chamando nossa atenção. — Quero todas lá!

Bouche Rouge é uma balada localizada na área mais movimentada de Paris. Segundo Lindsay, ela foi fechada para que apenas os membros

da comitiva da seleção — jogadoras, técnicos, presidente, vice ou quaisquer profissionais que, de alguma forma, nos ajudam constantemente a realizarmos boas partidas — pudessem entrar. Tenho certeza de que gastaram um bom dinheiro para fazer isso possível.

— E eu vou te buscar na sua casa se você não aparecer, Veneza. — Antonella aponta o dedo para mim em ameaça.

Uma curva debochada pinta meus lábios.

— Você sabe que eu não perco uma comemoração por nada, Merida.

— É claro que não. — Cassie se intromete. — Você acha mesmo que Veneza perderia uma chance de se embebedar e fazer uma limpa nos caras que estarão lá?

Bom, ela não está errada.

— Só terão caras da comitiva, Cassie. — Emy diz. — E, de qualquer forma, ela aparentemente está com o nosso fisioterapeuta.

Não deixo de notar o nojo na sua fala ao citar Grayson. Ergo uma sobrancelha, mas me mantenho calada. Não estou com energia para discutir.

— Ah, é claro. — Cassie ri. — Como se ela não tivesse traído aquele tal de Marcus com um empresário casado.

Aperto as pálpebras.

Puta merda, será que nunca irão parar de falar sobre isso?

Minha língua está cansada de explicar que eu nunca tive qualquer envolvimento sério com Marcus e que, mesmo assim, não fiquei com o empresário casado na mesma época e nem fazia ideia de que o cara era comprometido, muito menos que a esposa dele estava esperando um filho. Podem não acreditar, mas não é da minha índole fazer esse tipo de coisa.

— Ela teve um filho recentemente, imagina o desgosto? — Celeste cochicha para a loira.

Não sabia que Cassie tinha virado amiga de uma das nossas, até um tempo desses, rivais. Sobre o que elas devem conversar? Não tenho curiosidade alguma para descobrir, mas dou um palpite de que meu nome deve rodar muito pela duplinha.

— Já chega de falar da vida de Veneza. — Lindsay dá um basta. — O assunto aqui é a nossa vitória e sobre como devemos nos preparar para a final na próxima semana. A Coréia do Sul não é um time fácil e teremos que batalhar muito se quisermos levar o ouro para casa. É bom lembrar que teremos *somente* essa folga de hoje, então aproveitem.

Todas nós murmuramos um “entendido” e seguimos nossos rumos — o que significa que nos enfiamos debaixo d'água até a pele dos dedos ficar enrugada. Quando termino, seco meu cabelo e visto um conjuntinho de blusa e short, dando um breve aceno para Antonella ao ir embora.

Encontro Grayson me esperando no estacionamento. Ao darmos uma trégua, a primeira coisa que ele fez foi se oferecer para virmos e irmos juntos. Eu, sabendo que não poderia deixar o orgulho falar mais alto que o cansaço, aceitei.

O homem abre um sorriso de ponta a ponta ao me ver, desencostando do carro alugado. Acelero o passo e envolvo seu pescoço com os braços, alcançando seus lábios que senti falta o dia inteiro. Grayson retribui na mesma hora, descendo as mãos pelas minhas costas enquanto me devora com línguas e dentes. Dou um gritinho de susto quando ele acerta um tapa forte na minha bunda para, logo em seguida, apertar, preenchendo as duas mãos.

Isso me lembra do nosso primeiro beijo. O cenário, o contexto...

Era dia 22 de junho de 2013, quase 1 hora depois do meu primeiro jogo oficial. Até então, Grayson e eu éramos apenas amigos que flertavam

de vez em quando, mas que, com certeza, sentiam algo mais. Lembro que estava superfeliz e que pulei em seus braços quando o vi recostado no carro do pai, sorrindo de orgulho. A euforia era tanta que parecia quase um erro nossas bocas estarem tão longe e, ao mesmo tempo, tão perto.

Eu vi estrelas 10 segundos depois que nos demos conta da nossa proximidade. Grayson, se mostrando desesperado, encaixou a mão no meu rosto e me beijou, sedento. Não era meu primeiro beijo, mas era o primeiro com alguém por quem eu sentia *tanto.* Foi especial, perfeito. E só melhorou quando o garoto de 18 anos desceu aquelas mãos para a minha bunda e deu um aperto fraco, só para saber se eu aprovava.

Eu aprovei, é claro, e os beijos posteriores se transformaram em um verdadeiro show de obscenidades.

— Você foi incrível — diz, ao se afastar, a boca inchada.

— Estamos na final — sussurro, sem acreditar. — Cacete, estamos mesmo na final! — Dou um grito nervoso, tampando a boca com as mãos.

Grayson gargalha, tirando-as de onde estão e as colocando na sua cintura. Seus dedos deslizam por minha bochecha em um carinho superbem-vindo.

— Vocês estão, meu amor. Nunca duvidei, na verdade. Vocês trabalharam duro, o resultado era óbvio. — Beija o topo da minha cabeça. — Sabe no que eu estava pensando?

— Hum?

— Que precisamos nos beijar nesse mesmo lugar na próxima semana, quando vocês vencerem, para recriarmos o nosso primeiro beijo.

Suspiro, abobalhada.

— Você lembrou?

— Como eu iria esquecer do evento que me deixou com um sorriso insistente nos lábios por dias inteiros?

Meu coração dói. Eu sinto tanta falta dessa época, tanta falta do que éramos. Queria poder voltar no tempo, queria poder recuperar o que foi perdido.

Em lapsos de momentos, me dou conta do quanto estou me machucando ao me permitir experimentar desses instantes ao lado de Grayson outra vez. Porque sei que é passageiro, que temos um prazo de validade. Talvez, quando voltarmos para os Estados Unidos, tudo volte ao "normal". Não precisarei mais das sessões de fisioterapia, e não moraremos mais juntos. A realidade vai nos atingir e..., eu irei retornar para a velha e solitária Veneza.

— Evento, é? — Disfarço minha inquietude com uma indagação recheada de desdém.

— Uhum. — Ele planta um beijo na minha clavícula. — Todos os dias, para mim, se tornaram um evento.

— Jura? Por quê?

— Porque estava com você. E sua presença é digna de ser comemorada. Estar com você é o evento mais especial que já participei.

Meu coração quer explodir dentro do peito e, talvez, se fosse possível esse órgão se desfazer em milhões de pedacinhos por não suportar tantas emoções, o meu estaria em frangalhos.

— Onde aprendeu a ser tão galanteador?

Grayson ri.

— Vamos dizer que te usei como minha cobaia.

— Idiota! — Gargalho, batendo em seu peito e me distanciando para indicar que devemos ir embora. — Vamos, já passamos tempo demais aqui e, a qualquer momento, alguém pode aparecer.



Respiro fundo.

A cor preta contrasta com a minha pele e dá um brilho sublime às minhas curvas. Um decote V indecente transforma a região dos meus seios em algo delicioso. A saia cai no chão em dobras graciosas e teria sido quase recatada se não fosse pela ousada fenda de um dos lados. O vestido brilha com uma luminescência sutil toda vez que eu me movo, delicadas alças correndo por minhas costas nuas.

Dizem que sou narcisista, mas, sinceramente, como não ser? Reconheço que sou bela de todos os ângulos, não há motivos para ser modesta nesse quesito.

Dou uma voltinha, analisando meus cabelos caindo em ondulações naturais até minha cintura; a maquiagem leve, embora o batom vermelho seja chamativo; os saltos lustrosos, que me deixam elegantemente mais alta.

Ouço batidinhas à porta e permito que entre. Enquanto ponho meus brincos, vejo, através do espelho, Grayson parado sob o batente com a mão na maçaneta, viajando as íris pelo meu corpo. Eu tento não esboçar qualquer reação além de um sorriso travesso, mas meus joelhos fraquejam ao dar uma relanceada no seu traje.

A malha preta de gola alta, colada e de mangas longas me retira do ar por alguns segundos. A calça de mesma cor modela suas coxas e a bunda durinha pela qual eu era obcecada — e ainda sou —, evidenciando, mais do que a decência permite, esse departamento bem… generoso. Coturnos escuros completam o visual que provoca um pane maldito no meu sistema.

— A boca, Veneza. — Sua voz me traz de volta à órbita.

— O quê? — Clareio a garganta e bato os cílios, parando de secá-lo igual a uma tarada.

— Está babando — repete a minha frase de uns dias atrás, sorrindo em vingança.

— Desgraçado. — Reviro os olhos, terminando de pôr meus brincos e pegando meu colar no porta-joias, caminhando na sua direção.

Vendo-me de frente, aquele brilho de luxúria nos seus olhos se intensifica, um cintilar predatório. Um fogo se acende no meu estômago.

— Pode colocar? — Entrego o colar de diamantes a ele e, antes que eu receba uma resposta, me viro de costas e afasto os fios castanhos para o lado, ostentando minha pele nua.

Seu perfume delicioso e masculino inunda meus pulmões. Sua respiração pesada batendo contra minha nuca envia arrepios à minha espinha. A tensão pesa na atmosfera ao nosso redor.

Perco o ar quando seus dedos roçam no fio do colar, agora desgastado, que me deu. Nunca mais falamos sobre isso, sobre ainda cumprirmos diariamente nossa promessa. Eu o vejo constantemente sem camisa, o que quer dizer que também vejo o pingente fosco, desbotado. Meu coração sempre se agita no peito como uma criança no pula-pula.

— Não vai tirar? — Ele pergunta, baixo.

— Nós fizemos um juramento, não? — devolvo com dificuldade.

Grayson aquiesce, mas não diz nada. Sinto o colar de diamantes ser passado em volta do meu pescoço. Meus mamilos endurecem quando sua mão força minha cabeça para o lado e seus lábios acham caminho por meu pescoço, desde o ponto sensível abaixo da minha orelha até meu ombro.

— Merda... — Suspiro, sua língua quente incendiando minha pele.

— Poderíamos ficar aqui... — A mão grande e que exala tesão envolve meu pescoço. — Gastando as energias um em cima do outro. O que acha?

Murmuro algo ininteligível, os olhos fechados, queimando. Ao abri-los novamente, olho para o espelho. Nunca havia me dado conta de que formamos um casal do caralho até agora.

A visão faz o meio das minhas pernas protestar.

— Sua mão no meu pescoço sempre foi meu acessório favorito.

— E as marcas das suas unhas nas minhas costas depois de passarmos a madrugada em claro, o meu. — Ele trilha um caminho tortuoso com sua mão livre por minha coxa.

— Eu prometi que iria, é uma comemoração importante. — Apesar da voz firme, estou totalmente desmontada. — Teremos que deixar para outra hora.

Grayson expira com força, descontente, e, com um único movimento certeiro, ele me gira até que eu esteja com os seios colados em seu peitoral.

— Vai me deixar passando vontade? Sério?

— Eu *adoro* te ver passando vontade — confesso, dando um selinho provocativo em seus lábios e me afastando, antes que ele possa aprofundar. — Já está pronto?

— Hum — resmunga de má vontade, e eu dou risada.

— Vamos lá, Grayson. Não aja como uma criança birrenta.

Saio do quarto, e ele vem atrás de mim, batendo o pé.

— Te dou 2 horas para aproveitar naquele lugar.

— Claro que não! 2 horas não são nada!

— E quanto tempo você quer passar lá, Veneza? A madrugada toda?

— Talvez. — Dou de ombros.

— Fazendo *o que,* porra?

Estalo a língua no céu da boca, adorando vê-lo irritadinho.

— Bebendo, beijando algumas bocas...

— Você nem *ouse.*

Gargalho.

— Por que não? Até onde eu sei, sou uma mulher solteira.

— *Veneza* — repete em tom de aviso.

Mordo os lábios, quebrando a distância que nos separa.

— Grayson, Grayson... — Toco seu peitoral. — Se você agir como um homem das cavernas a cada vez que um cara se aproximar de mim, eu te mato.

— É só não deixar que nenhum deles se aproximem, meu amor.

— Grayson...

— Veneza...

— Porra, eu te odeio! — Dou um tapa forte no seu ombro, empurrando-o.

— E você é *minha,* caralho. Não quero saber de outro homem te tocando, entendeu?

— Vai se foder. — Empurro-o e pego as chaves da porta, abrindo-a.

Já descobri que sou péssima em mentir quando o assunto é Grayson Caine. Se eu inventasse de falar que não o pertenço, certeza de que minha voz daria um jeito de me trair e deixar tudo óbvio.

Babaca.

— Você não vem? — questiono com raiva, fulminando-o com o olhar.

Ele está parado, sorrindo, provavelmente satisfeito por ter me tirado do sério. Ao passar por mim, ele se abaixa para beijar minha bochecha, mas eu me esquivo, arrancando uma gargalhada do fundo da sua garganta.

— Você com raiva assim só aumenta mais ainda a minha vontade de rasgar esse vestido e te fazer gritar tão alto que toda a França irá ouvir.

— Pois você vai ficar com essa vontade a vida toda, seu desgraçado! — Mostro o dedo do meio a ele, saindo a passos duros para o carro e agradecendo por estar aberto.

— É o que vamos ver, minha leoa.



Veneza Thronicke

A mão de Grayson descansa na base das minhas costas de forma possessiva, quase como se quisesse marcar território, ao entrarmos no ambiente escuro, iluminado apenas por luzes estroboscópicas vermelhas. O decote na parte de trás do meu vestido desnuda a maior parte das minhas costas e costelas, e a sensação de sua mão forte e abrasadora contra minha pele exposta agita meu estômago.

Visualizo a maioria da comissão reunida próxima ao bar. Alguns bebendo, outros conversando, e posso até jurar que Lindsay está flertando com o nosso vice, Edmund. Devo estar vendo coisas. Ou não. Tenho certeza de que sua mão próxima à virilha do homem não é ilusão da minha cabeça.

Pisco algumas vezes e desvio o rosto. Minha técnica com apetite sexual com certeza *não* é uma coisa que desejo presenciar.

Cabeças viram para nos encarar ao cruzarmos o salão. Burburinhos nada discretos rolam à solta em questão de segundos. Pensei que só as jogadoras sofriam da síndrome da fofoca, mas, pelo visto, é *todo mundo.*

Uma música lenta e sensual ressoa dos alto-falantes posicionados próximos ao mixer do DJ, contribuindo muito para o ambiente devasso.

Antonella sorri ao nos ver e vem até nós, com uma taça de champanhe na mão. Ela está exuberante, com seu vestido vinho e colado ao corpo, cabelos cacheados presos em um penteado para lá de complicado e maquiagem favorável, nem muito pesada nem muito leve — perfeita. Eu não esperava menos, é claro. Antonella García é perfeita, uma das mulheres mais lindas que já conheci.

— Uau, vocês estão um arraso! — Ela comenta, olhando para o nosso visual. — Veneza, adorei seu vestido. Quero que me passe o nome da loja onde comprou depois!

— Pode deixar. — Sorrio, observando Grayson de soslaio, que, ao mesmo tempo que flexiona os dedos nas minhas costelas, distraído, passa o olhar em volta do ambiente, nem se dando ao trabalho de fingir que está gostando. Dou risada. — Grayson, essa sua cara de poucos amigos está bem óbvia. Tente esconder.

— Não quero esconder — retruca, seco. — Por que a gente não vai para casa, hein?

— Porque eu quero passar a noite bebendo e dançando horrores! — Desvencilho-me dele e passo para o lado de Antonella. — Já que não quer aproveitar, pode ir conversar com os seus amigos.

— Veneza... — Ele choraminga, massageando a têmpora.

Antonella dá um sorrisinho.

— Doutor Ca... Quero dizer, *Grayson.* — A ruiva pigarreia. — Pegue leve com ela. Estamos treinando feito condenadas nesses últimos dias, precisamos de um descanso...

— Isso mesmo.

— ...e, sinceramente, eu nem sei como Veneza aguentou tanto tempo sem ingerir álcool.

— Ei! — Bato no ombro da cacheada, e ela gargalha, entornando a taça na sua boca. — Você fala como se eu fosse dependente disso.

— Ah, fala sério. Você bebe cerveja como quem bebe água.

— Mas...

— Vai negar? — Ela arqueia as sobrancelhas em desafio.

Solto o ar pelo nariz, derrotada.

— Tá, tá. Mas isso não quer dizer que eu seja alcoólatra ou qualquer coisa do tipo, só...

— Nutre um carinho especial por qualquer coisa que possa te deixar bêbada com poucos goles. — Antonella completa, irônica.

Reviro os olhos, escutando a risada de Grayson.

— Sempre desconfiei desse lado de Veneza desde o dia em que ela roubou uma garrafa de cerveja da adega do meu pai.

— Ah, pelo amor de Deus! — exclamo, quando Antonella arregala os orbes em minha direção. — Eu estava curiosa para saber o gosto, tá legal? Não tem nada demais.

E é verdade. Não sou alcoólatra nem perto disso. Sim, posso ter usado a cerveja ou o vinho algumas vezes para esquecer dos problemas, mas nunca fui dependente de nenhum dos dois.

Grayson balança a cabeça e, no mesmo momento em que abre a boca para falar, alguém lhe chama. Ele bufa discretamente e abre um sorriso falso para o cara que é o dono da voz, avisando que já vai.

— Estão me chamando — diz, nada animado, e deposita um beijo no canto dos meus lábios. — Tem certeza de que não quer ir embora?

— Absoluta — garanto, atiçando-o com um beijo lento na sua mandíbula. — Vai lá, seus amigos querem te ver.

— Amigos da onça — murmura, irritado.

Comprimo os lábios para evitar que um sorriso nasça. Grayson e eu sempre fomos opostos nesse sentido. Enquanto ele preferia passar o dia em casa, morgando na cama ou estudando, eu era mais adepta às festas que aconteciam próximas de onde morávamos. Nem que os artistas fossem desconhecidos, eu ia apenas pela diversão e pela oportunidade de madrugar fora de casa e dançar horrores.

Claro que eu arrastava Grayson para ir comigo. Nas primeiras horas, ele até mantinha a pose de quem estava odiando, mas, com o tempo, ia se soltando. Quando pensávamos que não, ele já estava dançando junto a mim.

Assim que Grayson sai, Antonella entrelaça nossos braços e me arrasta para o bar. Fico alguns minutos tentando decidir entre licor, tequila, vinho, vodca, uísque...

— Vai de licor! — Antonella, cansada de esperar, decide por mim. — Você demora demais para escolher uma simples bebida.

— Olha o tanto de opções! — defendo-me. — Mas obrigada, eu ia mesmo escolher essa.

— Te conheço. — Ela me lança uma piscadela. — Tenho uma coisa para te contar.

— Mesmo? O quê? — pergunto, assentindo para o barman quando pergunta se quero gelo. Depois de pronto, ele me entrega e posso sentir um leve flerte na maneira como diz estar disponível se precisarmos de algo.

Ignoro.

A ruiva à minha frente cruza as pernas e umedece os lábios, parecendo ansiosa.

— É sobre o Finn.

— Hum... — Levo o copo de vidro aos lábios, me deliciando com o sabor. — Pode falar.

— Mais cedo, quando você ainda não tinha chegado, eu o vi conversando com o Robert, melhor amigo dele e tal, e... — Ela coça a nuca. — Ouvi algo sobre você. Mais especificamente sobre ele estar *louco* para te beijar. Há tempos. E que iria aproveitar para fazer isso hoje.

Se eu já não tivesse engolido o líquido forte, teria me engasgado.

— *Como é*?! — sussurro-grito. — O Finn? O mesmo Finn que eu conheço?

— Sim, gata. Aquele cara gostoso que faz parte da nossa comitiva e que... bom... — sua atenção voa para além de mim — está quase te devorando com os olhos neste exato momento.

Entendo que ele deve estar atrás de mim, por isso, me faço de louca e miro a garrafa de licor na minha frente, virando-a outra vez de encontro ao meu copo, enchendo até o topo.

Puta merda! Finn quer me pegar?! E por que eu não estou nem um pingo excitada?!

Deve ser a bebida. Claro que é a bebida.

— Antonella — chamo.

— Sim?

— Cite 3 coisas que esse cara deve fazer na cama — ordeno.

A ruiva franze o cenho com o pedido, porém, começa a listar:

— Ele deve prender seus pulsos.

— Hum...

— Estapear sua bunda.

— Hum...

— Ele deve ter uma boca muito suja também. — Tamborila os dedos no queixo, pensativa. — É, com certeza, Finn deve ser do tipo que adora algo bem bruto.

Começo a me desesperar.

Por que eu não estou sentindo uma gota de tesão ao imaginar essas cenas, droga?!

— Acho que estou com algum problema. — Checo minha temperatura. — O que tem nessa bebida?

— Fruta, tempero, álcool, açúcar... Por que está perguntando isso? E por que você estaria com algum problema?

Engulo em seco, forçando minha cabeça a ficar quieta no lugar e não virar para trás.

— *EunãotôsentindonadapeloFinn* — disparo.

— Quê?

Rolo os olhos, dando batidinhas nervosas na minha coxa e forçando minha mente a desacelerar.

— O Finn, Antonella... Eu... sabe? Não estou sentindo... Como eu posso dizer...

— Tesão por ele? — completa, sacando tudo.

— Isso — confirmo, envergonhada.

A ruiva libera uma risada alta.

— E você está assim só porque a Venezinha decidiu não reagir ao gostosão ali?

— Óbvio?! — exclamo, ignorando seu apelido tosco. — Sabe há quanto tempo eu quero dar pra esse homem? Há meses! E, agora que estou tendo a oportunidade, simplesmente... *não quero*? É ridículo!

— Ridículo é você querer negar que essa “bebida” tem nome e sobrenome, e é *Gray-son Cai-ne* — sibila, rindo, e dá uma golada na vodca que pediu para o barman. — Não sei o porquê desse alvoroço. Com um homem lindo daquele à minha disposição 24 horas e louco por mim, eu estaria feita.

— Antonella... — Suspiro, meio aérea. — É mais complicado do que você pensa. Grayson e eu... Temos uma história, e ela não é das mais fáceis.

— Eu não faço ideia do que vocês passaram ou do motivo que te levou a odiá-lo, mas... o destino deu mais uma chance a vocês, e acho que já está na hora de deixar o passado para trás. Grayson parece disposto a te reconquistar.

— Ele já me conquistou, Antonella, há anos... — confidencio, triste. — É que... eu tenho medo. Medo do pesadelo se repetir. Medo de me entregar. Não confio tão facilmente nas pessoas, você sabe, e, por muito tempo, Grayson foi a única pessoa em quem eu confiava, mas, como *todas* as outras, ele fez exatamente o contrário do que eu esperava. — Rodeio a boca do copo com o dedo, ponderativa. — Eu tenho vontade de recomeçar, *muita* vontade, mas sou ressentida, medrosa, ainda estou magoada. Grayson nunca me contou o porquê fez o que fez, e eu vivo assim, dando tiros no escuro. Fingindo que somos um casal quando, na verdade, eu ainda lembro de cada noite em que chorei por ele. Do quanto ele me deixou sozinha e... — Passo a mão no cabelo. — Esquece, já falei demais.

Antonella parece estar prestando atenção no que digo, com aquele olhar de quem está interessada e pensativa sobre o assunto. Mordendo os lábios, ela se ajeita na banqueta e respira fundo, pousando a cabeça no punho.

— Há quanto tempo?

— 9 anos — respondo, sentindo areia na boca.

Ela fica surpresa.

— Vocês eram novos, Veneza. Imaturos. Muitas coisas mudaram de lá pra cá. Grayson virou um *homem.* Responsável, aliás.

— E como eu vou saber se isso não faz parte do caráter dele? Se ter sido idiota comigo não é apenas um traço de personalidade?

— Você o conhece.

— Aparentemente, não conheço, não.

— Sim, você conhece. Sabe que ele não é um filho da puta. Lá no fundo, mesmo que não queira admitir, sabe que ele te ama. Ama *mesmo.*

— Como você tem tanta certeza?

— Simples. — Dá de ombros. — Eu percebo a maneira como ele te olha, como fala *de* e *com* você. Acredite, Ness, nada é mais sincero do que aquele brilho no rosto dele sempre que você está por perto.

— Eu tenho medo, Antonella... — sussurro, cabisbaixa. — Tenho medo de me machucar de novo.

— E é totalmente compreensível, mas é inaceitável que você deixe esse sentimento te dominar. Já parou para pensar que você pode estar perdendo um futuro incrível com aquele homem que é *louco* por você, diga-se de passagem, só por medo?

Sua afirmação é equivalente a um soco no estômago. Odeio que meus pensamentos estejam me levando até cenários onde Grayson e eu estamos felizes, sem remorso, sem culpa. Cenários onde isso já é passado. Onde... onde... estamos reconstruindo uma vida.

— Veneza? — O chamado de Antonella me faz levantar a cabeça, me arrancando dos meus devaneios. — Posso te fazer uma pergunta? — Faço que sim com a cabeça. — Você ainda o ama?

Eu nem preciso pensar duas vezes. Esse é o tipo de pergunta que, aliás, eu não preciso nem pensar. Está na ponta da língua. O difícil mesmo é admitir.

— Uhum... — Paro de encará-la, constrangida. — Muito.

Ela sorri.

— Eu já imaginava. — Afasta o cabelo do rosto. — Bom, conselhos dados. Não posso te obrigar a ficar com ele, a aceitar o que estou dizendo, mas é para o seu bem, e acho... Acho que você deveria considerar.

Por instinto, meus olhos procuram por Grayson. Parado, em pé ao lado de alguns amigos, ele conversa sem muita paciência com eles. E, como um magnetismo, se vira no exato momento em que eu o fito. O sorriso que chega à sua boca me desestabiliza.

No entanto, seu sorriso morre com a mesma velocidade que nasceu. Literalmente.

Não preciso ir atrás para saber do que se trata.

Sinto mãos rodeando minha cintura e um beijo sendo dado na minha bochecha.

Ainda estou encarando Grayson, e a expressão de fúria mesclada ao ciúme seria cômica se ele não estivesse com um olhar assassino no rosto. Mas não posso negar que o desgraçado fica gostoso pra cacete assim. A mandíbula trincada, as sobrancelhas grossas bem unidas, veias saltando de suas mãos ao apertar o copo de água entre elas…

Como eu disse, ele fica gostoso pra cacete.

— Olá, Veneza. — Finn dá a volta e para ao meu lado, cumprimentando Antonella com um menear de cabeça. — Olá, Antonella.

— Finn. — Ela responde ao cumprimento, tensa.

— Oi — falo, sem saber como reagir. Ainda estou impressionada por não estar sentindo absolutamente nada por ele.

— A senhorita me concede uma dança? — Ele desliza a palma calejada por meu braço até alcançar meus dedos.

Tento evitar, mas não consigo *não* olhar para Grayson.

E... *Puta merda.*

A passos duros e determinados, ele borboleteia pela multidão, empurrando algumas pessoas no caminho e rumando para onde estou, colérico.

Droga... Gostoso demais.

Cruzo as pernas.

Sim, ele, sequer, me tocou e eu já sinto meu núcleo implorando por atenção.

Bebida infernal.

Nada delicado, ele se posiciona atrás de mim e rodeia um braço por minha cintura, a outra acomodando nos meus ombros nus. O toque é possessivo, como se quisesse marcar território, e a encarada que dá em Finn é como a porra de um macho alfa babaca.

— Acontecendo alguma coisa? — questiona, deixando um beijo no topo da minha cabeça enquanto faz círculos imaginários no meu braço.

— Hum... — As feições de Finn se tornam confusas. — Nada? Apenas chamei Veneza para dançar.

A risada debochada de Grayson gera uma onda de arrepios por minha coluna.

— Felizmente, ela não está disponível. — O idiota envolve minha nuca, massageando um ponto extremamente sensível, e eu tenho que me esforçar para não soltar um gemido. — Não viu as notícias?

Antonella apenas observa a cena, chocada.

— Vi, mas... não pensei que fossem reais.

— Elas são.

Finn desliza o olhar para mim, pedindo por uma confirmação. Dou de ombros, nem negando nem afirmando, mas, para ele, essa é a resposta de que precisava. Coçando a cabeça, como se estivesse desconfortável, aquiesce e dá um “tchau” para a gente, se perdendo na multidão.

— Que droga. — Antonella solta. — Ele ficou chateado. O que vocês acham de eu ir consolá-lo?

— Você não estava com...?

— *Filho da puta* — Grayson chia, me interrompendo, e toma o lugar de Finn. — Que cara idiota.

— Ele só me chamou para dançar, Grayson. Descansa. — Dou pouca importância, entornando o licor nos meus lábios.

— Ele não ficou sabendo dos boatos, porra?!

— Sim, Grayson, ele ficou sabendo dos *boatos.* Que eu saiba, não temos nada, e muito menos confirmado. — Salto da banqueta, meio trôpega. — Agora, se me der licença, irei dançar. *Sozinha,* no caso, já que você estragou tudo.

Grayson gargalha, descrente.

— É isso que você quer, porra? Uma dança? Tudo bem, eu posso te dar. — Ele me puxa pela cintura e desce os lábios para a minha orelha. — Está acostumada a rebolar até o chão enquanto se esfrega em alguém? Ótimo, meu amor, mas saiba que eu serei a única pessoa em quem você irá fazer isso daqui pra frente.

Idiota, idiota, idiota.

Imagine se ele soubesse que, pelo visto, eu não fico excitada por mais ninguém além dele?

— Não me faça enjoar, Grayson — ronrono, levando as unhas pintadas de vermelho ao seu queixo, elevando-o. Um sorriso ferino toma meus lábios. — Há milhares de caras ansiando por essa oportunidade.

— Não me provoque, linda — rosna baixinho, mas ameaçador o suficiente para eu saber que ele não está brincando caso decida fazer exatamente isso.

Dou risada, arrastando a língua por seu maxilar, sugando a região perto da orelha.

— Vem. — Afasto-me e pego o copo de licor que deixei no balcão, o líquido desce queimando por minha garganta. — Deixa eu te mostrar o real motivo dos homens fazerem fila para ter uma chance comigo.



Grayson Caine

Não acredito que estou excitado e cuidando de uma Veneza extremamente bêbada.

Não é normal o quanto essa mulher bebeu essa noite e continuaria bebendo se eu não tivesse impedido. Como também não é normal o quanto estou duro após o showzinho particular que ela deu para mim há alguns minutos, esfregando seu corpo no meu, descendo as mãos por meu peitoral, mantendo o olhar cativo em mim enquanto rebolava até o chão. Todos assistiram àquela baixaria, mas ela não se envergonhou, apenas continuou como se fôssemos só nós dois ali. E se eu dissesse que, ao contrário dela, me constrangi, estaria blefando.

Eu adorei aquela merda, adorei o olhar invejoso dos homens sobre ela, sobre as mãos dela em *mim.* Adorei porque, agora, não há mais dúvidas acerca de nós.

Embora Veneza ainda tenha.

— Só mais um... — Ela pede, levantando um dedo, seus lábios formando um bico manhoso.

As palavras trôpegas e emboladas são o incentivo de que preciso para entregar a garrafa de vodca ao barman, que não tirou os olhos da minha garota desde que ela chegou.

— Não, Veneza. Vamos embora. — Afasto-a do bar contra sua vontade, claro, que protesta o caminho todo.

A essa altura, estão todos tão bêbados como ela, até mesmo Antonella, que estava se pegando loucamente com Finn, tão bêbado quanto, então o estado deplorável de Veneza passa despercebido.

E, por falar em Antonella…, confesso que estranhei o que vi, considerando a aproximação entre ela e Caleb na noite em que jantaram na nossa casa.

— Eu quero continuar dançando! — Ela se debate nos meus braços, tentando se soltar.

— Não, Veneza — repito, acenando para o segurança, que me ajuda ao abrir as grandes portas da boate. Agradeço. — Vamos para casa.

— Nãão... — protesta, arrastado. — Você é um chato!

— É para o seu bem. — Abro a porta do carro, coloco-a no banco de passageiro e passo o cinto ao seu redor. — Já bebeu muito essa noite.

Ela solta uma risada estranha, a expressão vagamente perdida.

— Desde quando você se preocupa com... comigo?

Até bêbada, porra!

Já com as mãos no volante e pronto para começar a dirigir, suspiro, virando o rosto para encará-la. Ela parece mais vulnerável agora, mesmo com a língua afiada.

— Desde sempre, Veneza. Sempre me preocupei com você.

— Se... se fosse verdade — ela soluça —, você não teria me deixado. — É engraçado como não há raiva no seu timbre, não a que costuma aparecer quando está sóbria, mas, ainda assim, meu peito se aperta. — Por que me deixou, G-Grayson?

— Veneza... Não vamos falar disso agora...

— Você fugiu por 9 anos... — sussurra, e eu quero muito estar alucinando, porém, acabo de ter a impressão de que sua voz embarga. — Você fugiu e... e nunca me deu uma explicação.

Cacete. A voz dela está realmente embargada.

— Meu amor...

— Me diz, por favor — implora, os olhos marejados. — Você parou de me amar? É isso? Você encontrou outra mulher e...

— Não! — corto imediatamente suas suposições sem sentido algum. — Não, porra, eu nunca parei de te amar e não houve nenhuma outra mulher depois de você.

— Então, por quê? — insiste, quase em um sussurro. — Por que me deixou sozinha?

O que mais me mata é ter que escutar seu tom baixo, quebrado e falho. Eu preferiria que ela estivesse gritando comigo, descontando seu ódio da forma que sabe. Não assim, não tão frágil.

— Eu nunca quis isso — falo, o mais sincero que posso. — Nunca foi minha intenção te deixar.

— Mas deixou... — Ela rebate, e não há nada de agressivo na forma como faz isso. — Tem noção do quanto me machucou? Do quanto sua... Sua presença fez falta? Eu fiquei sem ninguém, Grayson... Sem ninguém para conversar, para dar um abraço, para dividir minhas conquistas...

— Por favor, para... — suplico, as lágrimas contidas nos meus olhos ameaçando desabar.

— Eu te enviei cartas todos os dias, eu te liguei todos os dias... — continua, e o que eu menos esperava acontece: Veneza começa a chorar. Uma lágrima solitária escorrega por sua bochecha, depois outras. Ela não as limpa nem faz menção disso. Com os lábios trêmulos, faz uma pausa

e, depois, volta a me torturar: — Eu esperei você voltar por anos, me agarrei ao dia em que disse que, não importava o que acontecesse, você iria voltar para mim. Todos os dias, eu ia aos correios com a esperança de encontrar uma correspondência sua, gastei o pouquinho do dinheiro que eu ganhava comprando envelopes e enviando-os para um endereço que eu nem sabia se ainda era o seu...

Ainda era o meu. Eu recebi todas as cartas. Li todas elas. Guardei cada uma na caixa de memórias que tenho reservada apenas para Veneza. Também escutei todas as mensagens que ela deixou na caixa postal. Todas elas. E nunca respondi por ser um maldito covarde. Por não ter coragem de enfrentá-la.

— Me perdoa... — Cubro sua mão e entrelaço nossos dedos, sentindo meu rosto molhado. — Me perdoa, meu amor, por favor.

— Como eu posso te perdoar se você nunca... Nunca me deu uma explicação? Você simplesmente volta, diz que vai me reconquistar, mas... só. Estou vivendo no escuro com você, com medo de me entregar, com receio de acontecer o que aconteceu. Eu pareço ser forte, não é? Sem sentimentos, fria. Mas, Grayson..., eu estou tão quebrada, tão cansada. Coloco uma máscara de megera e afasto todos que tentam se aproximar porque morro de medo de que me abandonem de novo. Meus pais fizeram isso, *você* fez isso, por que outros não fariam? Por que ninguém consegue se manter na minha vida por muito tempo? Eu sou tão difícil assim? Tão complicada?

— Não, Veneza, não... Não pense nisso nem por um segundo, está bem? O problema não está com você, nunca esteve. — Abarco seu rosto em minhas mãos, beijando sua testa. — O motivo de eu ter ido embora não teve nada a ver com você. Foi a decisão mais difícil que já tomei, ir embora enquanto uma parte do meu coração ficava em outro lugar.

Ela espera por uma continuação, os olhos vermelhos cheios de expectativa.

— A verdade é que eu era imaturo, achava que podia te proteger dos meus problemas deixando tudo para trás.

— Proteger de quais problemas, G-Grayson?

Eu pondero. Penso e repenso. As possibilidades martelando na minha mente.

Fiquei anos remoendo esse assunto, pensando em como contar a ela, treinando na frente do espelho e mergulhando em inúmeros cenários onde ela me perdoa. Em nenhum deles, eu cogitei essa situação. Veneza bêbada, correndo o risco de não recordar sobre nada na manhã seguinte, enquanto despejo sobre ela todos os motivos que me levaram a fazer o que fiz.

Não é justo com ela.

Não é justo conosco.

Por isso, eu nego com a cabeça. A decepção que enevoa as feições de Veneza parte meu coração, mas é necessário. Não foi assim que planejei fazer isso e, mesmo doendo negar à minha garota algo tão importante, é necessário.

— Grayson...

— Amanhã, quando acordar e ainda se lembrar disso, nós conversamos, tudo bem? — prometo, beijando sua testa.

— E se eu não lembrar? — sussurra. — Você não vai me contar nunca?

— Eu vou, meu amor. Juro que vou. — Escovo uma mecha de cabelo para detrás da sua orelha. — Agora, vamos, tudo bem?

Ela dá um suspiro derrotado, se desvencilhando do meu toque e encolhendo o corpo para o lado da janela, encostando a cabeça no vidro.

Faço o caminho para casa em silêncio.

Ao chegarmos, Veneza está dormindo no banco. Pego-a no colo com cuidado, fecho a porta do carro com o pé e caminho até a residência, sua cabeça deitada no meu ombro e os braços ao redor do meu pescoço.

Acendo as luzes e, tomando o máximo de cuidado para não fazer barulho, ando com ela para o seu quarto, deitando-a na cama. Mesmo inconsciente, ela se remexe até encontrar o travesseiro, repousando ali. Retiro seus saltos, anéis, brincos, inclusive o colar de diamantes. Porém, quando faço menção de tirar também a cordinha velha do seu pescoço, ela solta um murmúrio e vira para o lado oposto ao meu, me impedindo de alcançá-la.

Certo, coração. Você é realmente bem fraco.

Respirando fundo para expelir, pelo menos, um pouco da sensação de que irei explodir a qualquer instante, planto um selinho casto na sua têmpora, inspirando seu cheiro.

— Eu te amo — digo bem baixinho no seu ouvido. — Eu te amo tanto que me desespera a ideia de ficar sem você para sempre.

Veneza respira entrecortado, abraçando seus lençóis como se pudessem confortá-la.

— Eu também... — Ela sussurra de volta, a voz quebradiça, quase inaudível, ainda de olhos fechados.

Eu me assusto, não esperando que ela fosse confessar.

Então, me lembro de que ela está bêbada e que nunca admitiria isso em plena consciência. Tento explicar para o meu coração esse fato, mas ele está extravasando emoção por todos os poros.

— Boa noite, vampirinha. Até amanhã.

Dessa vez, no entanto, não obtenho resposta e, pela respiração pesada, creio que, agora, ela pegou no sono de vez.

Permaneço admirando-a por longos minutos. Presto atenção nos seus lábios entreabertos, na expressão serena, nos seios subindo e descendo com tranquilidade.

Eu daria tudo para voltar a dormir todas as noites com ela de conchinha e acordar com seu corpo todo sobre o meu, o rosto afundado no meu pescoço.

Amanhã.

Se Veneza lembrar de, pelo menos, um terço do que conversamos, irei revelar tudo o que ela precisa saber, responder todas às suas perguntas e suportar o ataque de fúria que, provavelmente, ela terá.

Se isso significar manhãs ao seu lado em troca, estou disposto a qualquer coisa.



Veneza Thronicke

O maior castigo que a vida pôde me dar foi me permitir lembrar do que faço enquanto bêbada.

Sério, ninguém merece lembrar dessas merdas.

Minha cabeça lateja, e é como se um trator tivesse passado por cima de mim. Mas, claro, como se não fosse o bastante, ainda consigo recordar de cada coisa que falei e fiz na noite passada.

É inacreditável a vergonha que passei ontem. É inacreditável o absurdo de besteiras que falei. Todas verdades, mas que não deveriam ter saído da minha boca de jeito nenhum.

E ainda disse que também o amava. Por Deus! Não que seja mentira, mas era exatamente o contrário do que eu estava tentando fazê-lo acreditar.

Regra número... do meu Guia de Sobrevivência: Nunca, jamais, em hipótese alguma, fique bêbada sabendo que Grayson está a um raio de menos de um metro de distância.

Pressiono as pálpebras doloridas, como se alguém estivesse rachando meu cérebro ao meio e essa dor irradiasse por todos os lugares. Com esforço, sento-me na beirada da cama, visualizando um copo d’água

que, pelo visto, foi colocado ali há pouco tempo e um comprimido para curar ressaca.

Sorrio comigo mesma, mas ele logo desaparece ao lembrar da besteira que fiz.

Praguejando baixinho, enfio o comprimido garganta abaixo e tomo um gole da água fria para ajudar a descer. Pegando minha toalha e indo tomar um banho rápido, torço para que Grayson tenha saído ou algo assim. Não sei se tenho coragem para enfrentá-lo logo de manhã.

“Amanhã, quando acordar e ainda se lembrar disso, nós conversamos, tudo bem?”

Foi a primeira coisa na qual pensei quando despertei.

Sobre o motivo de tê-lo levado a sair da minha vida.

Sobre a explicação que ele prometeu me dar.

A curiosidade deteriora cada célula do meu corpo. Estou louca para saber, mas com *tanto* medo ao mesmo tempo.

Ainda assim..., não é conveniente que eu dê para trás agora, é? Quero dizer, eu esperei anos por isso, e, agora, Grayson me *prometeu.* Tenho que fazer minha parte em exigir uma resposta, e se ele, mesmo eu estando sóbria, não quiser me dizer, irei entender que nós nunca funcionaremos juntos novamente. Se ele está omitindo, é porque algo grave aconteceu, o que já é, dentre tantos, outro motivo suficiente para eu não me arriscar numa segunda chance.

Visto as típicas “roupas de casa”, arrumo meu cabelo e expiro com força, me preparando.

Não vou chegar e perguntar logo de cara. Vou esperar as coisas seguirem seu fluxo e, quando achar que chegou a hora, irei abordá-lo.

Deus, me dê forças, pois não sei se estou preparada para ouvir o que ele tem a dizer. Todavia, estou cansada de viver com dúvidas

rondando minha mente há tanto — e todo — tempo.

Pigarreio, dou batidinhas nas minhas bochechas e saio do cômodo. O cheiro de café da manhã me dá bom dia antes mesmo que eu ponha os dois pés para fora, marcando a presença de Grayson.

Ele vira ao perceber minha presença. Seu rosto está tenso, quase preocupado, e eu sei o motivo. Também me sinto assim: tensa, preocupada, aflita.

— Bom dia — desejo, espremendo os lábios.

— Bom dia. — Sorri, mas não é daqueles verdadeiros. Na verdade, é daqueles congelados, nervosos. — Dormiu bem?

— Sim, só acordei com muita dor de cabeça. Inclusive, hum… Foi legal, sabe? Ter me dado o remédio.

— Não precisa agradecer. — Coça a nuca, mostrando a apple pie[1] que fez. — Não vai precisar fazer café da manhã. A não ser que vá me deixar comer tudo sozinho...

— Tá brincando? — Rio. — Claro que não. Faz tempo que não como.

— Ótimo, porque fiz pensando em você.

Minha pulsação acelera.

— Certo... — Anuo, sentando em uma das cadeiras, minha barriga roncando. — Parece que está uma delícia.

— Espero que esteja. Vi uns vinte tutoriais na internet. — Grayson pega um prato grande, com a torta em cima, e põe na mesa. — Promete gostar?

Sorrio, totalmente atraída pelo sorriso *dele*.

— Se estiver bom, sim.

— E se estiver ruim?

— Minha cara não vai conseguir mentir.

Ele gargalha, concordando, e se assenta à minha frente.

Grayson aguarda ansioso por minha reação quando levo um pedaço da torta à boca, dando uma mordida generosa.

Maçã, baunilha, açúcar e tudo o que há de melhor no mundo explode em 1 milhão de sabores. Não posso evitar gemer de satisfação, porque, droga, está uma delícia.

— Gostoso?

— Muito — murmuro, de boca cheia. — Não querendo amaciar seu ego, mas está realmente uma delícia. Só não fique se achando muito.

— Impossível. Estou sendo elogiado por Veneza Thronicke, acho que venci na vida — brinca, cortando o próprio pedaço e comendo.

Libero um riso curto.

— Bobo.

Seguimos comendo em silêncio. Quando Grayson levanta para lavar o prato, eu levanto pouco tempo depois, parando ao seu lado. É notável a inquietação no ar, recorrente do quanto queremos falar daquilo, mas apreensivos.

Poxa, eu realmente não aguento mais esperar para ter essa conversa. Está acabando comigo aos poucos todo esse suspense em torno de algo que poderia ser resolvido com um simples diálogo.

— Eu lembro.

As palavras pulam para fora da minha boca mais rápidas do que minha mente consegue processar.

Grayson arregala os olhos, seu rosto fica pálido, e eu tenho a leve impressão de que ele pode desmaiar a qualquer momento.

Tudo bem, é exagero, porém, sua reação deixa isso a entender.

— D-de tudo? — Sua voz não passa de um fio de linha.

Ok, agora não tem como voltar atrás.

— De tudo — confirmo, deixando as louças de lado. — E eu quero saber a verdade, Grayson. Você me prometeu, lembra?

— Lembro. — Seu pomo-de-adão convulsiona. Uma risada enervada irrompe da sua boca. — Cacete, eu não estava preparado para isso.

— É simples. Só preciso saber o motivo real de ter ido embora.

— Veneza...

— Você me *prometeu*. — Começo a me enfurecer. — Você prometeu, droga, e eu quero a resposta.

Seu olhar demora mais um tempo em mim ao suspirar pesadamente. Balançando a cabeça e se dando por vencido, ele seca o prato, as mãos, e se vira para mim.

— Do começo?

Jesus, nem acredito que isso está acontecendo.

Endireito minha postura e assinto, impaciente.

— Do começo.

Grayson passa as mãos no cabelo, fecha os olhos com força e, depois, os abre novamente, se preparando.

— No começo do verão na Austrália, em 2013, poucos dias antes de eu chegar em Melbourne para passar as férias, comecei a sentir náuseas muito fortes, falta de apetite intensa, daquelas que te deixam sem vontade de comer por horas, vômitos quase diariamente e... muito desconforto no abdômen. — Suas íris não estão mais em mim. Em vez disso, elas estão fixas no chão. O terror que percorre meu corpo amolece meus joelhos, e sou obrigada a me segurar na bancada para não cair. Ele volta a falar, no entanto, agora, seu timbre está mais baixo, quase

inaudível: — Fui diagnosticado com câncer no estômago poucas horas antes do voo.

Cubro a boca com as mãos, resfolegando. Parece que o ar fugiu dos meus pulmões. Simplesmente não consigo respirar.

Ele estava com câncer? Passou 3 meses ao meu lado doente, e eu nunca percebi?

— G-Grayson... — Meus olhos se enchem de água, sua visão se tornando embaçada.

— Meu pai combinou que iríamos iniciar o tratamento em Melbourne, já que seria mais complicado desfazer a viagem e voltar para Nova Iorque. Ele marcou consultas com médicos, e eu já estava até com a quimioterapia marcada para começar a ser feita após a cirurgia, mas não aceitei.

— P-por que não?

— Porque, no segundo dia em que pousei naquela praia, naquele lugar, eu te conheci. — Finalmente, seus olhos encontram os meus. — Eu te conheci e me apaixonei, bem ali, enquanto te via jogar. E, logo depois, descobri que você morava na casinha ao lado da minha. Como eu iria te conquistar se estava prestes a iniciar um tratamento que me deixaria careca em pouco tempo?

— O que você está querendo dizer, Grayson? — De repente, minha voz fica fria.

Ele sorri, mas eu não vejo graça nenhuma no que está falando.

— Neguei à quimioterapia, à radioterapia, à cirurgia, qualquer coisa que me deixasse minimamente menos atraente aos seus olhos. Empurrei meu câncer com a barriga durante 3 meses, jurando a mim e aos meus pais que iria ficar bem.

— Você não pode estar falando sério...

— Estou, e, se quer saber...

Eu estalo um tapa na sua bochecha, pegando-o de surpresa.

— O que você tinha na cabeça, caralho?! — grito, batendo no seu peitoral com as mãos fechadas. — Negar tratamento por *minha* causa, porra?!

— Eu não sabia das consequências disso, cacete! — Grayson segura meus pulsos, impedindo que eu continue a estapeá-lo. — Eu era imaturo, tudo o que queria era te ter e achava que você não iria se interessar por mim estando careca, com a barriga cortada e... essas coisas.

— Pois você não me conhecia, Grayson! Porque, se conhecesse, saberia que eu *nunca* estaria com você apenas pela aparência, que eu te acharia lindo de qualquer jeito! — Estou tão irada que poderia quebrar o pescoço desse filho da puta agora mesmo. — Que, antes de tudo, eu era apaixonada por quem você era, não pela quantidade de cabelo que você tinha nessa sua cabeça oca!

O sorriso ladino que ele abre me faz querer acertar mais um tapa nesse panaca.

— Eu fui idiota, meu amor, sei disso. — Respira fundo. — Percebi isso quando, no decorrer do tempo, eu ia piorando... Passava um dia inteiro sem comer, vomitava regularmente, não conseguia fazer atividades básicas, como ajudar meus pais em casa, por conta da fraqueza, e estava cada vez mais magro. — *Isso explica o porquê de suas negativas aos meus convites para jogar vôlei.* Grayson esfrega o rosto avermelhado e, provavelmente, dolorido, com as marcas dos meus dedos. — E, então, tudo piorou. Um dia antes de eu ir embora, meu pai estava decidido de que iríamos voltar para Nova Iorque e que seguiria à risca o meu tratamento...

— Ele... Ele não deixou que eu fosse junto?

— Pelo contrário, ele insistiu que eu dissesse a você, levasse você, eu que... Eu que não quis. — Ele parece envergonhado em admitir isso.

— Por quê? — sussurro, magoada. — Por que não me contou?

— Porque minhas chances de sobreviver eram poucas, Veneza — diz baixinho. — Porque a doença tinha evoluído de tal maneira que não havia mais certeza se eu iria sobreviver. Porque sabia como você iria reagir, sabia que iria querer largar tudo para ficar comigo, e eu não podia te prejudicar assim, prejudicar sua carreira. Não queria te ver sofrendo ao me ver definhar dia após dia.

Nessa altura do campeonato, eu nem me surpreendo ao sentir lágrimas inundando o colo dos meus seios. Se essa parte está assim, não quero nem saber como está meu rosto.

— Eu teria escolhido você a tudo isso, Grayson...! — choro. — Eu teria ficado com você independente de qualquer coisa.

— E era isso o que eu queria evitar, meu amor. — Ele me puxa e deita minha cabeça no seu peito, me abraçando. — Nunca quis que você largasse a sua vida por mim.

— *Você* era a minha vida... — murmuro, agarrando sua camiseta e certamente molhando sua roupa toda. — Minha família, meu único amigo... O que adianta ter uma carreira de sucesso se eu não tinha ninguém para me aplaudir ou me abraçar quando o mundo ruía aos meus pés?

O que digo, por algum motivo, meio que liga a represa de lágrimas de Grayson. Ele me aperta com mais força, espalha beijos por minha cabeça e testa como se o mundo fosse acabar, um choro angustiado desencadeando enquanto alisa minhas costas com as palmas das mãos e afunda o rosto no meu pescoço.

— Me perdoa, por favor.... Me perdoa, me perdoa, me perdoa.

— E se você tivesse morrido? — A frase por pouco não entala na minha garganta. — Você acha que eu iria sofrer menos?

— Eu não pensei em nada disso, meu amor... Não fui racional. Fui tolo, idiota, covarde. Não quis escutar meu pai e achei que sabia de tudo. — Ele pega meu rosto com as duas mãos, me olhando com profundidade. — Vamos esquecer isso, por favor? Vamos recomeçar? Me deixa apagar essa parte da história em que eu fui embora. *Por favor*.

Escorrego os dedos pela linha do seu maxilar, queixo, contorno sua boca e suas pálpebras. Decoro cada traço, cada pequeno detalhe. Seus olhos oblíquos, seus lábios cheios e bem desenhados, a mandíbula marcada... Memorizo-o como se fosse a primeira vez. A primeira vez de uma nova história.

— Você está curado? — indago, com medo da resposta.

— Completamente, minha leoa.

Meu peito se enche de alívio. Meu coração estremece.

Esse homem...

Meu homem.

Sempre meu.

— Acho que já estamos na idade de sermos sinceros com as intenções que queremos um com o outro. — Eu digo, acariciando seu cabelo macio.

Senti tanta falta disso.

— Eu também acho. — Arrebata-me com um beijo avassalador. — Mas já estou sendo sincero em relação a eles há muito tempo. Eu te amo. Eu te amo pra caralho. Eu te amo em níveis tão absurdos que Deus deve estar se perguntando o porquê de não ter me dado um coração maior para suportar tanto amor.

Gargalho em meio às lágrimas diante de seu exagero, jogando a cabeça para trás.

E, então, o sorriso mais sincero que dei nos últimos anos se faz presente nos meus lábios.

Respiro fundo.

— Eu também te amo, seu idiota.

O jeito que as sobrancelhas de Grayson ameaçam parar no couro cabeludo me faz rir, mas o jeito que seus orbes se enchem de alegria me faz... Me faz amá-lo um pouquinho mais.

— Repete. — Cola a testa na minha.

— Eu te amo — sussurro contra seus lábios.

— Porra, de novo.

Dou risada.

— Eu. Te. Amo! — repito, beijando sua bochecha. — Mas eu preciso ser sincera com você, Grayson.

— Por favor.

Pigarreando, comprimo os lábios, porque... é um assunto delicado.

— Te perdoar é uma decisão, mas isso não quer dizer que… Que eu esqueci do que fez — sou sincera. — Eu vivi por muito tempo em um lar sem amor, sem pessoas que estavam ali por mim, e tudo isso me gerou diversos e diversos problemas. Fiquei com raiva de você, das pessoas, do mundo. Ainda estou insegura, ainda acho que, em algum momento, você vai sair por aquela porta e desistir de mim...

— Não irei. Nunca mais.

— ...Mas estou disposta a depositar minha confiança em você, Grayson, então, por favor, não a quebre de novo. É sério, não terá volta. Eu não vou cometer o mesmo erro duas vezes.

— Eu juro que não. — Beija a ponta do meu nariz. — Eu não aceito menos do que o “para sempre” nas nossas vidas.

— Seu brega... — Reviro os olhos. — Tá, e agora, o que a gente faz? Eu te perdoei, nos declaramos...

— Tiramos nossas roupas.

Hum... Eu estava pensando exatamente nisso.

Não consigo desfazer o sorriso malicioso que puxa os cantos da minha boca.

— Eu acho uma ótima ideia.

— É? — Sorri, contundente. — Eu também acho uma ótima ideia.

Não demora nem meio segundo para nossos lábios colidirem um no outro e uma briga de dentes e línguas se formar, duelando por controle. Grayson arranca sua camiseta e, como um animal, rasga meu top com um único movimento. Reclamo entre o beijo, mas a reclamação vira um gemido quando seus beijos descem para o meu pescoço.

Perdemos a noção de espaço, do senso. Grayson me seduz até que eu esteja deitada no chão da cozinha, com ele entre minhas pernas enquanto sua língua explora meu clítoris e me faz gritar de prazer.

Já sem roupas — roupas essas jogadas em algum lugar —, ele põe uma das minhas pernas em seu ombro, ficando por cima de mim, me levando à loucura, à paixão, ao desejo.

Abro mais as pernas, ansiosa para tê-lo dentro de mim, do meu coração, da minha alma.

— Diga que é minha, Veneza. — Ele ordena, abocanhando meus seios. — Inteiramente minha.

— Eu sou sua, Grayson — gemo, conduzindo sua boca para o meu outro seio. — Inteiramente sua.

Um grunhido ressoa na sua garganta ao posicionar seu membro entre minhas pernas e se afundar por inteiro dentro de mim.

Gemo alto o suficiente para acordar os mortos, me agarrando aos seus ombros, arranhando suas costas. Ele bombeia mais forte, mais rápido, duro, atingindo meu ponto G enquanto choramingo de prazer e tesão acumulado.

Cacete, como eu senti falta.

Ao nos desfazermos, ele desaba do meu lado, arquejante. Aconchego-me em seu peito, sabendo que esse round foi só um aquecimento para as horas que iremos passar inaugurando cada cômodo desta casa.

— Senti falta disso... — Ele conta, recuperando o oxigênio para os seus pulmões.

— De quê?

Sei o que quer dizer, apenas quero ouvi-lo falando.

— Disso, Veneza. De *nós.* De fazer amor com você e depois ficarmos deitadinhos, abraçados.

— *Argh*, sempre tão meloso. — Rolo os orbes, passando a perna por sua cintura, nos aninhando mais ainda.

Grayson ri.

— Sabe de uma coisa?

— Ainda não tenho uma bola de cristal, então não.

— Porra, como você é grossa! — Ele me dá um empurrão. Dou risada.

— Vai, lindo. Sei de quê?

Ele derrete com o jeito que o chamo e a carranca logo passa.

— Quando fui para a Califórnia, eu estava com planos de te reconquistar até o fim do verão, com direito a beijo de reconciliação em frente ao mar e tudo, como sempre fizemos... Mas passamos a maior parte do tempo aqui, em Paris, só que aqui não tem nem praia. — Faz um bico descontente.

Para de me fazer te amar mais, que raiva!

— As olimpíadas estragaram seus planos, então?

— Completamente. — Bufa. — Eu tinha até o nome do projeto!

— Projeto? — Libero um riso alto.

— É, eu criei um projeto com a intenção de te ter de volta.

— Mesmo? — Continuo rindo. — Tem nome?

— “Nosso Eterno Verão”. Gostou?

— Uh, é um nome lindo.

— E significativo.

— Definitivamente — concordo, achando graça.

— Nos conhecemos no verão. — Ele lembra.

— E ainda estamos no verão — adiciono.

O rosto de Grayson se ilumina.

— Acha que podemos nos contentar com o Rio Sena?

— Acho. — Dou uma risada descrente e puxo seu queixo, beijando-o. — Deus tem um cronograma muito bom.

— Cacete, sim! — Ele se anima. — Então, meu projeto funcionou! Do verão para a vida.

Não consigo segurar a gargalhada escandalosa que me escapa.

— Jesus, que brega! — Limpo as lágrimas que escorrem dos meus olhos.

— Para de rir, estou falando sério! — Ele cutuca minha costela, sabendo que odeio.

— Desculpa. — Escondo o rosto no seu pescoço, cessando a risada. — Bom, voltando, como é mesmo o nome? Ah! “Nosso Eterno Verão”. Sabia que ele daria um ótimo título de livro?

— Verdade, e metade das páginas seria você me xingando.

— Você meio que mereceu. Aliás, *merece* — corrijo. — Acho que nunca vou parar de te xingar.

— Não importa. — Aproxima nossos lábios. — Contanto que me xingue enquanto promete ficar sempre comigo.

Suspiro, abobalhada.

— *Isso*... — Dedilho seu peitoral nu, pegando-o de surpresa ao montar sobre ele. — Acho que eu posso prometer.

— O que isso quer dizer? — Ergue uma sobrancelha, desconfiado.

Sorrio, rebolando no seu colo e sentindo meu melhor amigo acordar lá embaixo.

— É o jeito que mulheres dizem “com toda certeza, gato” — brinco, e o sorrisão que se abre no seu rosto induz um ainda maior a crescer no meu.

— Viveremos nosso eterno verão, então, vampirinha?

Depois de anos, nós merecemos isso, essa felicidade. Já cometemos besteiras demais, erramos demais, sacrificamos nossa felicidade *demais.* Principalmente eu. Cansei de fingir que o odeio, que minha vida seria melhor se ele estivesse fora dela.

Deus… Tantas mentiras que contei nesses últimos tempos.

É certo que vai levar tempo até que eu supere completamente o que ele fez. Talvez, nesse começo, eu ainda seja desconfiada, um tanto

grossa, difícil de lidar. Não vai ser do dia para a noite, de uma semana para a outra, estou ciente disso, mas…

Grayson é minha alma gêmea.

A tampa da minha panela.

A outra metade da minha laranja.

Um dos meus sonhos é ser mãe, e é impossível imaginar outro pai para os meus filhos que não seja ele.

Por que condená-lo por erros de um adolescente, sendo que estou pondo um futuro lindo em jogo, *nosso* futuro, ao fazer isso?

Não há mais o que discutir. Esse homem é meu e eu sou dele, e não aceito que ele divida uma casa e forme uma família com outro alguém que não seja eu.

Sem hesitar, eu presenteio meu único amor com a resposta que tanto espera.

— Viveremos nosso eterno verão, Gray.



Grayson Caine

Há 10 anos, Veneza participava de sua última olimpíada.

Há 10 anos, ela confirmava os rumores sobre nosso relacionamento ao pular nos meus braços após a vitória sobre a Coreia do Sul na final. E beijar, vale frisar. Ela me deu um beijo tão gostoso ali, na frente de todo mundo, que foi obrigado Lindsay nos dar um sinal para que parássemos.

Há 7 anos, nós oficializamos nossa relação em um casamento luxuoso e que custou uma fortuna, mas que valeu a pena cada centavo.

E, há 2 anos, nosso primeiro filho nasceu — primeiro, porque ainda pretendo encomendar mais alguns outros nenéns naquele forninho.

Veneza corre pela praia atrás de Zion, que dá altas gargalhadas, achando um máximo se sujar todo de areia enquanto foge da mãe.

Nós nos mudamos definitivamente faz pouco tempo para Melbourne depois que Veneza decidiu se aposentar. Com o tempo, ela percebeu que não estava mais jogando e competindo por amor, mas por obrigação, por medo do que seus fãs e a mídia iriam achar. Alguns, aquele público verdadeiro que sempre a apoiou, continuou enviando mensagens de carinho a ela, dizendo que, não importava o que Veneza fizesse, sempre a admirariam. Entretanto, claro, teve aquela parcela que a criticou e fez um inferno na vida da minha esposa por muito tempo.

Ela pediu minha opinião, e eu disse que ciclos se iniciavam e se encerravam, que tudo teria seu fim e seu começo.

“Menos nós”, Veneza disse, na época, carregando nosso filho na barriga. Eu concordei, porque nós somos eternos.

Então, aos 33 anos, a maior jogadora de vôlei que esse mundo já viu deu tchau às quadras. Mas, de vez em quando, ainda vemos Veneza-mamãe brincando com seu filho numa área separada por uma rede e uma bola sendo arremessada de um lado para o outro nos fundos da nossa casa.

Ela pode até ter saído do vôlei — da parte profissional, pelo menos —, mas o vôlei nunca sairá dela.

— Papa! — Zion vem correndo até mim e pula no meu pescoço.

Essa que deveria ter sido a primeira palavra dele!

— O que foi, garotão? — Faço cócegas na sua barriga, escutando sua risada gostosa.

O garoto é lindo, modéstia à parte. Mesmo com apenas 2 anos de idade, já dá para saber quão gato vai ser na adolescência e quando for adulto. Os cabelos são castanhos; os olhos revelam sua descendência, embora bem distante, asiática; os lábios são carnudos e

rosados, e já consigo imaginar o tanto de meninas que irão fazer fila para conseguirem sua vez.

Quero dizer, espero que Zion não seja desses. Filho meu será pau mandado de uma única mulher, assim como o pai foi — e ainda é.

Mas Veneza que se cuide, porque, desde agora, ela se mostra uma mãe extremamente ciumenta.

Falando nela, a mulher da minha vida vem logo atrás dele. Suada, mas nada cansada. A expressão plena e calorosa, em paz.

— Não sei onde esse garoto aprendeu a correr tanto! — Ela se joga na toalha ao meu lado e toma uma garrafa d'água, dando goladas grandes para aplacar a sede.

— Comigo que não foi. — Dou um beijo nos seus lábios, mas, quando tento aprofundar, Zion dá um tapa com as mãozinhas gordinhas no meu rosto. — Porra, filho!

— Olha a boca, idiota! — Veneza acerta outra mãozada nas minhas costas.

Que diabos é isso? Virei saco de pancadas, cacete?

— Idota! — Zion repete, rindo. — Papa é idota!

— Tá vendo as coisas que você ensina ao nosso filho?! — interrogo à Veneza, carrancudo.

Ela dá risada.

— Ei, meu amor, você não pode falar essas coisas pro papai. — Ela o repreende, naquele tom carinhoso que Veneza aprendeu a ter depois de descobrir a gravidez. Nem comigo ela fala assim! — Seu papai é lindo. O melhor do mundo. Não merece ser chamado dessas coisas.

— Eu sou, é? — provoco, e ela rola as íris. — O melhor marido do mundo também, pode falar.

— Não vou acariciar seu ego. — *Como eu não posso sentir meu ego sendo acariciado quando ela me olha assim, como se eu fosse tudo para ela?* — Mas, tá, você dá para o gasto.

Ponho a mão sobre o peito, ofendido.

— “Dá para o gasto”, linda? Assim você me magoa.

— Para de drama! — Bufa, porque isso está no top 3 das coisas que ela mais faz quando está comigo, só perde para me xingar e... bem... não preciso falar a outra coisa. — Você sabe que é o melhor marido do mundo.

— Não é como se você tivesse tido outro para ter um parâmetro de comparação — falo, pensativo.

— E eu preciso? Você pode não ser o melhor marido do mundo para aquela mulher que está sentada no colo daquele homem, mas é para mim, e eu não pretendo, nem preciso, ter um parâmetro de comparação para saber disso.

Eu pensei que algo assim não fosse possível, mas, mesmo após 19 anos, Veneza ainda é capaz de me proporcionar sensações loucas. Eu amo isso, amo saber que não caímos na rotina, que nós sempre seremos assim: dois loucos apaixonados, independentemente da idade ou dos anos que passarem.

— Quando ficou tão romântica?

— Hum... Vi umas frases assim no *Pinterest* semana passada.

Eu caio na gargalhada, e até Zion, que não está entendendo nada do que estamos conversando, me acompanha.

— Besta. — Viro nosso filho para o lado, distraindo-o com um cachorro brincando na areia, e me inclino para beijá-la. Dessa vez, um beijo mais prolongado do que de costume. — Eu te amo.

— Eu também te amo, meu amor. — Ela segura meu rosto, sustentando o contato.

— De que tamanho?

— Do tamanho da dificuldade que você é.

Rio anasalado.

— Ah, não. É muito pouco.

— Claro que não, ela é enorme! Tipo, maior do que todos os planetas juntos. Por isso que eu disse.

— Então, você me ama mais do que todos os planetas juntos? — instigo.

— Talvez... — Sorri, travessa, e, quando pensa em voltar a me beijar, Zion vira de abrupto.

Não é surpresa que minha outra bochecha fica ardida pra cacete.

Que saco, será que não posso flertar com minha mulher em paz?!

— O mar esvaziou. — Veneza anuncia, se levantando. — Vamos dar um mergulho?

Zion é o primeiro a se manifestar, pulando no meu colo ao estender os braços para a mãe. Assim que ela o pega, aninhando-o e brincando com sua barriguinha enquanto faz graça, eu fico de pé, arrumando os itens que trouxemos para a praia em cima das cadeiras.

— Má, mamãe. Eu quelo má! — Zion bate palminhas, ansioso.

— Nós vamos, meu amor. — Veneza beija seu pescoço, causando cócegas nele.

Sigo-os, correndo para alcançá-los, já que minha esposa está correndo e sem nenhum pingo de empatia com o fisioterapeuta enferrujado aqui. Ao chegarmos ao mar, a água está morna, perfeita, e eu não consigo não olhar para este momento com uma visão panorâmica, nostálgica.

Enquanto minha mulher, meu filho e eu brincamos, jogando água um no outro e pulando as ondas pequenas, a gargalhada alta de Zion reverberando, se duvidar, em toda a Austrália, eu volto para 2013.

Nossa história se iniciou aqui.

Na praia.

No verão.

Na quadra de vôlei a poucos metros.

E, 19 anos depois, nós voltamos.

Voltamos para o lugar que nos uniu. Que nos fez. Que nos quebrou. Que nos reconstruiu.

No mesmo lugar em que, um dia, prometi à Veneza que traríamos nossos filhos, mesmo sendo tão novos e eu achando que não tinha uma expectativa muito alta.

Alguns ciclos se encerram, mas não o nosso.

É daqui até que cheguemos àquele plano que chamam de “eterno”.

Veneza, Zion e eu.

A família que, aos 18 anos, em um hospital, com fios saindo do meu corpo e uma aparência nada atraente, eu disse que teria.

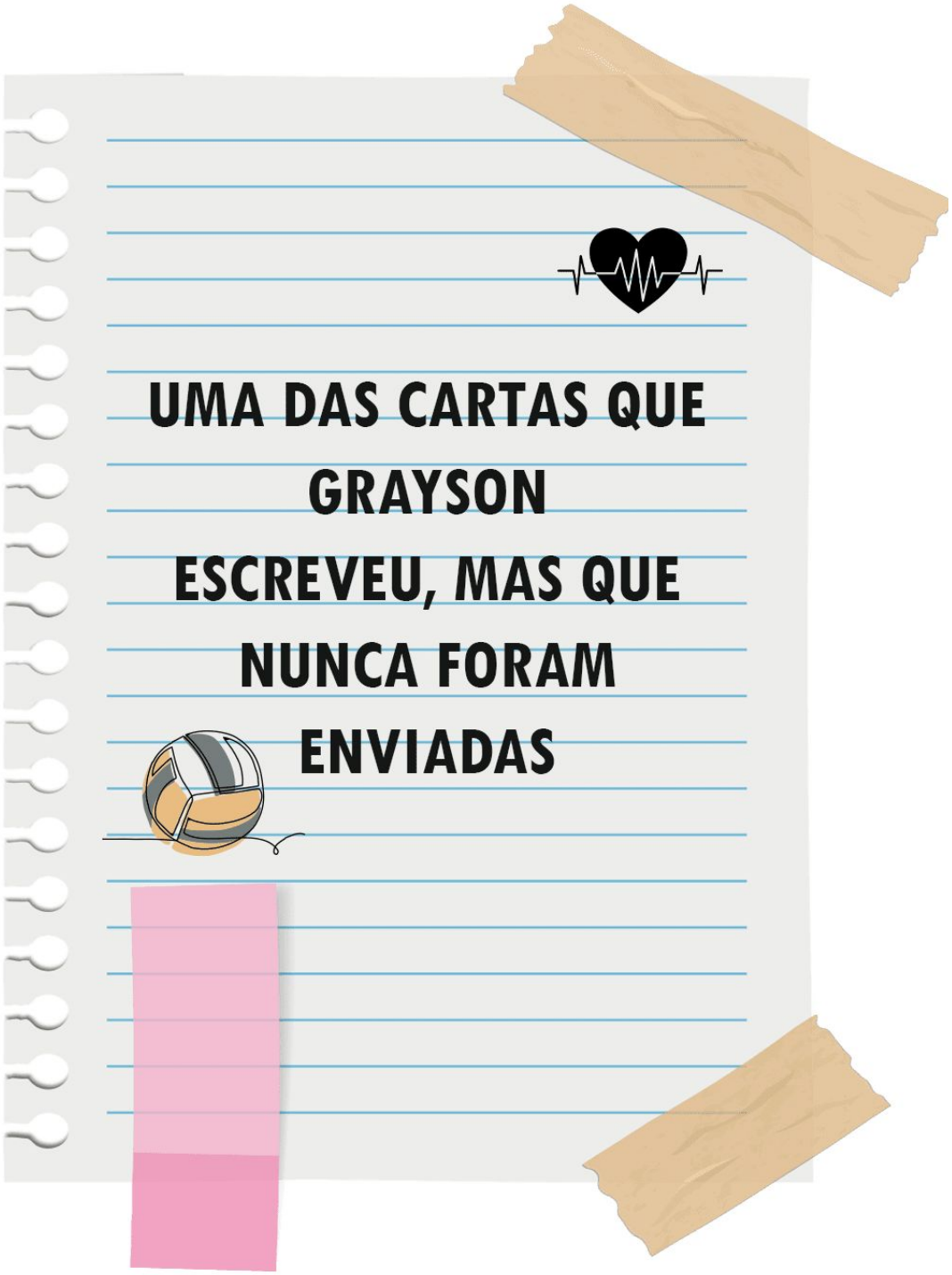
— No que está pensando? — Veneza questiona, puxando minha mão para me aproximar deles.

— No quanto eu sou sortudo por ter vocês. — Beijo sua testa. — Obrigado por ter me perdoado, vampirinha.

Ela corre os dedos por minha bochecha, claramente emocionada.

— Obrigada por não ter desistido de mim, lindo.

FIM.



Provavelmente, você nunca irá ler esta carta, assim como todas as outras dezenas que venho escrevendo ao longo dos anos.

Eu só queria dizer que venci o câncer.

Cinco anos depois de uma luta que parecia interminável, diagnósticos ruins e um tempo que parecia se encurtar a cada vez que eu acordava no meio da noite e vomitava sangue, nunca pensei que, um dia, isso fosse possível. Mas, ontem, o médico nos chamou e mostrou que não havia mais nenhum tumor e que, finalmente, eu estou livre dessa doença.

Quero dizer, há casos em que o câncer acaba retornando... Mas eu não quero pensar nisso agora.

Eu pensei que não fosse aguentar, vampirinha. Os últimos três anos foram os mais difíceis da minha vida. Suas cartas pararam, suas ligações também... Acho que você desistiu de mim, e não te culpo por isso. Eu também cansaria. Mas dizer que não doeu perceber que suas correspondências não chegavam mais é mentira. Doeu, e ainda dói. Elas eram as coisas que me mantinham vivo. Ouvir sua voz, sentir o cheiro do seu perfume nas cartas. Chorar quando via marcas de lágrimas sobre as letras perfeitamente legíveis.

Tudo doeu.

Ficar sem você doeu.

E é por isso que releio as 730 cartas que me enviou todo maldito dia.

Algumas nem possuem nada escrito, apenas um lembrete de que você ainda me ama... ou me amava.

Quero acreditar que, embora as cartas tenham parado, seus sentimentos continuam os mesmos. Talvez, com um pouco de remorso, mas eu os aceito, contanto que ainda me ame como eu te amo.

Perdidamente.

Comecei a cursar fisioterapia faz 1 ano. Estou adorando, ainda mais por você ter sido a minha inspiração. Lembro de te ouvir reclamando de fortes dores nos joelhos e nos ombros diversas vezes, obrigada a parar de jogar por algumas semanas por conta do inchaço. Acho que isso me

motivou, a ilusão de que, se o universo conspirar a nosso favor, eu posso, sei lá, ter a chance de cuidar das suas lesões algum dia. ;)

Depois de levar um tapa bem forte, é claro.

Deus, a simples menção da possibilidade de um dia te reencontrar faz minhas mãos suarem.

Amor, que tipo de feitiço você jogou em mim?

Ah! E falando nisso, quase ia esquecendo: hoje, eu te vi pela primeira vez na TV.

Você está jogando como titular em um dos melhores times de vôlei feminino do mundo com apenas 23 anos. Tem ideia do tamanho do meu orgulho? Eu cheguei a chorar quando te vi ali, não me pergunte o porquê.

Sempre acreditei que veria você se destacando nesse meio, virando uma das melhores, fazendo os saques mais lindos... Lembra quando, depois de ter perdido um campeonato importante, eu sussurrei no seu ouvido e disse que derrotas nunca influenciariam na jogadora extraordinária que iria se tornar?

Pois bem.

Eu até diria que sou vidente ou coisa assim, mas isso sempre foi tão óbvio para qualquer um…

Você nasceu com um talento sem igual. Queria estar aí para comemorar ao seu lado.

Talvez, um dia.

Minha aula vai começar agora, tenho que ir.

Pareço um louco escrevendo essas coisas, já que essas páginas cheias de relatos nunca irão chegar até você, só que... imaginar que estou falando contigo faz essa saudade se tornar menos insuportável.

Eu te amo.

Me perdoa.

Espero que, algum dia, eu tenha a chance de dizer essas duas coisas olhando nos seus olhos.

Até breve, minha leoa valente.

Grayson Caine;

Nova Iorque, 2018.

Para a mulher que roubou

um pedaço do meu coração.

---

[1] Com sua massa amanteigada e recheio fumegante de maçã, a Apple Pie é uma torta e um dos doces norte-americanos símbolo da cultura dos Estados Unidos.